

Q O R P U S

ISSN 2237-0617

VOLUME 14

NÚMERO 1

ABRIL 2024



PGET/UFSC

QORPUS

VOLUME 14 NÚMERO 1

ABR 2024

ISSN 2237-0617

Qorpus é um periódico vinculado ao
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
da Universidade Federal de Santa Catarina

Editora-chefe

Dirce Waltrick do Amarante (UFSC)

Editores-associados

Aurora Bernardini (USP)

Sérgio Medeiros (UFSC)

Editores-adjuntos

Ane Girondi (UFSC)

Vássia Vanessa da Silveira (UFSC)

Willian Henrique Cândido Moura (UFSC)

Conselho editorial

Alai Garcia Diniz (UFSC/UNILA)

Álvaro Silveira Faleiros (USP)

Ana Helena Barbosa Bezerra de Souza (UFMG/USP)

Andréia Guerini (UFSC)

Angelica Micoanski Thomazine (UFSM)

Clélia Mello (UFSC)

Donaldo Schüler (UFRGS)

Fábio de Souza Andrade (USP)

Larissa Ceres Rodrigues Lagos (UFOP)

Lúcia Sá (University of Manchester)

Luci Collin (UFPR)

Malcom McNee (Smith College)

Manoel Ricardo de Lima (UNIRIO)

Maria Aparecida Barbosa (UFSC)

Marie-Hélène Catherine Torres (UFSC/UFC)

Marília Librandi Rocha (Princeton University/Diversitas-USP)

Myriam Correa de Araujo Avila (UFMG)

Nora Margarita Basurto dos Santos (Universidad Veracruzana)

Odile Cisneros (University of Alberta)

Patrick O'Neill (Queen's University)

Piotr Kilanowski (UFPR)

Vitor Alevato do Amaral (UFF)

Walter Carlos Costa (UFSC/UFC)

Diagramação e Edição

Ane Girondi (UFSC)

Publicação Eletrônica

Willian Henrique Cândido Moura (UFSC)

Projeto Gráfico

Vássia Vanessa da Silveira (UFSC)

Imagem da Capa

Sérgio Medeiros (UFSC)

<http://qorpuspget.paginas.ufsc.br>

www.facebook.com/revistaqorpus

QORPUS

VOLUME 14 NÚMERO 1

ABR 2024

ISSN 2237-0617

SUMÁRIO

Editorial

Editorial.....	9
-----------------------	----------

Aurora Bernardini

Dirce Waltrick do Amarante

Sérgio Medeiros

Willian Henrique Cândido Moura

Ensaio

Quem tem razão sobre o valor dos livros?	13
---	-----------

Júlia Côrtes Rodrigues

Resenha

MULHERES Alteradas. Direção: Luis Pinheiro. Produção de O2 Filmes. Brasil: Distribuidora Paris Filmes e Downtown Filmes, 2018. Streaming Globoplay	27
---	-----------

Marjory Dotel

Traduções

Dois cantos infantis dos <i>Cantares mexicanos</i>	35
---	-----------

Tradução de Sara Lelis de Oliveira

A noiva, de Maeve Brennan.....	73
---------------------------------------	-----------

Tradução de Sabrina Siqueira

O tempo que nos escapa, de Fèlix Cucurull	83
--	-----------

Tradução de Elisa Bicca

O que acontece quando você conta a história de outra pessoa?, de Alexis Wright 91
Tradução de Myllena Lacerda

Um homem de negócios, de Sarah Orne Jewett117
Tradução de Alane Melo da Silva

Entrevistas

O teatro atrás das grades: uma entrevista com Cissa Lourenço, diretora e produtora da peça “Somos Todas Carolinas”, desenvolvida com as detentas do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de São Paulo.....145
Marcelo Rodrigues

Diretrizes do ERRO: Uma conversa com a cofundadora, dramaturga e *personatrimmer*, Luana Raiter, sobre a superação dos limites impostos ao teatro de ocupação161
Marcelo Rodrigues

Textos Criativos

Vó Cambinda173
Natália Scalvenzi

Leque181
Jeraldi Hiroki

“E foi assim que o mundo deu certo”183
Alice Soldan Rezende

Ensaio de encerramento

Capitu, a identidade e a engenhosidade feminina.....189
Aurora Bernardini

EDITORIAL





Editorial

Com uma pergunta contundente – “Quem tem razão sobre o valor dos livros?” – a ensaísta Júlia Côrtes Rodrigues abre este novo número da revista *Qorpus*, a qual, ao longo de suas edições, sempre se posicionou como uma publicação dedicada à reflexão crítica e teórica sobre arte, em diferentes áreas da cultura.

O cinema se faz presente por meio de uma resenha de “*Mulheres alteradas*”, de Luis Pinheiro, assinada por Marjory Dotel.

A seguir a edição traz diferentes exercícios de tradução com línguas variadas como catalão, náuatle, inglês... Assinados pelas tradutoras Sara Lelis de Oliveira, Sabrina Siqueira, Alane Melo da Silva, Myllena Lacerda e Elisa Bicca, esses textos confirmam, mais uma vez, o compromisso da *Qorpus* com a teoria e a prática da tradução no Brasil.

Duas entrevistas, ambas feitas por Marcelo Rodrigues, enfocam o teatro contemporâneo. Na primeira, Marcelo conversa com Cissa Lourenço, que dirigiu “*Somos todas Carolinas*”, uma experiência de teatro atrás das grades, encenada por detentas; na segunda, ele dialoga com Luana Raiter, dramaturga e cofundadora do grupo ERRO, destacando a história e os impasses do teatro de ocupação.

Textos criativos encerram a nova edição da *Qorpus*, que valoriza sobretudo novos autores: Natália Scalvenzi, Jeraldi Hiroki e Alice Soldan Rezende.

Por último, em comemoração à reedição das obras completas de Machado de Assis, temos um texto da professora Aurora Bernardini no qual ela revisita o comportamento de Capitu sob a ótica dos conceitos de identidade

Boa leitura!

Aurora Bernardini (Universidade de São Paulo)

Dirce Waltrick do Amarante (Universidade Federal de Santa Catarina)

Sérgio Medeiros (Universidade Federal de Santa Catarina)

Willian Henrique Cândido Moura (Universidade Federal de Santa Catarina)

ENSAIO



Quem tem razão sobre o valor dos livros?

Júlia Côrtes Rodrigues¹

Universidade Estadual de Campinas

Resumo: O universo dos livros foi movimentado de polêmicas na metade de 2023. Em junho desse ano, o influenciador Felipe Neto se queixou do preço elevado dos livros no Brasil e chegou a polemizar diretamente com editores ao declarar que um misto de “burrice com ganância” é o motivo para altos preços de capa. Sua fala gerou diversas respostas de editores e leitores, entre as quais se destaca o texto “Felipe Neto se engana sobre preço dos livros”, assinado pelo editor André Conti. O artigo foi publicado na Folha de São Paulo e chegou a ser o mais lido da seção ilustríssima. A esse debate acalorado sobre o valor comercial do livro, se seguiu a negativa do Estado de São Paulo a aderir ao Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), um gesto que também gerou discussão sobre políticas públicas para a leitura e o papel do estado na valorização do livro. Nesse ensaio, contrastamos as falas de Neto e o artigo de Conti, procurando refletir sobre o valor do livro de modo amplo no atual contexto brasileiro.

Palavras-chave: Precificação. Leitura. Editoração.

Who is right about the value of books?

The universe of books was full of controversies in the middle of 2023. In June, influencer Felipe Neto complained about the high price of books in Brazil and went so far as to argue directly with publishers by declaring that a mixture of “dumbness and greed” is the reason for high cover prices. His speech moved several editors and readers to respond. The most viral reaction is the text “Felipe Neto is wrong about the price of books”, by the editor André Conti. This heated debate about the commercial value of the book was followed by the refusal of the State of São Paulo to join the National Book and Didactic Material Program (PNLD), a gesture that also generated discussion about public policies for reading and the role of the state in valuing the book. In this essay, we seek to dialogue with Neto’s statements in his social networks and with Conti’s article, seeking to reflect broadly on the value of the book in the current Brazilian context.

Keywords: Pricing. Reading. Publishing.

Não faltaram polêmicas ao mercado editorial e livreiro em 2023. Um dos debates que mais movimentou a imprensa e as mídias sociais teve início em julho, com falas do influenciador Felipe Neto, tanto no Youtube quanto no Twitter, considerando o preço dos livros “impraticável” no Brasil (Neto, 2023, s.p). Neto polemizou ao afirmar que uma mistura de “burrice com ganância” explica essa alta de preços e que as editoras estão “metendo a faca” no livro digital, cujo custo de produção seria próximo a zero. Guilherme Boulos (Boulos, 2023, s.p) e Fabiano Contarato (Contarato, 2023, s.p.) concordaram com o questionamento, também via Twitter, e se disponibilizaram para discutir políticas públicas que possam reverter esse cenário.

¹ Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas.
E-mail: juliacortesrodrigues@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5056-1875>

Desde então, diversas pessoas do mundo dos livros responderam às provocações. A resposta que talvez mais tenha circulado é a do editor André Conti, hoje à frente da Todavia, em artigo à Folha de São Paulo. No texto “Felipe Neto se engana sobre preço dos livros”, que chegou a ser o mais lido da seção ilustríssima, Conti explicou todas as etapas de produção por trás do preço final de capa e fez um chamado à valorização dos livros e das pessoas que trabalham no setor.

É importante destacar que o título do artigo de opinião assinado por Conti não faz jus à totalidade de seu texto. O editor, como é de se esperar, contrapõe o argumento da ganância e da estupidez como as causas por trás de preços de capa tão altos. Em mais de um momento, porém, Conti concorda que muitos livros, inclusive livros produzidos por ele, são inacessíveis à população mais pobre. É Conti quem diz: “Difícil discordar que, num país pobre, o preço é um dos principais impeditivos para que mais pessoas possam comprar livros. [...] Felipe Neto está certo: R\$ 74 é um valor difícil em um país em que o salário mínimo é R\$ 1.320” (Conti, 2023, s.p). A economista Mariana Bueno, que realiza diversas pesquisas sobre o setor editorial, aponta que de fato o preço de um livro pode pesar no bolso das classes mais populares: “O livro não é caro para as classes A e B, que costumam gastar mais com outros bens culturais, como shows, cinema etc. Já para as classes C e D a vida é cara, é difícil ir a show, ao cinema, comprar livro. Quando faz, faz apertado.” (Bueno 2023 *apud* Sobota, s.p).

No texto para a Folha, Conti também compara o consumo de livros com o de outros bens culturais: “Um ingresso para o filme ‘Missão Impossível’ custa, em média, R\$ 50. Com uma pipoca e o estacionamento, esse valor chega facilmente a R\$100. Multiplique por uma família, um grupo de amigos. Um único livro de R\$ 74 reais pode ser compartilhado por todos eles [...] Mas e se começássemos a dar valor ao livro, pelo menos o valor de duas horas de Tom Cruise e um balde de pipoca?” (Conti, 2023, s.p).

Então, em que sentido Conti considera que Felipe Neto “se engana”? Vemos que o texto de Conti abre uma cisão sobre o entendimento do “valor”. O editor primeiro concorda que o livro é “difícil” de adquirir para as classes D/E - extrato que, em 2022, correspondia a mais da metade da população brasileira. No fim, no entanto, Conti conclui que o livro não é tão caro se comparado a um ingresso de cinema, o qual, no entanto, também só cabe no bolso das classes A, B e C. Afinal, quem desvaloriza o livro?

Por um lado, compreendo a defesa que Conti faz do livro no sentido de sua permanência. Se for bem feito e bem preservado, o livro pode passar por muitas mãos e durar muitas décadas. Quem lê gosta de livro. Gosta das páginas, do toque, do cheiro. Gosta de dar livro de presente e de receber livro de presente. Gosta de chegar na casa de

uma pessoa e observar os livros que ela tem nas estantes. Gosta de ler uma coisa que a faz lembrar de alguém e ter uma conversa sobre isso com ela. O livro conecta pessoas de forma poderosa.

Por outro lado, não é natural que um ingresso de cinema custe 50 reais e que a experiência de uma única pessoa de sair de casa, comer e assistir a um filme deva lhe custar três dígitos. Melhor dizendo, não é natural que tenhamos cada vez mais salas de cinema fora de shopping centers que ofereçam ingressos e alimentos a preços mais razoáveis. Um sujeito urbano que quer ir a uma livraria e ver um filme no cinema estará muito mais suscetível de fazê-lo em shopping centers do que nas ruas. Se considerarmos processos de gentrificação diversos, veremos que o sumiço das livrarias e dos cinemas de rua ocorreu de forma parecida. Não há nenhuma competição entre Tom Cruise e *Torto Arado*: a relação que estabelecemos com livros e filmes é diversa e mesmo em países que compram muitos livros nenhum êxito editorial chega às mesmas cifras de um sucesso de bilheteria como *Missão Impossível*. Conti concorda que 74 reais é um preço “difícil” para quem recebe um salário mínimo de 1.320 reais. E 50 reais em um ingresso para quem tem essa renda é “fácil”? Quantos filmes e quantos livros uma pessoa de classe trabalhadora acessa por mês?

Ademais, a partilha de livros não deveria funcionar como solução orçamentária. Entendo que Conti não fez a comparação como uma resposta permanente para um problema complexo, mas há consequências embutidas nela que precisamos discutir. Se o preço médio de um livro, segundo seu cálculo, é de 74 reais, não devemos pensar que um grupo de quatro amigos dispõe de 74 reais que vão ser gastos com um único livro a ser partilhado entre eles. O ideal é que cada amizade tenha uma renda que permita a cada pessoa comprar ao menos um livro (quatro, no total, portanto) e que esses quatro livros sejam partilhados, comentados, trocados entre elas. Como dona de sebo, defendo apaixonadamente a sustentabilidade do livro, a importância de darmos, doarmos, trocarmos e restaurarmos os livros. E, na mesma medida, defendo a bibliodiversidade: a maior diversidade possível de livros e comércio livreiros no mercado para que cada pessoa, desde os primeiros anos, possa, entre outras coisas, escolher o que vai ler.

Mas Conti não se limita a comentar os impasses para quem tem renda mais baixa. Boa parte de seu texto se dedica a uma minuciosa explicação da edição de um livro hipotético, estrangeiro e que não está em domínio público: “o livro tem 300 páginas e foi escrito em inglês” (Conti, 2023, s.p). Como Conti explica, a casa brasileira que quiser publicar o livro precisa arcar com um adiantamento para a editora do exterior. Em seguida, o livro será traduzido. Não sequênciamente, são diversas as etapas em torno da edição

de um livro. Existem as pessoas que escrevem o livro, as que editam, as que revisam, as que traduzem, as que revisam a tradução, as que diagramam, as que criam a capa, as que imprimem, as que divulgam pela própria editora. Depois, há ainda aquelas que trabalham na comercialização do livro como proprietários de livrarias, gerentes e vendedores.

Todos os livros seguem exatamente esse percurso? Não. Um livro escrito em língua portuguesa não precisa de tradução no Brasil, um livro em domínio público (ou seja, isento de direitos autorais) pode ser publicado livremente sem nenhuma comissão para autores, herdeiros ou editoras. Como Conti explicou, os direitos pagos em moeda forte, os custos de tradução e revisão podem ocupar uma grande parte do orçamento. Segundo essa lógica, um livro em domínio público deveria custar mais barato. Um livro com menos páginas, também. O mesmo vale para um livro reeditado com a mesma tradução (porque só se paga o tradutor uma vez). No entanto, quanto entramos em uma grande livraria com um amplo acervo, como as que dominam shopping centers, não necessariamente notamos essa diferença de preço. Nas altas prateleiras, sempre em destaque, é comum encontrar edições de clássicos nacionais em domínio público, ou de obras estrangeiras em traduções antigas, a peso de ouro. Com as HQs em destaque, o padrão é o mesmo. Por que?

Porque são edições de capa dura, papel de gramatura mais alta e um projeto gráfico dispendioso e ousado. Não comentaremos aqui sobre todas as variáveis que afetam a precificação de um livro. Diversas decisões editoriais, além de características bastante particulares de cada editora, interferem na forma com que o livro será concebido, produzido, promovido, distribuído e comercializado. É uma conta complexa, na qual o valor do material utilizado também pesa. E é notória a forte tendência no mercado atual de valorizar edições que chamaremos aqui de alto padrão, mais caras de produzir e portanto caras de comprar.

Não quero, com isso, endossar o entendimento de Neto sobre “burrice e ganância” dominando o mercado editorial - por mais que, como leitora, quase sempre prefira as edições mais simples, fazer um julgamento moral pouco me interessa. Não obstante, é necessário apontar, num debate sobre o valor (simbólico e monetário) do livro, que há, evidentemente, motivos de força maior pesando no poder de compra da população e no custo de produção do livro. E existem, também, escolhas editoriais e mercadológicas que interferem no preço final e no tipo de livro que está sendo mais valorizado, em todos os aspectos.

Aqui temos um paradoxo. O mercado editorial brasileiro está se transformando muito rapidamente e enfrenta diversos desafios. Como alardearam as manchetes de junho desse ano, o faturamento do setor editorial caiu 40% desde 2006 (Sobota, 2023, s.p). Com a inflação alta e a disparada do preço do papel desde a pandemia, produzir um

livro também ficou mais caro. Mesmo assim, grandes editoras (principalmente, embora não exclusivamente) têm apostado em livros ainda mais luxuosos e caros. A procura por livros de alto padrão cresceu no país. Em relação aos subsetores de literatura e ciências humanas, crédito à editora paulista Cosac Naify uma parte desse interesse. Fundada em 1996 por Charles Cosac e Michael Naify, a casa tinha como missão publicar livros de luxo, primeiro de arte, depois de muitas outras áreas. Não foi a primeira a publicar livros assim, mas fez história por conseguir formar (em função de seus fundos milionários) um catálogo variado e de altas tiragens - após 19 anos de idade, reuniu o número nada desprezível de 1.600 títulos. Ocorre que o catálogo da Cosac também era precioso pelo conteúdo: trouxe ao Brasil obras estrangeiras inéditas, editou criteriosamente autores nacionais, republicou críticos esgotados e além. Assim, atraiu com sucesso um público leitor intelectual e especializado, interessado no material de referência, além dos colecionadores de edições luxuosas. A editora encerrou as atividades de forma brusca no fim de 2015. Com o dólar mais alto e as vendas caindo, Charles Cosac decidiu parar de investir na empresa (Belém, 2015, s.p.). A extinta editora até teve dissidentes mais diretas, como a Ubu, que nasceu em 2016, ano seguinte ao fechamento da Cosac. No entanto, nenhuma outra casa editorial chegou perto de seu alcance. Para se ter uma ideia, com aproximadamente 7 anos de existência, a Ubu oferta 146 títulos no catálogo - e sem se limitar à oferta de edições para colecionadores. Assim, com a saída da Cosac, o mercado de livros de alto padrão ficou aberto, e outras editoras se mexeram para conquistar um público já cativado por edições de valor acadêmico e artístico.

Outro fator que favorece o mercado de livros de alto padrão é a concentração de vendas de livros em livrarias grandes, que ocupam sobretudo espaços de elite como shopping centers, e no e-commerce, dominado por atacadistas predatórios como a Amazon. O próprio Charles Cosac sentencia a importância do impacto visual do livro nesses espaços: “Um livro se apresenta de forma imediata pela sua capa”, disse ele ao Estadão (2023, s.p.). Nesses espaços, os livros de alto padrão são colocados em destaque, geralmente numa pilha sobre os demais do mesmo setor. Seu design arrojado atrai o olhar da mesma forma que uma roupa luxuosa em uma vitrine de boutique. Os livros de roupagem mais simples são deixados nas prateleiras inferiores, quase no nível do chão. Na mesma matéria do Estadão, o diretor de arte da Companhia das Letras, Alceu Nunes, destacou o quanto essa parte da produção é competitiva “Hoje a quantidade de tipografia é muito maior do que há 20 anos, por isso o designer tem que surpreender”, ressalta. Nas mídias sociais, não é diferente. Livros de alto padrão são mais chamativos, fotografam melhor, e são fetichizados como tantas outras mercadorias rotuladas como “instagramáveis” (2023, s.p.).

Na prática, as grandes editoras estão disputando a tapa um público de leitores cada vez mais reduzido. Um dos imensos desafios no que tange o mercado editorial é que, a cada ano, menos pessoas lêem. Uma pesquisa de 2020 mostra que nos últimos 17 anos o Brasil perdeu cerca de 4,6 milhões de leitores. Outros dados sugerem que quase 60% da população apresenta proficiência média de leitura, ou seja, consegue ler textos simples, mas não seria capaz de ler autonomamente livros longos e de escrita complexa (PublishNews, 2020). Embora não exista uma correlação direta entre proficiência de leitura e renda, uma aposta das grandes casas editoriais é instigar o desejo de consumo de livros de alto padrão, mais caros, visados por todo mundo, mas que cabem melhor no bolso das classes A e B. “No Brasil, o livro é visto como um investimento”, resumiu Daniel Lameira, à frente da Antofágica, também para o Estadão.

Conti disse que jamais testemunhou “editores lutando por um preço mais caro”. Acredito nele. E também acredito que precisamos refletir com seriedade sobre a noção do livro como “um investimento”. Afinal, quem vê o livro dessa forma? Pessoas leitoras das classes A e B, que podem adquirir confortavelmente dezenas de livros novos por mês, mesmo se forem edições de luxo? Ou pessoas das classes C e D/E, que consomem bens culturais no aperto? (Infomoney, 2023) O que significa, em cada um desses extremos, tratar o livro como “investimento”? Uma discussão sobre a desvalorização do livro feita sem contexto corre o risco de cair no vazio e só reforçar estereótipos negativos e equivocados de que no Brasil não se lê porque não se quer.

Produzir mais edições populares ajudaria? Muito provavelmente, sim. Felipe Neto questionou a ausência de livros de bolso no Brasil semelhantes aos encontrados no exterior - em inglês, *mass-market paperback*. Há tipos diferentes de *paperback*, mas eles têm em comum o uso de papel muito barato, com capa flexível e cola, são edições mais frágeis, que guardam marcas de manuseio já nas primeiras leituras (seu papel enruga no contato com a mão e a lombada fica fissurada). No entanto, estão longe de serem livros descartáveis. Eu guardo uma edição bem preservada de *The Metaphysical Poets*, uma seleção feita pela pesquisadora Helen Gardner, publicada em 1970 pela Penguin Books e comercializada originalmente no Reino Unido, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul e Canadá. As páginas estão bem amareladas, ele apresenta muitos sinais de manuseio, mas tem miolo íntegro, sem avarias. Em termos mais simples, é um livro bem velhinho, mas que ainda pode ser lido muitas vezes, sem nenhuma necessidade de reforma ou descarte. E são, via de regra, livros muito baratos. Segundo a contracapa, o livro foi comercializado entre 35 centavos e 1,50 de cada moeda local na época.

Nem todos os títulos são publicados em versão *paperback*: a margem de lucro para as editoras é menor em comparação com os livros de capa dura. No caso de *The Metaphysical Poets*, trata-se de uma seleção de poetas hoje canônicos, estudados em todos os cursos de poesia de língua inglesa. A procura por ele foi enorme: só no meu exemplar constam outras nove reedições. Assim, vale a pena para a editora apostar nesse formato mais acessível, pois o volume de vendas será grande. Pode ser também que um autor estreante de ficção não veja seu primeiro livro em capa dura, porque a editora acredita que o público leitor dificilmente vai adquirir uma edição cara de alguém pouco conhecido.

Em outros casos, ver o livro editado em formato *paperback* é sinônimo de sucesso. Durante minha pesquisa de doutorado, investiguei diversas edições da obra da poeta estadunidense Marianne Moore - seu legado poético é um enigma editorial e crítico e os caminhos são múltiplos. Uma de suas editoras, a professora Robin Schulze, optou por trabalhar com a produção inicial de Moore em fac-símile, com o objetivo de lançar luz sobre uma fase mais esquecida de sua poesia. O volume recebeu o título *Becoming Marianne Moore: Early Poems, 1907-1924* e foi lançado em 2002. Em 2007, Schulze relatou que uma de suas motivações para trabalhar na edição era disponibilizar essa outra faceta de Moore para seus alunos. No entanto, seu livro foi publicado apenas em capa dura: nunca ganhou uma edição *paperback*. Schulze considerou que o produto final ficou caro demais, inacessível para os pesquisadores em formação que ela visava alcançar, e portanto o chamou de um “fracasso retumbante” (Schulze, 2007, p. 120). Grandes clássicos da literatura, best sellers como *Cutting for Stone* e a saga *Harry Potter* podem ser encontrados em *paperback* ao lado de edições mais luxuosas para fãs e colecionadores.

Esses exemplos nos ajudam a pensar em relações diferentes com o livro: a edição de capa dura, com papel de gramatura mais alta e design arrojado, não precisa ser sinônimo de sucesso se acreditamos que o livro precisa, merece até, alcançar um público mais amplo. Na verdade, a democratização do acesso está no DNA do *paperback* nos Estados Unidos. Esse modelo de livro se popularizou no país com produções *pulp*, baratas e que conseguiram conquistar leitores em locais remotos, isolados do comércio concentrado em grandes cidades (Menand, 2014, s.p).

Não devemos esperar que o mercado livreiro se amplie apenas depois de expandir o público leitor. Se não ampliarmos o alcance do nosso mercado, se não contribuirmos com iniciativas de difusão, jamais teremos a valorização do livro com a qual sonhamos. Um outro exemplo feliz de democratização da leitura é o caso nacional da Círculo do Livro, um misto de editora com clube de assinantes. Formada por uma parceria entre o Grupo Abril e a Bertelsmann, um grupo de investimento alemão, ela

funcionava por assinatura: a cada mês, a pessoa recebia em casa um livro e a Revista do Círculo, que apresentava o catálogo disponível e textos relacionados aos livros e à leitura. Com o tempo, esse catálogo foi ficando mais diversificado. Os livros da Círculo eram bem produzidos, quase sempre de capa dura, e o melhor: a baixo custo. A editora foi essencial para a formação de toda uma geração de leitores no Brasil: seus livros eram vendidos de porta em porta em diversas cidades - até nas pequenas que não tinham livraria. A Círculo teve fim pouco depois da saída dos estrangeiros - é difícil encontrar informações precisas sobre o rompimento dos gringos com a Abril, mas o motivo não parece ter sido falência. O anúncio do fim das operações surpreendeu clientes e funcionários. A Círculo inspirou clubes de leitura e projetos gráficos do presente, mas ainda nenhuma editora de abrangência nacional com duas prioridades fundamentais para seu sucesso: catálogo diverso e preços populares.

No auge, a Círculo teve 800 mil assinantes. Sempre falo esse número com espanto e reverência: oitocentos mil assinantes em todo o Brasil. Oitocentas mil pessoas comprando ao menos um livro por mês: um livro escolhido por elas. Oitocentas mil pessoas expandindo suas bibliotecas pessoais sem nenhum sacrifício orçamentário. Oitocentas mil pessoas lendo no país em que tanta gente afirma que o livro não é valorizado.

Nada será como antes: a história do Círculo fez sentido em um Brasil pré-internet e com muito menos editoras no mercado. Se hoje restaurássemos a Círculo como na origem, com uma mega editora nacional e um grupo estrangeiro bancando agressivamente um amplo catálogo de livros em capa dura a baixo custo, talvez o impacto fosse mais negativo do que positivo. Talvez alcançasse muitas pessoas em cidades remotas, sim, mas correndo o risco de quebrar pequenas editoras e livrarias que já enfrentam desafios para sobreviver. Talvez ela nem fosse lucrativa com o custo de produção mais alto, ainda mais num mercado que precisa enfrentar mega corporações que dominam o comércio online.

Mas de novo: penso em exemplos positivos da nossa própria história nacional da leitura, a qual é preciso conhecer e reconhecer. Conhecer nossa história para mudar o presente. Será que a forma de trabalho da Círculo poderia inspirar um programa público de estímulo à leitura, complementar ao PNLD, em que crianças e adolescentes escolhem os livros que querem ler? Será que, com o intuito de impulsionar a leitura nas escolas, poderíamos criar um catálogo, como a Círculo fazia, sugerindo títulos de literatura contemporânea nacional, preferencialmente de editoras independentes, adequados para cada faixa etária? Será que nessa revista poderiam constar resenhas e relatos de diferentes leitores e docentes? Será que conseguiríamos criar esse programa, de adesão voluntária, com o poder público bancando um exemplar para cada estudante? Será que

conseguiríamos levar autores contemporâneos para rodas de conversa e oficinas literárias nas escolas, para impulsionar também novos talentos? Não custa sonhar.

Felipe Neto cobrou do Governo Federal mais incentivos e subsídios - segundo ele, mandou uma mensagem diretamente ao Presidente Lula -, o que parece ter sido outro ponto de discordância para André Conti. “O livro já é subsidiado”, respondeu Conti, “via isenção de impostos, uma conquista que o atual governo manteve na Reforma Tributária, após as ameaças de Paulo Guedes. Para o governo, estamos lá, com o arroz com feijão, na lista das necessidades básicas. Não sei exatamente o que mais poderia ser feito além disso” (Conti, 2023, s.p).

Muito mais é feito e muito mais poderia ser feito, além disso. Conti complementa lembrando que “o governo brasileiro é o maior comprador de livros do país”. O editor se refere ao Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), ligado ao Ministério da Educação e voltado para as escolas. Há também o Plano Nacional do Livro e da Leitura, ligado ao Ministério da Cultura, com o objetivo de ampliar o acesso ao livro e fortalecer sua produção de modo mais amplo. Quando contemplamos as pesquisas sobre leitura e letramento, mais programas, subsídios, investimentos e incentivos parecem cada vez mais necessários ao país. Ademais, a decisão do governo de São Paulo de não aderir ao PNLD 2023 (Facchini, 2023, s.p.), coincidentemente poucas semanas após a polêmica protagonizada por Conti e Neto, nos lembra que políticas públicas não são irrevogáveis. O direito à leitura está sob ameaça no Brasil e precisamos defendê-lo não apenas na busca por mais estímulos, mas no esforço de garantir aquilo que já conquistamos.

Assim, complemento: em que situação estamos com espaços públicos de leitura? Todas as cidades brasileiras possuem ao menos uma biblioteca pública? Segundo mapeamento do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas atualizado no biênio 2022/2023, existem 5.318 bibliotecas públicas no Brasil. Se cada uma estivesse localizada em um município diferente, ainda restariam 250 cidades brasileiras sem bibliotecas públicas. Quando ela existe na cidade, onde fica? A população mais pobre consegue chegar até ela? É justo esperar que numa cidade sem uma única biblioteca - como Macuco, no Rio de Janeiro, que desfez sua biblioteca municipal para alocar um posto de polícia - a população valorize o livro? No entanto, mesmo quando estão na contramão, as comunidades se mobilizam. Iniciativas da sociedade civil para criação de bibliotecas comunitárias e outros projetos de leitura, não foram incluídas no mapeamento acima: a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias registra outras 119 bibliotecas em 9 estados.

Ainda no âmbito cultural, é importante alavancar editais públicos para publicação. Com o enxugamento dos repasses para a cultura e o aumento do custo de produção

editorial, os livros ficaram reduzidos ou completamente apagados de diversos editais e chamamentos culturais. No entanto, pequenas editoras, ateliês gráficos, artistas e escritores independentes precisam desses editais. O ganho cultural é alto: além de viabilizar o próprio livro, muitos editais estabelecem contrapartidas como doações, comércio a baixo custo ou atividades culturais relacionadas à obra. É muito importante resguardar o devido espaço para editais de publicação, que incluem tanto literatura quanto não ficção, quadrinhos, revistas e zines de cultura. Fortalecer editoras públicas, que promovam a cultura local, também é um passo importante.

Expandir o público leitor e fortalecer a cadeia do livro passa também por priorizar o comércio local. Feiras gráficas, que incluem livros e artes, têm ajudado a visibilizar produtores independentes. São geridas por eles e compostas por eles - sem grandes editoras e cadeias de livrarias. Algumas, como a Urucum e a Míolos, ocorrem uma vez ao ano. Mas realizar feiras de livros na rua, com maior regularidade, em modelo diferente das feiras universitárias, priorizando a participação de artistas, autores e editoras independentes, além de pequenas livrarias e sebos, também é uma saída possível (PublishNews, 2023). Nas capitais, organizar esses eventos é mais fácil - para cidades menores, sobretudo do interior, é mais difícil, mas os incentivos públicos também podem dar uma força para que essa descentralização seja viável. Lá atrás, eu disse que cada leitor tem sua própria história da leitura, que não há duas bibliotecas pessoais idênticas. Livrarias e sebos são únicos também. Nenhum tem exatamente o mesmo acervo. Se nossa diversidade de livrarias e sebos diminui, o que isso diz sobre nós como sociedade?

Outro ponto de destaque, levantado pelo próprio Felipe Neto e sua equipe, é a importância social dos sebos na difusão do livro - ponto fundamental, mas negligenciado em diversas respostas ao tema. É importante conhecer os sebos, saber onde eles estão, se são online ou físicos, conhecer livreiros que tocam sebos em bairros e cidades onde não existem livrarias (ou sequer bibliotecas) e saber do que precisam. Nesse sentido, mapeamentos são fundamentais. São muitos os sebos históricos que precisam ser reconhecidos como patrimônio cultural, como a Livraria Amadeu, em Belo Horizonte, primeira loja de usados da cidade, fundada em 1948. E há também diversos sebos e bibliotecas comunitárias que nos ensinam como ajudar a difundir o livro e a leitura, como o projeto Sebo do Gueto, uma rede de apoio a sebos em periferias urbanas ou no interior. A rede se apresenta assim: “Somos leitores e livreiros periféricos que pensam e executam projetos de acesso e incentivo à leitura em conjunto com comunidades” (Benfeitoria, 2023). Jean Ferreira da Silva, que primeiro pensou o Sebo do Gueto em Belém do Pará, também desenvolveu outros projetos de estímulo à leitura como a Gueto Hub, uma biblioteca comunitária com

espaço cultural sem ligação com o sebo (MAGNO, 2023). Pessoas como Jean também precisam ser chamadas para pensar em políticas públicas para o livro e o estímulo à leitura.

O debate sobre a valorização do livro sempre deve ser feito de modo estrutural, contextual, plural e reflexivo. Generoso, também, eu completaria. A população brasileira já leu mais e pode voltar a ler mais e melhor. Vamos dar ao livro o valor que ele merece - só precisamos de mais chances.

REFERÊNCIAS

BELÉM, Euler de França. “Cosac Naify morreu porque, apesar de ser uma grande editora, nunca foi uma grande empresa”. *Jornal Opção*, 2015. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/columnas-e-blogs/imprensa/cosac-naify-morreu-porque-apesar-de-ser-uma-grande-editora-nunca-foi-uma-grande-empresa-53267/>. Acesso em 29 de agosto de 2023.

BENFEITORIA, 2023. “Uma livraria em cada periferia: Quem somos”. Disponível em: <https://benfeitoria.com/projeto/sebodogueto?ref=benfeitoria-pesquisa-projetos>. Acesso em 29 de agosto de 2023.

BOULOS, Guilherme. “Está certíssimo, Felipe! O preço absurdo dos livros vai complementar contra a ideia de aproximar as pessoas da leitura”. Disponível em: <https://twitter.com/GuilhermeBoulos/status/1676675214049005568>. Acesso em 31 de agosto de 2023.

BRASIL. “Plano Nacional do Livro e da Leitura”. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/secretaria-especial-da-cultura/assuntos/pnll>. Acesso em 31 de agosto de 2023.

CONTARATO, Fabiano. “Concordo com você, Felipe. Sou um entusiasta da leitura e do mundo que os livros nos apresentam. Me disponho a conversar com o ministro Haddad para pensarmos soluções dentro da Reforma Tributária.” Disponível em: <https://twitter.com/ContaratoSenado/status/1676614203195502592>. Acesso em 31 de agosto de 2023.

CONTI, André. “Felipe Neto se engana sobre preço dos livros”. *Folha de São Paulo*, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2023/07/felipe-neto-se-engana-sobre-preco-dos-livros.shtml>. Acesso em 29 de agosto de 2023.

FACCHINI, Talita. “Governo de SP decide não participar do PNLD e adotar apenas conteúdo didático digital”. *PublishNews*, 2023. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2023/08/01/governo-de-sp-decide-nao-participar-do-pnld-e-adotar- apenas-conteudo-didatico-digital>. Acesso em 29 de agosto de 2023.

INFOMONEY, 2023. “Classes D e E continuarão a ser mais da metade da população até 2024, projeta consultoria”. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/classes-d-e-e-continuarao-a-ser-mais-da-metade-da-populacao-ate-2024-projeta-consultoria/>. Acesso em 29 de agosto de 2023.

MAGNO, Cintia. “Sebo do Gueto incentiva a criação de novos pontos de leitura e aquisição de livros em periferias”. Disponível em: <https://dol.com.br/entretenimento/cultura/620443/sebo-do-gueto-incentiva-a-criacao-de-novos-pontos-de-leitura-e-aquisicao-de-livros-em-periferias?d=1>. Acesso em 29 de agosto de 2023.

Mapa da Leitura, 2023. “Informações: Biblioteca Comunitária”. Disponível em: <https://www.mapadaleitura.com.br/map>. Acesso em 31 de agosto de 2023.

MENAND, Louis. “Pulp’s Big Moment”. *The New Yorker*, 2014. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2015/01/05/pulps-big-moment>. Acesso em 29 de agosto de 2023.

NETO, Felipe. “Tá na hora de falarmos sobre preço de livro. Precisamos de uma população leitora, mas tá cada dia mais difícil. [...] Aqui é uma mistura de ganância com burrice que transforma o livro em item da elite. Isso precisa mudar”. Disponível em: <https://twitter.com/felipeneto/status/1678427507056418820>. Acesso em 31 de agosto de 2023.

“Podcast do PublishNews #274 – Sobre a série histórica da Pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro”. *Publish News*, 2023. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2023/06/26/podcast-do-publishnews-274-sobre-a-serie-historica-da-pesquisa-producao-e-vendas-do-setor-editorial-brasileiro>. Acesso em 29 de agosto de 2023.

PUBLISHNEWS, 2023 “Como surgiu e como vai ser ‘A Feira do Livro’”. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2022/06/06/como-surgiu-e-como-vai-ser-a-feira-do-livro>. Acesso em 29 de agosto de 2023.

QUIRINO, Mateus Lopes. “Entenda como as redes sociais influenciam nas capas dos livros”. *Estadão*, 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/alias/entenda-como-as-redes-sociais-influenciam-nas-capas-dos-livros/>. Acesso em 29 de agosto de 2023.

SCHULZE, Robin. How Not to Edit: The Case of Marianne Moore. *Textual Cultures*, v. 2, n. 1, p. 119-135, 2007. <https://www.jstor.org/stable/30227858>.

SOBOTA, Guilherme. “Faturamento do setor editorial cai 40% em termos reais desde 2006”. *PublishNews*, 2020. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2023/06/15/faturamento-do-setor-editorial-cai-40-em-termos-reais-desde-2006>. Acesso em 29 de agosto de 2023.

SOBOTA, Guilherme. “Felipe Neto está certo? O livro é mesmo caro no Brasil?”. *PublishNews*, 2023. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2023/07/12/felipe-neto-esta-certo-o-livro-e-mesmo-caro-no-brasil>. Acesso em 27 de agosto de 2023.

Secretaria Especial da Cultura. “Mapeamento Bibliotecas Públicas”. Disponível em: <http://snbp.cultura.gov.br/bibliotecaspublicas/>. Acesso em 31 de agosto de 2023.

VIEIRA, Ricardo. “Casa nova para a Polícia Militar em Macuco”. Disponível em: <https://prefeituramacuco.rj.gov.br/site/administracao/2069-casa-nova-para-a-policia-militar-em-macuco.html>. Acesso em 29 de agosto de 2023.

RESENHA



MULHERES Alteradas. Direção de Luis Pinheiro. Produção de O2 Filmes. 2018. 95 min. Streaming Globoplay.

Marjory Dejjane Dotel¹
Universidade Federal de Santa Catarina



Nesta resenha vamos discutir o filme *Mulheres Alteradas*, lançado em 2018 no Brasil pela Globo Filmes. *Mulheres Alteradas* é uma adaptação das histórias em quadrinhos (HQ) *Mujeres Alteradas* lançado em 2003, da cartunista argentina Maitena Barundarena, que primeiramente foram publicados na revista argentina *Para Ti*. A autora é conhecida por suas diversas tirinhas sempre protagonizadas por mulheres e que traz discussões sobre o universo feminino.

Suas histórias de *Mujeres Alteradas*, contam com humor, e muitas vezes com ironia, uma representação da mulher na sociedade. Aborda temas polêmicos, como

¹ Mestranda em Estudos da Tradução (PGET) na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: mah.dotel@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-5965-0783>

machismo e feminismo. Nas vinhetas, as mulheres são as protagonistas debatendo questões do cotidiano feminino, representadas por personagens independentes, solteiras, casadas, divorciadas, magras, gordas, com ou sem filhos, aquelas de 20 a 70 anos. Ao mesmo tempo, em cada vinheta, as personagens femininas criadas pela autora representam as pressões sociais que sofrem sobre seus corpos (o que tem que ser o jeito X), questões familiares, conjugais e trabalhistas. Com isso, a autora demonstra como elas também são influenciadas pela sociedade sobre seus próprios pensamentos e sentimentos, conseqüentemente, sobrecarregadas com tarefas que têm que cumprir para que não sejam julgadas como uma mulher estranha ou fora dos padrões sociais impostos.

Devido ao sucesso alcançado com *Mujeres Alteradas*, a Globo Filmes lançou o filme baseado nesses quadrinhos. Dirigido por Luis Pinheiro e pelo roteirista e cartunista Caco Galhardo, para quem “Maitena foi uma das primeiras cartunistas a falar de questões de mulheres para mulheres. Isso se amplificou, e o mundo inteiro passou a consumir. É uma autora muito potente” (Prado, 2018). Dessa forma, na adaptação, esses assuntos femininos foram discutidos sob um olhar masculino.

Nessa grande produção, conta sobre a vida de quatro mulheres, Marinati (Alessandra Negrini), Keka (Deborah Secco), Sônia (Mônica Iozzi), Leandra (Maria Casadevall), cada uma com a sua particularidade, no qual Marinati uma advogada focada em seu trabalho, mas a vida presenteia com uma grande paixão que deixará sua vida de cabeça para baixo, Keka está enfrentando uma crise num casamento fracassado, mas faz tudo para tentar salva-lo. Sônia, está cansada da rotina e com saudade da vida de solteira, já Leandra uma mulher que está na crise dos 30 anos, inveja a sua irmã Sônia que construiu uma linda família. O filme se divide entre as quatro mulheres, dando destaque em tela para cada uma, mas há duas histórias em paralelo, em uma destacam-se duas personagens que trabalham juntas, Marinati e Keka. Já na outra história, se destacam as irmãs Sônia e a Leandra. Ao final da história todas as mulheres se encontram.

O filme se inicia com uma concisa síntese das quatro personagens principais, mostrando as suas características e simultaneamente estabelecendo uma correlação com a narrativa das histórias em quadrinhos. Nas HQs, são exploradas as diversas faces da mulher, englobando estados civis que variam entre solteiras, casadas, independentes e mães. O filme, de maneira semelhante, se desdobra nessa direção, delineando as rotinas diárias, os receios e as angústias que permeiam a vida dessas quatro mulheres.

A narrativa de Marinati é a que mais se destaca no filme. Ela representa a mulher moderna do século XXI, que dá ênfase à sua carreira profissional, ao crescimento pessoal e, acima de tudo, à sua independência. Se envolver romanticamente não está nos planos

dessa personagem, pois seu trabalho assume um papel central em sua vida. No entanto, um encontro com um homem a faz reconsiderar suas convicções. Dada à reviravolta na sua vida amorosa, começa a negligenciar a sua vida profissional. Essa mudança de prioridades resulta em inúmeros prejuízos. Ela quase perde uma promoção significativa e, conseqüentemente, compromete seu emprego. Um ponto interessante no decorrer do filme é que existe a iminente necessidade de substituir os encaenamentos da residência de Marinati, no qual possui um significado metafórico relevante, isso se faz paralelo com a progressão de sua vida pessoal e profissional.

Em seguida, apresenta a trajetória de Keka, uma mulher de empenho laboral, casada e mãe de gêmeos. Sua dedicação à família está acima de tudo, instaurando uma complexa desordem entre suas responsabilidades profissionais e matrimônias.

Logo após, desencadeia a narrativa de Sônia, uma mãe e esposa que há um tempo não desfruta de momentos de autocuidado. Sua vida está completamente entregue aos filhos, ao lar e à família. Contudo, não se engane ao acreditar que ela não aprecia a vida que conduz; ao contrário, ela a ama profundamente, embora deseje por um tempo exclusivamente dedicada a si mesma.

Paralelamente, transcorre a trama de Leandra, uma mulher solteira e independente de personalidade forte. Ela adentra uma fase de questionamentos ao atingir trinta anos, relatando sua sensação de solidão e a triste angústia por não ter construído relações solidas, com isso, família. Leandra se depara com a responsabilidade de cuidar dos filhos de Sônia por uma noite, oferecendo-lhe um vislumbre da dinâmica de cuidar das crianças e da casa. No entanto, a tarefa se revela desafiadora, uma vez que ela não estava preparada psicologicamente para enfrentar grande responsabilidade.

Essa junção entre a narrativa de uma mulher solteira e a de uma mulher casada com filhos, assim como a subsequente permuta de papéis, revelou-se muito bem executada na trama cinematográfica, bem como, representa alguns temas que são discutidos nas HQs, mostrando as características e os desejos contrários de cada uma, seja uma que não tem nada e quer ter tudo ou seja a outra que tem tudo e não quer ter nada.

Um ponto bem interessante do filme é que as personagens acabam sempre falando algumas tirinhas do livro, sempre fazendo referência a ele, como por exemplo, numa cena em 02:36m do filme, em que Leandra está deprimida e começa a relatar *quatro atividades típicas para quando bate a depressão*, fazendo a comparação com o livro. No entanto, na HQ são apresentadas oito atitudes típicas que fazem quando estão deprimidas, de tal maneira que o filme fez a omissão de quatro tirinhas.

Segue abaixo os trechos das tirinhas presentes no livro representada no filme:

Quadro 01: Comparação das tirinhas do livro com relação às falas do filme

Livro	Filme
Las ocho típicas cosas que se hacen al estar deprimida...	Quatro atividades típicas para quando bate a depressão
Salir a comprar ropa... Horrible, que no usarás nunca.	
Ir a la peluquería... y hacerse un desastre.	Ir ao cabelereiro... E acontecer uma tragédia.
Ponerse frente al espejo... Y masacrarse la cara.	
Comer y dormir como un lirón... Para después sentirse culpable.	Comer que nem uma louca... Para depois se sentir culpada.
Escribir largas cartas... Que irán derecho a la basura.	Mandar mensagens enormes... e se arrepender logo depois.
Llamar a las amigas... Y cortar cuando atienden.	
Escuchar música tristísima... Para sentirse peor.	Ouvir um som depre... Para ficar ainda pior.
Hacerse preguntas imposibles... Para contestarse que... ¡no!!	

Fonte: Burundarena (2003, p. 15)

Fonte: Mulheres Alteradas (2018)

Como analisado, a personagem fala somente quatro das oito tirinhas presentes na HQ, mas acredito que essa mudança não interferiu no enredo do filme, pois acreditamos que a mensagem que a HQ quer passar aos seus leitores foi performada.

A linguagem e a estética do filme representam bem as que são propostas na HQ, com uma linguagem tranquila, sem rodeios, direto ao ponto. Onde até na tela do filme se faz referência a algumas tirinhas, relacionando as personagens do filme com as personagens da tirinha. De tal maneira, que cada finalização de história mostra elas nas tirinhas de Maitena, mostrando como cada uma está inserida na HQ, o que é muito interessante, a performance delas fazendo referência as HQ, não querendo perder a essência das tirinhas. Trazendo para o filme dramas universais sobre o universo feminino, com um discurso bem-humorado. Além do mais, a um detalhe que se deve destaque, que é a composição

das luzes com relação aos sentimentos das personagens, das cores vibrantes também relacionado aos sentimentos, mas voltado a sua evolução de como elas enfrentavam as situações, como também, dos figurinos, que teve muita referência até no corte de cabelo das personagens. Percebemos que foi tudo pensado, acreditamos que a produção não quis sair da essência das HQs.

Ao efetuarmos uma análise mais minuciosa, examinando determinados assuntos que diferenciam o filme da obra original, proporcionando uma discussão acerca de temáticas contidas na história em quadrinhos que não encontraram espaço para a discussão na produção cinematográfica.

O filme aborda questões como medos, incertezas relacionadas ao corpo, moda e carreiras. Contudo, alguns elementos significativos presentes na história em quadrinhos não foram adequadamente contemplados na obra cinematográfica. Esses elementos englobam assuntos de considerável relevância, mais especificamente a temática do feminismo. Notavelmente, o filme não concede destaque e nem faz menção explícita a essa questão. Entretanto, a produção também omite a abordagem do preconceito impostos pela sociedade contra as mulheres, que dá origem a estereótipos e julgamentos preconcebidos. De modo que tal tópico é minuciosamente explorado nas páginas das HQs, juntamente com a ênfase no feminismo, oferecendo voz a esse âmbito. Em uma entrevista concedida ao jornalista Walter Félix (2018), o diretor Luis Pinheiro esclarece que está ciente dessa omissão. Ele também esclarece que durante a fase de preparação da obra, a ausência deste tema foi discutida, porém, decidiram deliberadamente não abordar o feminismo nem as questões políticas no filme, visto que quiseram dar mais ênfase nas questões de dúvidas femininas que são universais.

Em continuação, é notório que a ironia nas falas das personagens foi um aspecto que não recebeu a devida ênfase na adaptação cinematográfica. Nas histórias em quadrinhos, a presença de inúmeras ironias e expressões é marcante, como mencionado anteriormente. A linguagem tanto das HQs quanto do filme se destaca pela brevidade e objetividade, evitando rodeios. Consideramos que haveria um meio para incorporar nas falas das personagens do filme a linguagem peculiar das HQs, repleta de ironia e outros traços característicos.

Uma grande diferença encontrada em comparação aos dois, é que nas HQs não se tem personagens principais na história, mais sim as mulheres são o ponto principal dela. Mas entendemos que para adaptar e se ter um roteiro para o filme é preciso ter papéis fixos na história, assim entendemos que as quatro mulheres no filme é para representar os diversos tipos de mulheres que existem. Desse modo, entendemos que “Adaptar é

uma ação que empreende criatividade e originalidade. O adaptador cria um produto novo que mantém relações com um anterior, mas nem por isso é de qualidade inferior” (Góes, 2014, p. 59). Para a autora, um filme tem muitas particularidades distintas de um livro que não podem ser vistas. Mas procuram abordar o mesmo tema que o romance, assim apresentando características semelhantes a obra.

Portanto, na questão da tradução intersemiótica é notável que alguns elementos narrativos não foram mencionados, já que o filme não segue a mesma idealização que os quadrinhos e nem mesmo os períodos cronológicos dos personagens. Pois o filme de *Mulheres Alteradas* retratou certos momentos da vida da mulher, desde a passagem da vida jovem que vai a festas até a mulher casada com filhos que não tem mais tempo para si mesmmo. É um filme que em alguns momentos você se identifica com certas situações de vida e traz bons assuntos a se refletir sobre ela. É uma comédia modesta que traz a visão de quatro mulheres distintas com objetivo de mostrar as suas obrigações do dia a dia, medos e angústias que assombram a mente feminina.

REFERÊNCIAS

BURUNDARENA, Maitena. *Mujeres Alteradas 1-2-3-4-5*. 5.ed. Buenos Aires: Sudamericana: Lumen, 2009.

FÉLIX, Walter. *Filme Mulheres Alteradas se distancia das questões propostas pelo feminismo*. Diário de Pernambuco. 05/07/2018. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2018/07/filme-mulheres-alteradas-se-distancia-das-questoes-propostas-pelo-femi.html>. Acesso em: 05 abr. 2023.

GÓES, Bárbara Fraga. *Literatura, cinema e paratextualidade: aspectos identitários em stupeur et tremblements*. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2014.

MULHERES Alteradas. Direção de Luis Pinheiro. Produção de O2 Filmes. 2018. 95min. Streaming Globoplay.

PRADO, Carol. *Mulheres alteradas' moderniza HQ para desvincular dilemas femininos dos homens*, diz diretor. *GI Globo*. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/mulheres-alteradas-moderniza-hq-para-tirar-dilemas-femininos-da-direcao-dos-homens-diz-diretor.ghtml> Acesso em: 07 abr. 2024.

TRADUÇÕES



Tradução de dois cantos infantis dos *Cantares mexicanos*

Sara Lelis de Oliveira¹

Universidad Nacional Autónoma de México

Resumo: Tradução inédita² e direta do náuatle clássico para o português do Brasil de dois cantos infantis dos *Cantares mexicanos* [85f], cancionero novo-hispano (s. XVI) conservado no Fundo Reservado na Biblioteca Nacional do México. O primeiro canto encontra-se entre as folhas 39 verso e 40 verso e é de origem pré-hispânica, enquanto o segundo está disposto entre as folhas 46 frente e 48 verso e é claramente colonial. Ambos constituem composições que foram entoadas durante o processo de catequização dos Nahuas na então Nova Espanha, no qual a música atuou como uma das ferramentas mais eficazes para a conversão ao catolicismo. Em efeito, o *corpus* está acompanhado por instrumentos musicais do referido povo originário, dos quais dois deles, o *teponaztli* e o *huehuetl*, figuram mediante as sílabas “ti”, “tih”, “qui”, “to”, “co”, “tin”, “ton” e “con” em suas diversas combinações.

Palavras-chave: *Cantares mexicanos*. Náuatle clássico. Português do Brasil. Tradução.

Translation of two children’s songs from the Cantares mexicanos

Abstract: Unpublished and direct translation from classical Nahuatl into Brazilian Portuguese of two children’s songs from the *Cantares mexicanos* [85f], a Novo-Hispano songbook (16th century) preserved in the National Library of Mexico. The first chant is founded between the folios 39 verso and 40 verso and is a pre-Hispanic composition, while the second is located between the folios 46 verso and 48 verso and is clearly a colonial song. Both were sung during the catechization process of the Nahuas people in New Spain, in which music acted as one of the most effective tools for conversion to Catholicism. In fact, the corpus is accompanied by musical instruments from this native people, two of which, the *teponaztli* and the *huehuetl*, appear through the syllable’s “ti”, “tih”, “qui”, “to”, “co”, “tin”, “ton” and “con” in their various combinations.

Keywords: *Cantares mexicanos*. Classical Nahuatl. Brazilian Portuguese. Translation.

Apresentação da tradução

Os *Cantares mexicanos* são um cancionero novo-hispano conservado no Fundo Reservado da Biblioteca Nacional do México. Trata-se do primeiro opúsculo do volume MS 1628 *bis*, composto de outros doze documentos coloniais, abarcando em suas 85 folhas aproximadamente 92 cantos em náuatle clássico que foram transliterados da oralidade às letras latinas na colônia da Nova Espanha. As composições têm origem tanto

¹ Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Brasília (UnB) com período sanduíche no Programa de Pós-Graduação em Estudos Mesoamericanos da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Tradutora e Mestre em Estudos da Tradução pela mesma universidade brasileira. Realizou dois estágios pós-doutorais, o primeiro na Universidade de Brasília (2021) e o segundo na Universidad Nacional Autónoma de México (2022-2024). E-mail: saralelis@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9471-7018>

² O presente trabalho foi realizado em 2023 com o apoio financeiro do Programa de Becas Posdoctorales (POSDOC) da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) e com a colaboração de Pilar Máñez, supervisora da pesquisa.

pré-hispânica como colonial, e foram utilizadas por missionários e indígenas aculturados para catequizar os Nahuas mais resistentes ao deus cristão e/ou afiançar a fé daqueles recém-convertidos. A música, desde a Idade Média, constituía uma arte que movia as emoções, e sendo um dos principais meios de adoração aos numes mesoamericanos se tornou uma grande aliada no processo de imposição do catolicismo. Em efeito, o *corpus* está acompanhado por diversos instrumentos musicais desse grande povo originário do centro do México, dos quais dois deles, o *teponaztli* e o *huehuetl*, figuram mediante as sílabas “ti”, “tih”, “qui”, “to”, “co”, “tin”, “ton” e “con” em suas diversas combinações.

Nesta ocasião, apresentaremos em tradução inédita e direta para o português do Brasil dois cantos do manuscrito que classificamos como infantis. O primeiro, em realidade, caracteriza-se assim pelo seu tom, isto é, o de uma canção de ninar. Além disso, de acordo com o seu título, a composição é pré-hispânica e relata um antigo episódio de guerra entre dois povos Nahuas, onde o perdedor é tratado de forma pueril, erótica e bufona. O segundo canto, por sua vez, foi elaborado após a queda de Tenochtitlan e Tlatelolco (1521), e ilustra como a música atuou no cotidiano dos meninos que moravam nos conventos, instruindo-os conforme a religião católica. A leitura consecutiva de ambos os cantos demonstra³, ainda, que a evangelização na Nova Espanha se constituiu de pelo menos duas etapas, onde a primeira, com o primeiro canto, atesta a persistência da cultura originária na colônia mesmo após a perda do poder para os espanhóis. Já a segunda, com o segundo canto, expõe parte do trabalho efetivo realizado pelos freis europeus enviados ao centro do México. Assim, esperamos que esta tradução seja útil para todas/os as/os pesquisadoras/es brasileiras/os que investigam tanto o México antigo como o colonial, e de igual forma aquelas/es que seguem estudando as artes verbais do Brasil devido ao seu grande valor poético-musical.

³ Esta disposição dos cantos nos *Cantares* não significa, em absoluto, que o manuscrito segue uma ordem cronológica; pelo contrário. Trata-se apenas de uma interpretação minha no âmbito da construção deste trabalho.

1. Tradução para o português

[39v, l. 18] **Aqui começa um canto chamado de ninar⁴; com ele, há muito tempo atrás, os Tepaneca⁵ se vangloriaram em detrimento de Ahuitzotzin⁶, tlatoani⁷ do México. A composição é de Nohnohuiantzin⁸, originário de Nextenco, que era cantor e nobre.**

Tocotico tocoti⁹,

e então o canto vai minguando...

toco toco tocoto tico tico ticoti tico tico ticoti toco toco tocoti.

O meu canto começa no interior da casa florida;
depois, eu ofereço o meu nobre menino.
Alegrarei o menininho envolto, o menininho,
o menino que está dançando, o Auitzoninho, *oo*, eh!
Não chore mais, meu nobre menino;
você fará a flor dançar e o seu precioso som te envolverá.

Eu balanço o Anáhuac;
sou mocinha mexicana.
Venho carregando o meu escudo de criança,
de lá eu vim toda medrosinha,
meu menininho de guerra florida, *oo*, eh!
[40f] Os guizos vêm ressoando;
eu choro de tanto medinho,
meu menininho de guerra florida, *oo*, eh!
As flores de esquite são os meus peitinhos;
como duas flores de maio nos enroscamos enquanto dormimos,

⁴ (N.T.) O tom do canto, como se observará, é infantil, erótico e de zombaria.

⁵ (N.T.) Povo Nahua que integrou a Tríplíce Aliança após sua derrota para Itzcóatl, tlatoani de Tenochtitlan, em 1428.

⁶ (N.T.) Oitavo tlatoani de Tenochtitlan, quem governou o *altepetl* (do náuatle, literalmente “água, montanha”, que pode ser entendido como um território habitado por centro grupo de pessoas) entre aproximadamente 1486 e 1502 (Gillepsie, 2016, p. 50).

⁷ (N.T.) Literalmente “aquele que fala”; o vocábulo designa o cargo político mais alto entre os Nahua.

⁸ (N.T.) Personagem histórico desconhecido.

⁹ (N.T.) Sílabas referentes aos sons do *teponaztli* e do *huehuetl*, ambos instrumentos de percussão mesoamericanos. O primeiro é um idiofone e o segundo um membranofone.

mocinho, Auitzoninho, *ilili*¹⁰.

As flores alegram meu coraçãozinho, mocinho Auitzoninho.

O giz e a pluma vêm se enroscando;
a flor do pranto e a flor do escudo que estão brotando são desejadas, são almejadas.
Há alegria diante do muro de Atlixco, *ouia*...

Minhas flores de guerra vivem se enroscando;
os homens Chalca¹¹ vêm carregando a árvore florida pela região de Huexotzinco.
Há alegria diante do muro de Atlixco, *o ouia*...

Tocotico tiqui tiqui tocotiqui tocotiqui.

Menininho envolto, menininho,
não chore mais.
Você é o meu menininho,
eu vou ninar você no seu bercinho.
Auitzoninho, o seu pai virá e te balançará, *iiiao ouia*.

Meu coração sente que eu te faço corar.
Você é o meu menininho, o seu pai virá.

Auitzoninho,
minha irmãzinha preciosa,
não se entristeça muito, *oo*.
Você parece a sua irmãzinha mais velha, o Axayacatzinho, *oo eh!*

Nós nos enroscamos, *iiio*;
as moças estão jovens sobre a terra,
estão vivendo com luxúria.
Não se entristeça muito, *oo*.
Você parece a sua irmãzinha maior, o Axayacatzinho.

¹⁰ (N.T.) As partículas orais que complementam o canto foram mantidas por seu grande valor rítmico, e colocadas em itálico para salientá-las.

¹¹ (N.T.) Outro povo Nahua.

Você se transforma em minha irmãzinha;
você chora, você é minha irmãzinha.
Vá embora, Neçahualpilli¹²,
eu te carrego, eu te dou prazer.
Shhh, quietinha, minha irmãzinha Neçahualpilli, *iaoo uiia*.

Ele chegou, a flor brota;
veremos o belo menino, Auitzoninho.
Shhh, quietinha...

Eu amadureço com a flor de escudo;
sou mulher Mexica, sou uma mocinha.
A fumaça permanece com a guerra;
eu me pinto, cobiço quem está deitado perto de nós, *oo uiia*.

Ele se estende sobre a flor de fogo;
eu me pinto, cobiço quem está deitado perto de nós, *oo uiia*.

Tocoti tocoti tocotititi tocotititi tocotititi.

Você, minha irmãzinha,
está ficando com medo com essa minha composição...
você é uma mulherzinha.
Por acaso eu sou como um homem?
Eu também venho pelo seu morto,
o avôzinho Ahuitzotl, *iaouia*...

Foi o meu coraçãozinho que o fez?
Ele já não é minha verdadeira irmãzinha,
certamente eu também não abandonarei mais o avôzinho Ahuitzotl, *iaouia*...
De dia ele é minha irmãzinha,
de dia você é minha irmãzinha.
O Auitzoninho se cala;
sai, medrosinho, você vem...

¹² (N.T.) Filho de Nezahualcóyotl, tlatoani de Texcoco e grande compositor Nahua de versos.

[40v] Para que ele vem até aqui?
A sua irmãzinha foi enfurecida...
Sai, medrosinho...

É uma grande verdade, é uma grande verdade;
verdadeiramente você, Auitzoninho, introduzirá em mim o seu prisioneirinho.
Certamente você foi muito enfurecido, medrosinho, *ia*, eh!

Que seja verdade, muito verdade, medrosinho, que você introduzirá em mim, Auitzoninho...

Tocotico tocoti tocotocotocoto ticoticoticoti ticotico ticoti toco toco tocoti.

Ailili a oo,
O tambor retumba em Tamoanchan¹³,
o escudo se move.
O guizo florido vem ressoando, *ouuia...*
A flor está brilhando,
o seu teponastli está brilhando como a flor de escudo.

Escutei o canto, sou uma mocinha.
Levo a minha irmãzinha sobre as costas.
Só veremos o Auitzoninho, *tililili tililili.*
A árvore florida veio brotando, *ouuia,*
os cordões floridos vêm se entrelaçando.
O canto de Auitzoninho desabrocha, *tililili...*

Lembro de você, meu avôzinho, tlatoani Auitzoninho.
Como foi que você criou o meu coraçãozinho? *Ouia...*
O seu canto é parecido à sua palavra, é como ela.
Ainda pode ser que eu o abandone... como?

¹³ (N.T.) Lugar mítico; origem do mundo na cosmogonia Nahua.

Titi toco tocoto titito titito.

Aia ilili,

Auitzoninho, menininho envolto,

minha nobre carguinha,

que eu faça você dançar.

O menininho florido chegou, *oo eh!*

De onde a preciosa flor de jilote vem brotando?

O menininho florido chegou,

vem para dar prazer ao Neçauapillizinho, *ilili ilili auaiiao ouia...*

Seja como for,

nós íamos para os fundos da casa,

meu avôzinho, mocinho Auitzoninho, *uia...*

Eu te levo, vamos deitar onde nós dormimos.

Você caminha sobre a terra florida, em Tamoachan, prisioneirozinho, *oouia.*

Eu me pinto, medrosinho,

você é a minha irmãzinha, eh!

Como o medrosinho, meu avôzinho Neçualpillizinho, me verá?

Os cordões floridos estão se entrelaçando,

eu me pinto, *oouia...*

...de modo que a flor do esquite está se entrelaçando em minhas mãozinhas.

Sou uma mocinha, com elas eu abraço o meu avôzinho Neçualpillizinho...

[46f, l. 14] Eis aqui um canto de criança ou um canto de criancinhas que foi entoado (lá) no México há muito tempo, na festa de São Francisco. Foi composto na nossa época, quando ainda éramos muito meninos e morávamos na igreja.

Cototicoto ticoto tiquiti cototiquiti cototiquiti.

Profira o canto, você é Huexotzinca;

Estimule o canto, *aia,*

a flor é nossa composição.

Nós meninos a elaboraremos,
que todos nós que estamos na casa dos livros sejamos alegrados.
Que em breve, meninos, vocês nobres venham,
de modo que cantando perguntem aqui:
“quem criou o céu e a terra?” *Aia*.
Assim ele, o Pai, Deus, *aia*,
crê em nosso coração.
Nós meninos a elaboraremos,
que todos nós que estamos na casa dos livros sejamos alegrados em breve, oh meninos.

O flamingo turquesa chora,
o meu coração fala.
Só lembro de vocês,
nobres menininhos, sobrinhos nossos.
Ele suspira por você,
você honra a palavra dele,
do Deus único;
o coração de Deus se engendra no céu, *aiio...*

Que haja misericórdia;
vocês são nossos amigos, oh nobres meninos, sobrinhos nossos.
A aurora está se levantando com as calêndulas mexicanas douradas;
ele é invocado aqui na igreja,
o coração de Deus se cria no céu, *aiio...*

[46v] A vida não é fácil.
Na escuridão da Terra ninguém destrói,
por isso iremos embora,
seremos julgados pelo Nosso Senhor, Deus, o Dono da vida, amigos nossos.
Alegrem-se!

Deus julga dia e noite,
ele vê a todos e nos enviará para lá,

para Ximoayan¹⁴, amigos nossos.

Amigos, alegrem-se muito! Eh!

Tocotiqui tocoti tocotiqui tocoti tiquitiquitiquito tiquitiquitiquito.

São Francisco já começou;

Você também já está cantando, Dom João, Itztlolincatozinho¹⁵...

Sigamos o nosso pai, o grande chefe,

ele está rogando por nós, nobres meninos, ao Deus único.

Assim, que nós ainda nos alegremos aqui...

Que nós, nobres meninos, sejamos introduzidos.

Nossa brincadeira de criança também chorará em breve,

ela que é sorridente por si só.

Meu irmão caçula, faça aquele que desce para a Terra feliz,

não chore mais,

já não carregue nenhum pesar sobre os ombros assim aqui...

Jesus Cristo, o Deus único, nasceu lá em Belém;

a sua preciosa luz está brilhando no mundo.

Os anjos te suplicam, *oh, oh, oh, eh!*

Assim, Santa Maria é sua mãe, *ooo*,

pois ela está sobre todos nós.

Você está com ela, essa nobre mulher.

A sua preciosa luz está brilhando no mundo.

Os anjos te suplicam, *oh, oh, oh, eh!*

O Espírito Santo desceu à meia-noite;

também você, Jesus Cristo, está lá,

está em sua palhoça.

No momento da sua chegada, da festa,

¹⁴ (N.T.) Topônimo em náuatle que designa um dos destinos das almas após a morte física (Sahagún, 1989, p. 219).

¹⁵ (N.T.) Governante de Coyoacán, região do México, entre os anos 1526 e 1565 (Kalyuta, 2017, p. 112).

estavam suas flores, havia pássaros vermelhos, oh Deus único, *oua*,
oh, minha querida mãe.

Maravilhemo-nos, nós somos Huexotzinca,
oh menininhos preciosos, oh irmãos caçulas...
Jesus Cristo lá está,
está em sua palhoça.
No momento da sua chegada, da festa,
estavam suas flores, havia pássaros vermelhos, oh Deus único, *oua*,
oh, minha querida mãe.

Cototiqui titiqui titoti cototiqui titiqui titoti cototo cototo cototo coto.

Rejubilem-se, sobrinhos nossos,
vocês são nobres menininhos.
Não chorem, *oo*,
joguem, joguem fora o canto triste, *aia o ouaiaie*,
assim eu não choro mais.
Você é meu querido tio, *iie*,
para que você nos dá conselhos desde as alturas?
Onde está Ximoayan? Lá?
Só nós somos nobres menininhos, *iao ouaiaie...*

O lírio colorido, as flores, estão se abrindo.
Nós escolhemos cada uma delas, *oo*,
com elas nós nos cobrimos.
Só nós somos nobres menininhos, *oo*,
o flamingo turquesa está se revigorando, *oua o aie...*

[47r] Venham, oh irmãos caçulas;
mendiguemos os papéis de ouro e prata,
os papéis de mariposa,
pois assim a nossa angústia sairá de nós, *oua o aie...*

Nós, nobres menininhos, estamos sobre a nossa tristeza.
Como faremos?
Tomara que entoemos o belo canto de Deus, *a iioiaue iao aie...*

Alegrem-se, sobrinhos nossos,
estejamos contentes, *aiaueie*.
Talvez nós glorifiquemos, nós entoemos, *oo*,
o belo canto de Deus, *a iioiaue iao aie...*

Cototico toticoto tiquiti cototiquiti coto tiquiti.

Suspiremos o canto, nós somos nobres Mexica.
Agora, nosso querido pai, São Francisco, *ieuaie*, subiu ao céu, *o ouili aiea...*
Por isso, o nosso choro escorre desmedidamente;
mas alegremo-nos, reunamo-nos no palácio florido.
O Deus único já chegou à terra, *ieeuia*,
do interior do céu, *o ouili aiea*.

Por acaso, sobrinhos nossos,
verdadeiramente só o nosso Deus, Jesus Cristo, será rogado?
Somos seus filhos, somos a sua criação,
por isso alegremo-nos, senhores, oh sobrinhos nossos.

Nosso coração está chorando;
somos Huexotzinca, preciosos meninos, nobres menininhos.
De modo que nossa recompensa está escrita no livro, na palavra de Jesus Cristo.
Somos seus filhos, somos sua criação...

Assim, parecendo plumas de quetzal,
nós nobres menininhos nos inclinamos,
por isso nós nos humilhamos, por isso nós clamamos à Santa Maria, para sempre a Virgem.

Os diversos livros são pintados suavemente;
nós estendemos os colares,

nós nos inclinamos, por isso nós nos humilhamos, por isso nós clamamos à Santa Maria, para sempre a Virgem.

Ticotico tiquitiqui tico tiqui tiquiti etcétera.

Nós somos Huexotzinca;
ei! Nós somos nobres menininhos.
Que nós ainda rezemos as contas floridas do terço ao som do canto, do belo canto.
Meu amigo, que o quetzal, o çaquan e o flamingo turquesa¹⁶ nos acompanhem até chegarmos diante de Deus.
Dancemos!

Pinta-se o precioso livro,
entre si estão se beneficiando com a sua palavra, Jesus Cristinho, *aia*...
Meu amigo, que o quetzal, o çaquan e o flamingo turquesa nos acompanhem até chegarmos diante de Deus.
Dancemos!

As asas do pássaro estão atadas,
estão chovendo lágrimas.
A sua palavra, oh Deus, está dentro da casa dos livros, *aia*,
onde te invocamos, te clamamos por todos nós os padres, nós que somos servos.

[47v] *Aua, aua*, oh meninos Huexotzinca;
vocês são nobres menininhos,
talvez tenham descoberto a vida santa, *aua o aie*.
Assim ele, nosso pai São Francisco,
veio para caminhar nessa vida sobre a terra com miséria.
Foi assim com Jesus Cristo, Nosso Senhor, quando passou por aqui...

Você se purifica como um quetzal;
canta, se ergue diante de todos.
Você dispõe o livro sobre as suas asas,

¹⁶ (N.T.) Aves mesoamericanas. Os dois primeiros vocábulos foram adaptados para o português.

como uma preciosa borboleta turquesa.
Você, grande chefe, anda cantando sobre as águas pintadas.
Você se sacode,
o vermelho e o marrom refrescam o seu coração.
Você pinta de vermelho o seu bom canto, as suas belas flores,
com elas você caminha, vai subindo pela preciosa árvore da flor de cana¹⁷.
Você gorjeia, o vermelho e o marrom refrescam o seu coração...

Vivemos no tempo do florescimento, sobrinhos nossos,
sobre a Terra, oh irmãos caçulas.
Que despedacemos as flores marrons e ocres;
elas são requeridas só por pouco tempo...
E estão se retorcendo, estão brotando as flores dos tubérculos.
Que despedacemos as flores marrons e ocres;
Apenas por pouco tempo somos requeridíssimos...

Coto coto tiqui tocoti coto coti quito coti cotocoto cotocoto quitiquitiquitiquiti.

Os seus preciosos guizos,
os seus preciosos guizos,
as fileiras de seus preciosos guizos estão ressoando no mundo.
Alegre-se, grande chefe, alegre-se, *iao aiaue...*

Toquem o teponastli deles, nobres menininhos.
Dancem, dancem...
Só componho flores:
eu sou Huexotzinca, sou um nobre menino, sou Itztlolinqui.
Lembro de Cetochtzin¹⁸, ele pereceu lá nas águas, sobre o mar.
Acreditem, oh sobrinhos nossos! *Ahua...*

Nozcacauhtzin também fez isso, *oo*.
As águas já caíram sobre Tenochtitlan;

¹⁷ (N.T.) Árvore nativa do México; *Lobelia laxiflora* é o seu nome científico.

¹⁸ (N.T.) Nobre Nahua que governou Coyoacán entre 1521 e 1525, e que foi traído pelo próprio filho, o já mencionado João Itztlonqui (Cubillo Moreno, 2014, p. 50).

ele, o Marquês já foi avisado.
Acreditem, oh sobrinhos nossos! *Ahua...*

Ouçam, vejam, senhores!
Os nobres meninos de Acolhuacan já estão vindo, estão vindo, estão vindo para dançar:
ele, Yoyonzinho, Dom Gabriel de Tlacopan.
Os preciosos guizos estão soando,
suas preciosas pedras estão brilhando, *aieo o aia iea*.

Dancem, brinquem,
que as suas mãos unguidas ecoem.
Você está em minhas preciosas mãos,
você Dom Francisco.
As várias joias estão entrelaçando os seus sons, *aieo o aia iea...*

Oh Deus, *aua*,
os *xiuhtototl* estão caindo como o orvalho.
Você é o Joãozinho, você se lembra dos queridos mortos.
No lugar de chuva do único Deus,
os amigos, as flores são oferendados aos tlatoanis, ao prelado.

Você, meu querido irmão caçula,
você, Itztlolinqui,
vamos para São Francisco e vejamos o nosso querido pai.
Lá entregaremos o nosso som,
e se reunirão os nobres, *aua*, oh amigos.

Tiquitocotiquitoco tititi.

[48f] Aqueles que estão ao nosso lado, venham!
Já estamos honrando a festa,
de modo que nosso precioso colar,
São Francisco, de modo que ele agora chegou próximo à glória de Deus.
O senhorio, *oo*, assim, o reino encontra-se no interior do céu,
na casa do çaquan, dentro da casa do quetzal;

o Deus único o colocou aí.
Celebrem com a existência dele,
nós somos nobres menininhos...

Alegrem-se, pois com alegria a tristeza é retorcida;
esse é o nosso castigo, de modo que o nosso precioso colar, São Francisco,
de modo que ele agora chegou próximo à glória de Deus...

Oh senhor amado, oh Deus,
você nunca começou, você jamais teve início.
O céu é eterna e verdadeiramente o seu lugar,
lá você discursa em boa hora, *aia*.
Tudo é obra sua,
o céu e tudo o que se encontra aqui na terra, *aia*.
Por isso eu choro,
eu que sou um ungido precioso, *oo uio*,
o poder é todo seu, *oo uio*,
o poder é todo seu, *ia*.

Assim, o seu lar permanece cercado de preciosas chalchihuites,
de uma preciosa neblina, *aia*.
Tudo é obra sua,
o céu e tudo o que se encontra aqui na terra, *aia*...

Estou carregando o precioso papagaio da cabeça amarela;
você foi chafurdado na areia, sobrinho meu.
Por acaso você verdadeiramente faz chegar o seu belo canto?
O “*tilili*” chega, ele chega, *o aie*...
Alegrem-se!

Que o belo canto ainda seja entoado,
de modo que verdadeiramente com ele seja cantado por nós, nobres menininhos.
Nosso precioso *huehuatl* real chega,
nossos preciosos guizos de água chegam, *tilili o aye*...

Tocoto cotiti tocoto cotititi quititi quititi etc...

Que todos vocês, nobres, sejam alegrados com o júbilo que nós deixamos.
Endireitem-se, enfileirem-se,
rogaremos ao único Deus, junto a ele, perto dele,
lá onde a flor está brotando.
Açoitaremos a borboleta florida-amarela, *oaie o aia iea...*

Os nobres menininhos Huexotzinca passam diante do Deus único bem coloridos,
com cores marrons, rosadas e alaranjadas, *aia*.
O surucuá da montanha está nesse lugar;
aí a calêndula mexicana está reverdecendo,
aí as plumas do papagaio da cabeça amarela estão se espalhando.
Só nesse lugar o flamingo turquesa está,
junto à aurora azulada.
O grilo dourado está cantando,
alegra a todos os amados e os quechóis de Deus, *oaie oaia ia...*

Venham, borboletas;
vocês são libadoras.
Todos são alegrados na chuva de Jesus Cristo,
todos os amados e os quechóis de Deus, *oaie oaia ia...*

Seu coração é como um livro colorido, padre Pedro [de Gante]¹⁹.
Quantos são os seus cantos?
Você entoava um deles [48v] para Jesus Cristo tal como São Francisco o fez.
Por isso, verdadeiramente ele veio para viver assim na terra, sobrinho meu.

Verdadeiramente as suas dores vieram, padre Pedro;
não há chocalho algum.
Como nós, nobres menininhos, estaremos felizes?
Você entoava um deles para Jesus Cristo tal como São Francisco o fez.
Por isso, verdadeiramente ele veio para viver assim na terra, sobrinho meu.

¹⁹ (N.T.) Missionário belga que chegou na Nova Espanha em 1523. Para os parâmetros da Igreja Católica, realizou um grande trabalho de evangelização, incluindo as artes e a música como meio de conversão.

Totocoto tototo cototo titiquititi titiqui titiquito.

Dancem, sobrinhos nossos,
você são nobres menininhos, *aia*.
Os floridos surucuás da montanha estão se torcendo,
só nós entoamos os nossos cantos dos livros floridos, *ilili ianca iiaue...*
Alegrem o nosso querido pai, *aia*,
ele é Deus.
Os floridos surucuás da montanha estão se torcendo,
só nós entoamos os nossos cantos dos livros floridos, *ilili ianca iiaue...*

Oh, preciosos cordões,
vamos para o milharal florida;
lá se encontra o único Deus que alegraremos com verdadeiros elogios.
As flores permanecem exalando a fragrância, *aia*,
cortaremos cada uma delas.
Nós somos nobres menininhos, *ianca iiaue...*

As flores de Deus estão se revigorando;
os colhereiros e os hibiscos estão murchando,
estão perdendo suas folhas, *aia*,
cortaremos cada uma delas.

Tico tico tiquiti tiquiti etc...

São Cristóvão está passando na beira das águas floridas, *oo*,
atravessa diante do amado Deus, Jesus Cristo.
As borboletas floridas estão enredadas...

São Cristóvão fala contigo à beira das águas floridas, Deus.
Tudo é levado em seus braços,
o céu e o mundo.
As borboletas floridas estão enredadas...

Esforcem-se de verdade, oh nobres menininhos;
nós somos Huexotzinca.
Alegremo-nos, *iauíe*,
enredemos o quetzal, o colibri e a borboleta;
aguardemos ele também,
o amado pai Pedro [de Gante], o nosso amado.
Por isso, Nosso Senhor vem brilhando,
por isso, o Deus único vem brilhando.

Vamos, vamos nós todos os nobres menininhos, eh!
Cortemos as flores de todas as cores,
por isso dancemos, *iaúe*;
aguardemos ele também,
o amado pai Pedro [de Gante], o nosso amado.
Por isso, Nosso Senhor vem brilhando,
por isso, o Deus único vem brilhando.

2. Paleografia em náuatle clássico²⁰

[39v, l. 18] Nican ompehua cozolcuicatl itoca, ye huecauh ic coquichitoque tepaneca, in Mexico tlatoani Ahuitzotzi[n] itlatlalil Nextenco Nohnohuiantzi[n] cuicani ihuan pilli catca.

Tocotico tocoti.

Auh inic ontlantih cuicatl

toco toco tocoto tico tico ticoti tico tico ticoti toco toco tocoti.

A in ompeuh i ye nocuico xochicalitec niman noconmana nopillotzi[n] noconahuiltiz ololotzin ololo mahcehua in conetl Ahuitzoton oo huiya maca oc xichoca nopillotzin in toconitotiz i moxochitzin i ihuan mocacalatzin ololotzin.

Anahuatl nichuihuixohua ye nimexicatl nichpotzintli ye nochimalcozoltzin nicmamatiuh oncan onotih aytzi[n] ye noyaoxochiconetzin oo huiya.

²⁰ (N.T.) A paleografia também é de minha autoria. As folhas do manuscrito encontram-se ao final deste trabalho.

[40f] A oyohuallin cahuantihuitz i ye nonchoca aytzi[n] ye noyaoxochiconetzi[n] oo huiya.

Zan ca izquixochitl nochchihualtzin cacaloxochitl tontomalinque telpotzintli Ahuitzoton in tocochian o a ilili a o xochipahpaqui noyollotzin in telpotzintli Ahuitzoto[n].

Tizatl ihuitl malintihuitz choquizxochitl chimalli xochitl cuecuepocaticac teicolti tetlanecti Atlixco tenamitl ixpan cahuiltiya o ohuiya.

Ye noyaoxochi[uh] malintinemi ye chalcotlaca ye quimamatihui xochicuahuitl ye Huexotzinco Atlixco tenamitl ixpan cahuiltia o ohuiya.

Tocotico tiqui tiqui tocotiqui tocotiqui.

A ololotzin ololo mah ca oc xichica²¹ in tinoconetzi[n] tzo nimitzontecaz mocozoltzinco huallaz ye mota Ahuitzoto mitzonhuihuixoz yiao ohuiya.

Noyollo quimati nimitznochiuili in tinoconetzi huallaz ye mota.

Nicutzi[n] Ahuitzoto macazo cenca xitlatlayocoya oo in tiquilnamiqui mopiticitzin Axayacaton oo huiya.

In zan yio oncan ontimali[ni]huin tlalticpac in ichpochyotl in ahuilnemilizotl macazo cenca xitlayocoya o oo...

Quezo timochihua tinicutzi[n] in timochoquilia tinicuticatzi[n] Nezahualpilli xihualmohuica tla nimitzonmama tla nimitzahahuilti i ximocauhtzin o tinicuticatzi[n] Nezahualpilli yaoo huiya.

Ohualacic cueponi xochitl tononi[t]tazque in yectli conetl Ahuitzoton ximocauhtzin o.

Chimalli xochitl ica ninoxauh nimexicacihuatl nichpochtzintli tlachinoltica i popocatimanin nonehcuiloltzin queehellehuia²² tonahuac onoque oo huiya.

Yaoxochitl ipan momati nonehcuiloltzi[n] queheehuiya²³...

²¹ (N.T.) Leia-se *xichoca*.

²² (N.T.) Leia-se *quehellehuia*.

²³ (N.T.) Leia-se *quehellehuia*.

Tocoti tocoti tocotititi tocotititi tocotititi.

Zan nontlatlayocoxtica aytzi[n] nicutzi[n] ticihuatzintli quezo mach nontlacatl i nocana²⁴
momiquili no, ye, coltzin in Ahuitzotl yiao huiya.

Que[n]mach in oquichiuh noyollotzin i ayoc huelin nicutzi[n] ayoc huelin niquicahuaz,
no, ye coltzin in Ahuitzotl yiaohuiya.

Tlaca a i nicutzi[n] tinicuticatzi[n] tlaca monahuati i Ahuitzoto[n] tla xonquiza aytzi[n] a
to[n]hualla ohuiya.

[40v] A iz tlezo hual[l]a iz ca zan tlahueliloc ye za mo[c]niuctzin tla xonquiza aytzi[n]...

Cenca nelli cenca nelli xolotzi[n] cenca ye nenelli in tinechcalaquiz Ahuitzoto[n] tlaca
nelli motzi zan titlahueliloc cenca nell[i] [a]itzi[n] yiao huiya.

A in ma nell[i] [a]itzi[n] cenca ye nelli in tinechcalaquiz Ahuitzoto.

Toquo²⁵tico tocoti tocotocotocoto ticoticoticoti ticotico ticoti toco toco tocoti.

Ayliliaoo cocomoca huehuetl Tamoancha[n] ye molini ya chimalli xochitl oyohuallin
cahantihuitz oo huiya. I xochimilintoc moteponahuaz ye milini ya chimalli xochitl.

Noconcac on cuicatl in ye nichpotzintli nicnomahmamaltiya nicutzi[n] toconi[t]tazque
Ahuitzoton zan tililili tililili i on ocueponico i xochicuahuatl oo huiya i xochimecatl
malintihuitz quitotoma icuic Ahuitzoto[n] zan tililili.

Nimitzilnamiqui noyecoltzini in tlatohuani Ahuitzoton quen mach in oticchiuh ye
noyollotzin ohuiya.

I za no iuhqui mocuicatzin i za no iuhqui ye motlatoltzin ahzoc niquilcahuaz quenmach.

²⁴ (N.T.) Leia-se *nicana*.

²⁵ (N.T.) Leia-se *co*.

Titi toco tocoto titito titito.

Aya ilili ololotzi[n] ololo nopil mamaltzi[n] Ahuitzoto[n] tla nimitzitoti ohualacic i xochiconetzintl oo huiya.

Can quetzalxiloxochitl ye oncuepontihuitz ohualacic xochiconetzintl conahuiltitihuitz in Nezahualpiltontli ilili ilili ahuyayao ohuiya.

Mazazoc nican caltetzinco toyaya ca noyecoltzin telpotzintl Ahuitzoton huiya.

Nimitznohuiquiliz totecatihui in tocochian xochiatla[l]pan Tamohuacha[n]²⁶ in tinenemi xolotzin yia oo huiya.

Ninihuilo aytzi[n] tinocniuhtzi[n] huiya quen nechittaz aytzin noyecoltzi[n] in nezahualpiltontli xochimecatl in momamalintoc in nonehcuiloltzin oo huiya.

O anca izquixochitl in momalintoc i ye nomatzi[n] ye nichpotzintl ica nicnahuatequiz i noyecoltzi[n] in nezahualpiltontli yao huiya.

[46f, l. 14] Nican ompehua in pilcuicatl ahnozo piltoncuicatl ye huecauh meuh (ompa) Mexico San Francisco ipan ilhuitzin tomatian mochiuh icuac in ompa teopan tinemia oc tipipiltotonti[n]

Cototicoto ticoto tiquiti cototiquiti cototiquiti.

Ya man toncuicatlatoacan tihuexotzinca ma toncuicapepehuacan aya xochitl totlacoyol in toconyachihuazque in tipipiltzitzinti[n] ma onahahuialon amoxca[l]li manican. Ya cuel conetle ma xihuallacan antepilhuan i ma oncuicatlatlanihua anqui ya nican i ac on i ye quichihuh ilhuicatl in tlalticpac aya o anqui ya yehuatl totatzin Dios aya ontlaneltoaca toyollon tipipiltzitzinti[n] ma onahahuialon amoxca[l]li manican ya cuel conetle.

²⁶ (N.T.) Leia-se *Tamoachan*.

O xihquechol choocan²⁷ tlatoa ye noyollo zan niquelnamiqui a in anpipiltzizinte tomachhuane quehuelzo²⁸ tehua a ye ticmahuizohua in itlatol iceltetol i ilhuicatl iyollo dios mochiuhtoquin cayio.

In ma ontlacoyelon titocnihua anpipiltzizinte tomachhuane I teocuitlatica ya cecempoalxochin²⁹ tlatlahuizcallehuatoc ye iquelesia in oncan notzalo ontlatlauhtilo ya ilhuicatl iyollon dios mochiuhtoquin caiyo.

[46v] I ye o zan ayohuica nemohua ya anayan tlatlayohualpan talticpac ayac huelonqui inic ya tiyazque tlatzontequiz totecuyo Dios in ipalontinemi tocnihuane xompaquica[n] hue.

Ceyohual in tlatzontequin Dios onteittohua onteihua ca ompa ximoa tocnihuane tocnihuane xompaquica[n] hue.

Tocotiqui tocoti tocotiqui tocoti tiquitiquitiquito tiquitiquitiquito.

On o[m]pehualoc San Palacisco ye cuico ya tidon Jihua o ye tltztlolincaton i ma ye tocontoca ca ye totata in Pelesitente ye quitlatlauhtia icelteotl in tipipiltzizinti[n] ma oc tonahahuiaca[n] o anqui ye nica[n] an a.

Ma cacalo a in tipipiltzizinti[n] ye no cuel chocaz in topilahuiltl ixhuetzcatocato ma oc xoconahuiltia i Xaltemocto maca oc xichoca ma mamama tinoteycatzin³⁰ o anqui ye nican an a.

A onca[n] a Belem za ye motlacadili Jesucristo icelteotl i ye cemanahuac ontotonatoc in motlatlanextzi[n] ye mitzonmotlatlauhtilia a in angeloti[n] huile huile huile huiletzine.

Anca ye monantzin ooo Santa Malia zan ca ye ipa[n] ye tonmoyeyetzica i ye cihuapilli ye cemanahuac ontotonatoc i motlanextzi[n] ye mitzonmotlatlauhtilia a in angeloti huile huile huiletzine.

Ca yohualli ixelihuia ye temo ya o in Spiritu Santo no tiJesucristo onca[n] oncan anaya

²⁷ (N.T.) Leia-se *choca*.

²⁸ (N.T.) Leia-se *quihuelzo*.

²⁹ (N.T.) Leia-se *cecempoalxochin*.

³⁰ (N.T.) Leia-se também *tinoteicatzin*.

imoxacal imanca tonehcoya onilhuizo ca moxxochin tlalpaltotl in icelteotle ohua nomatzine i a.

Tla ticmahuizoca[n] tihuexotzinca pipiltzitzintine t[e]icahuane onca[n] oncan aya imoxacal imanca...

Cototiqui titiqui titoti cototiqui titiqui titoti cototo cototo cototo coto.

Ma xompectaca[n] tomachhuane anpipiltzitzinti maca ximochoquilittacan oo tlaza tlaza xontlatlayocolcuicataka ayao ohuayaye za ye ic nichocan tinotlatlatzin yye y aco tle tontlaquetz in i zan ca iuhqui toyazque can ompa Ximohua zan tipipiltzitzinti yao ohuayaye.

In tlapalomixochitl i ye xochitl tlatlatzcatimani a zan tiquincecenquixti a oo a ica titapana zan tipipiltzitzinti[n] o xihuecholceceliztoc ohua o aye.

[47r] Ma xihuallacan ticcahuane in man toconteocuitlaamatlayehuaca[n] in topapalomatl³¹ ic tellelonquizaz ohuao aye.

In zan totlayocol ipan toncacate in tipipiltzitzinti[n] quen toconchihuazque e in ma huel tiquehua yectli a icuic Dios a yyoyahue yao aye.

Ma xihualhuian tocnihuane i a in man tonahuiaca[n] ayahueye azo huel toconpohua toconehua oo yectli ya icuic Dios ha yyoyahue yao aye.

Cototico toticoto tiquiti cototiquiti coto tiquiti.

In man ticuicayelcicihuican i timexicapipiltzitzintin i ye axcan motlecahui o ye totatzin San Palacisco yehuaye ilhuicac itec ho ohuili ayea.

In man ipampan³² tonchoquizcuicui icaca tonahahuiaca[n] xochitecpan calteca ya yeco ya tla[l]li icelteotl yehuaya ilhuicatl itec ho ohuili ayea.

³¹ (N.T.) Leia-se *topapalomauh*.

³² (N.T.) Leia-se *ipampa*.

O a mach ya nel tomachua man tlatlauhtiloya in ca zanio in teotl Jesu Christo in ca tipilhua an titlachihualhua i ma ic xonahahuiacan teteucti[n] tomachuane.

Hualchocan toyollo tihuexotzinca conetzitzinte ya in tipipiltzitzinti[n] o anqui tomacehual amoxihcuiliuhqui ya itlatol Jesuchristo in ca tipilhuan titlachihualhuan...

O anca iuhquin quetzallin tonhuitoliuhtoque o in tipipiltzitzinti[n] ic tontopechteca ic tocontlatlauhtia ao in Santa Malia in mochipa ichpochtli yez ayanca yancaya.

In nepapan ihuian tlatlapalpouhtoque in toncozazotoque ic tontopechteca ic tocontlatlauhtia o a in Santa Malia in mochipa ichpochtli...

Ticotico tiquitiqui tico tiqui tiquiti etcétera.

Tihuexotzinca netle tipipiltzitzinti[n] in tlaoc ya tehuanti[n] toconcuicaxochicuentaxpoa ca yectli yan cuicatl i man tiquetzalzacuaxiuhquecholhuihuico ma cani in ixpan dios nocniuhe Ma netotiloya.

A onquetzalamoxihcuiliuhticac ontlatla'machnenepaniuhtoc motlatol Jesu Christon aya man tiquetzalzacuaxiuhquecholhuihuico...

Tlaatlapalilpitoqui tlayolcopixauhtoc in motlatol a amoxcalitec in dios aya oncan mitznonotza mitzoyatlatlauhtia in Patilime ye topampan timomacehualhuan a.

Ahua i ahua conetle huexotzinca anpipiltzitzinti[n] aco ye quinexti yectli nemilizotl ahua o aye o anqui ya yehuatl totatzin San Palacizco icno [47v] yotica mone'nemiticon talticpac ye nican yuh nenca in totecuyo Jesuchriston a.

Timoquetzalyyectia toncui[ca] ya teixpan timoquetza ya amoxtli mahtlapal an toczocohua ya tixiuhcoyolinpapalotl y y pelesitente zan toncuicatinemin tlacuilolapan i zan timotzetzelo ya tlapalcamopalcamil cecelia moyool³³ i yanca ya yectli ya mocuic yectli ya moxochi ya toztlapalhuiconticac itlan tonnenemi toquiquitzinemi quetzalacaxochiatitla[n] tontlatlahtoayan tlapalcamopalcamil etc.

³³ (N.T.) Leia-se *moyollo*.

A o xoxopan on tinemi tlalli ya icpac tomachhuan ticcahuane man tocontetequica[n] ca camopalcaxtlatlapaxoochitlaya³⁴ can³⁵ cuel a chic onnenecoya.

A ihuan ca ommomal[l]in cuepontimani ya tolciymaxochitl man tocontetequica ca camopalcaxtlatlapa.

Coto coto tiqi tocoti coto coti quito coti cotocoto cotocoto quitiquitiquitiquiti.

In mocoyoltzin mocoyoltzin mocoyoltecuecuex ontzitzilintoc ye cemanahuac pelesitente ma xahuiya o xahuiyao yao ayahue.

I ma quihuitequican inteponaz pipiltzitzintin xonmihtoti xonmittoti etcétera.

Zan nioxochintlatlayocoya niuhexotzincatl ye nipiltzintli ye nItztlolinqi nocolnenamiqui Ce Totzi[n]³⁶ oncan ye poliuh atl i a itec ilhuicaapan xitlaneltoaca ca ahua tomachuane.

In zan no iuh ye quichih Nozcacauhtzin oo apa hualhuetz ye Tenochtitlan i imati ya ye yehua Malques xitlaneltoaca...

Xiquincaquican i xiquimo[t]tacan i an teteuctin i za ye huitze huitze, mittotitihuitze a in pipiltzintin Acolihuaca[n]³⁷ yehua Yoyonton i Tlacopan ton Capiel in xihcooyolla³⁸ a ihcahuaca amotecuecuyotzin ayeo ho aya yeha.

In ma xonmittoti ma mellelonquiza tla ya a ontzitzili ca mocuaoximayatzi[n] an tinomatzin titon Palacisco nepapan cozcatl i ilacatzihqui mocacalatzin i ayeo ho aya yeha.

Ahua teotle xiuhtotoahuachpixahui a a in motlayocol tiHuanitzin i tiquimilnamiqui miccatzitzinhua[n] e ye iquiapan icelteotl i quixoxochimacato in tlatohuani yehuan pelaloz ahua tocnihuane.

Tinoteicatzin i ye tltztolinqi ma tihui ya San Palacisco ma tiquittali totlazottlatzin i toconmacazque tocacalatzin i oncan no cenquiza in tepilhua ahua tocnihuane.

³⁴ (N.T.) Leia-se *camopalcaxtlatlapaxoochitlaya*.

³⁵ (N.T.) Leia-se *zan*.

³⁶ (N.T.) Leia-se *Cetochtzin*.

³⁷ (N.T.) Leia-se *Acolhuacan*.

³⁸ (N.T.) Leia-se *xiuhcoyolla*.

Tiquitocotiquitoco tititi.

[48f] I xihualaquican tonahuac onoque ye ilhuitl aya tiquixtili ya o anqui tozcauhztin San Palacisco ya anqui ye axcan ye itech ahcic imahuizon dios teucyotl oo anqui tlatocayotl ilhuicatl itec zacuancalco quetzalcalitec conayatlali icelteotl i ma ica ya an netlamachtitlo i tipipiltzitzinti[n] ya.

Ma ya papaquihua ma ic momalina tlayocolia techtlamacehui o anqui ye tozcauhztin San Palacisco ya anqui ye axcan...

In tlazoteuctle Diose aic tipeuh aic tizintic za cemicac huel moyeya ilhuicac itec oncan titlatoa yeccan aya in moch motlachihual in ilhuicatl i nica[n] maniyan tlalticpac aya ica nichoca nicuaoxitzin oho huio michi³⁹ mohueli ya oo huio mochi mohueli yya.

Chalchihuitl a quetzalayahuitl a ica ontzauctimani o anquin ye mochan aya. In moch motlachihual in ilhuicatl...

Quetzaloztli nicmeme ya tixalmelolo nomache anca zo nellin tiquehcahuico yectli ye mocuic huico huicon tilili o aye xonahuicaan⁴⁰ a.

In ma oc onehualo yectli yan cuicatl i anca zo nelli ye ic concuico tipipiltzitzinti[n] totecuehuetzin tocuauhcoyoltzin huihco huihcon tilili o aye...

Tocoto cotiti tocoto cotititi quititi quititi etcétera.

In ma onnahahuialo ticcahua o antecpilhuan i in ma hualnequetzalo in ma ya oncenpantihua tictlatlauhtizque icelteotl i zan io i ye onca[n] itloc inahuaque ao ceceliztoqui a in i ye xochitl oncan toconhuitequizque in tecozauhtic xochipapalotl ohaye ho aya yeha.

Tlatlapalpoalti[n] a in pipiltzitzinti[n] i huexotzinca i camohpaltic huitztecolxochipaltic aya ixpan onquiza icelteotl i zan io i ye on can zan tzinitznican⁴¹ i celiztac⁴² oo i cempoalxochitl ontozihuimomoyahuatimani ye oncan i zan can xihquecholayauhtonan

³⁹ (N.T.) Leia-se *mochi*.

⁴⁰ (N.T.) Leia-se *xonahuican*.

⁴¹ (N.T.) Leia-se *tzinitzcan*.

⁴² (N.T.) Leia-se *celiztoc*.

mamatlallahuizcallehuatoc itech ye oncuica teocuitlachopiltzi[n] quimonahuiltia i ye ixquich itlazohua ye iquecholhuan Dios hoaye hoaya yha.

Ma xihualla'lacan papalome antla'tlachichina ye onnetlamachtilo ye iquiapa[n] Xesuchristo ye ixquich itlazohua...

In tlapapalamoxtli moyollon tipala Petolo in quexquich mocuic in toconehuilli a [48v] Xesuchristo zan tocontlayehcalhui in San Palacisco ya ic nemico talticpac a o anqui ya nella⁴³ nomache.

In huel melel ahciticac tipala Petolo o antle toayacach in quenin tahahuiazque in tipipiltzitzinti[n] can⁴⁴ tocontlayehcalhui ya...

Totocoto tototo cototo titiquititi titiqui titiquito.

In ma onnetotilo ya aya tomachuan anpipiltzitzinti[n] a ontzitzinitzcaxochia onilacatzihuahui zan toxochiamoxcuic tocohuili lilili yanca yyahue.

Ma toconahuiltica aya totatzin yehuayan dios ya ontzitzinitzcaxochia onilacatzihuahui...

In mecatzitzine in tla tohuiya in xomilpan icelteotl i ompa tocontahuiltizque huel tecemelti tlatlazcatimani ahuiili xochitl hahuiaxochitl aya tocontehetequizque in tipipiltzitzinti yanca yyahue.

Onitzmolintoc ixochiuh in Dios i iyetlahquechol atlatzonpil⁴⁵ in i piliuhticac quilloticac aya tocontetequizque...

Tico tico tiquiti tiquiti etcetera.

Xochiaate[m]pa[n] panahui ya oo San Quilistopal za ye quipanahui ya o in tlazoteotl Jesu Quilisto xochinpapalomatlahuique.

⁴³ (N.T.) Leia-se *nelli*.

⁴⁴ (N.T.) Leia-se *zan*.

⁴⁵ (N.T.) Leia-se *atlatzompillin*.

Xochiatempan zan mitztlacanotza i yehuan Dios Quilistopal zan ye ixquech⁴⁶ oo ca ye o ticnapaloa in ilhuicatl o i cemanahuaqui xochipapalo...

Xamelacuahuaca[n] tihuexotzinca pipiltzitzintine tla tontlahuiltican aiyahue tla tonquetzalhuitzitzipapalomatlahuican tla quinmonchiacan aiyahue in tlacazo no yehuatl in pala Petolo in totlazotatzin iqui⁴⁷ tlatlatztihuitz iqui tlatlatztihuitz tocenteuco ya icelteotl a.

Tla tonhuiya tohuiya hui tipipiltzitzinti[n] tla tocontequican tlapapalxochitl ma ic tontitotican iyahue in tlacazo no yehuatl...

REFERÊNCIAS

Cantares mexicanos [manuscrito]. *In: MS 1628 bis*. Biblioteca Nacional de México, 85f. CUBILLO MORENO, Gilda. “Una visión etnohistórica de Coyoacán. Del señorío tepaneca en los tiempos de la conquista a la gran jurisdicción colonial”. *Revista Arqueología mexicana*, n. 129, p. 49-54, 2014.

GILLEPSIE, Susan. *Los reyes aztecas*. La construcción del gobierno en la historia mexicana. Tradução de Stella Mastrangelo. Cidade do México: Siglo XXI, [1989] 2016.

KALYUTA, Anastasia. “Una versión más de la Conquista de México: análisis etnohistórico y antropológico de la ‘Información de don Juan de Guzmán Itztlolinqui’”. *Revista Española de Antropología Americana*, n. 47, p. 111-126, 2018.

SAHAGÚN, Bernardino de (fray). *Historia general de las cosas de la Nueva España*. Edición de Alfredo López Austin y Josefina García Quintana. Cidade do México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, [1577] 1989.

⁴⁶ (N.T.) Leia-se *ixquich*.

⁴⁷ (N.T.) Leia-se também *ic*.

Anexos

24 Magpi quidli quezali ya mal pomicaya imatla palcohuapqueca
 namica aydon Pilipe cantiva soo centiva nspilome.
 dyrcalli xocbila ye euaya klathn xocbila cueponti maniya chidime
 capa y les yeronemi ya tixocbiluilli ocentiva o.
 Cantaklaud quecdli in chimalva xocinductica yua tiya maspaniya
 in toqui seueli cepa amonemico yndon Pilipe yaso.
 yncaba xocbilpekal yuroo no ca anaya anoncuidtehuague yntecau
 tini cepan amonemico yndon Pilipe yaso.
 Coto co tiquiti quiti.
 y nabua no hueyodia nacico kancidri y s. Pilipe Azcapotzalco nigra
 cahuco neparin ihuik taguan paltanti xocbilva y yaya ca ya
 Maonmetlan xocila colcape huague teteuctina yaltion Baltasal tison
 tico teteucte yeacaantecohayocdi tutekdi yaiyancaya.
 Niacuid quecdli papaloti paltanti tico y taya nospiciana huacoya angui
 nica anguinicaana aineo nangui ya tixocbilva acatlototl xoya
 klathnaya touic tixocbilu xoyamana y San Pilipe nospiciana
 huacoya anguinica anguinicaana.
 Nican ompedua cocot cuicatl y toca, yeduecaus iccoquicdi
 toque Tepinca, in Mexico klatoant A xuitzotzi y klathalil
 kaxenico nobno kuan tzi cuicami y hca Tili taca.
 Tocotico tocoti. Aus ynicontantius cuicatl toco toco toco to tico tico
 ti tico tico tico toco toco tocoti.
 25 Ayn ompus y venocauco xocbilcaitec niman noo mama nspilome
 nocan axotli o lotozin slolo macaria inco netl A xuitzotzi oodui
 ye macas acidoca nspilatin y lacanitolil y mo xotli tzi y kuan
 mocacalatin slo tlotzin
 Anabuall nic tui huaxobua yonimexicatl nic pizintli yonocdimalcoatl
 tzin niomamatius mcan ondius ay tzi yonoyao xocbilcometzin so
 huaya.
 Ayo de allia

Folha 39 verso

Ayplego hualair cacantla hualiloe yecamo niuetim hualo quizaayti
conca nelli conca nelli xoloti conca yenenelli in tinea calaquil A hualito
hualnelli mdtij cantitla hualiloe conca nelli yia hualia.
Aymmanelli y conca yenenelli in tinea calaquil A hualito.

Toquotico tocsti tocostocostosto hico hico hico hico hico hico hico
toco tocsti.

Aliliao cocomoca hualitl hualo anada ye mdtinija cimalli xocditl oyo
hualitl ca hualitl hualitl o hualia.

y xocimilintoc mdtinija hualitl yemiliniya cimalli xocditl.

Nomacac cuicatl y yemiliniya niemo ma ma maliniya niuetim tocmital
que a hualitl con hualitl hualitl o no cuetnico y xocimilintoc o hualia
y xocimilintoc maliniya hualitl quitotomai cuic a hualitl con hualitl.

Nimiliniya niuetim no yecostim y hualitl hualitl hualitl hualitl hualitl hualitl
yemiliniya hualitl hualitl.

Y canobus qui mocuicahini canoyudajizem hualitl hualitl hualitl hualitl hualitl
que hualitl hualitl.

hualitl hualitl hualitl hualitl hualitl hualitl hualitl hualitl hualitl hualitl

Ayualitl hualitl
y xocimilintoc hualitl hualitl.

Canquetal xilo xocditl yemiliniya hualitl hualitl hualitl hualitl hualitl hualitl
hualitl hualitl in noca hualitl hualitl y hualitl hualitl hualitl hualitl hualitl hualitl.

Macacoi niam caltepeco toyayaca no yecostim hualitl hualitl hualitl hualitl hualitl hualitl
nimiliniya hualitl
mi xoloti yia o hualia.

Nimiliniya hualitl
hualitl hualitl hualitl hualitl hualitl hualitl hualitl hualitl hualitl hualitl hualitl hualitl
danca hualitl hualitl in mdtinija yemiliniya yemiliniya yemiliniya yemiliniya yemiliniya
hualitl hualitl.

Niam ompehua tegus

ymabiyeyca nembeyaya nicaya dize qui no xoch huehueus nicuicanitl ac dicitur
 hime xomaxuili ma maxocubus ycaya o ay xilile so aya deya. 46
 ymabiyepal atlacuicoma y kantonemiyu ac dicitur hime xom maxuili mama
 ca xocubus ycaya.
 ynie notla mah noyhuil ah yya yxietli manica timexica timimixititli
 all ymaxalubca onca hyst onca tllacat idor soano hitapia xocui
 haititlon pepellania ymanica quebal hueaditlan
 ymaboc tonaduiaca ti Mexica timimixititli all ymaxalubca xocui
 haititlon pepellani aymanica
 ymaboc xocui yomona xiatli hst ometiechitl y quicubus ceoquiechitl nima
 xocui xiatli yequimona xiatli ometieca yeanemistque ah yia yteca.
 Day mocehuil xelayebtl y xia quicubus mictini hanelconca que xocui xiatli
 xanah nomacehuil hia amehuan y e an nemi y que all yateca

Nican onpehua yn Pileuicatl ah no co Piltoncui,
 catl ye huecaus maus (ompa) Mexico s. p.º y pan itzuitin
 tomanian moebus y quae momba xeban tinemia oc
 hpi piteotanti.

cotohiedto hieoto hiquit coto hiquiti cotohiquiti.

Yamantoncui catlatocan ti hue xocui nica. Matoncui ca xepediacan ayaxo,
 ebil tolayocot in tocoyachi hual que in hpi piteotanti maonada xiatlon
 amoxcali manica. Ya uel conete maaxi hual hia Anre piteotanti ma
 oncui catlatlan hia onqui yanicay aconyue quicubus ite y haititlon
 danguiya yebitl haititlon Dicit aya on haititlon catlatlan hpi piteotanti
 ti maonada xiatlon amoxcali manica ya uel conete.
 xiatli que dicit haititlon haititlon con niquel namiquia yn hpi piteotanti haititlon
 haititlon que dicit haititlon haititlon haititlon haititlon haititlon haititlon
 Dicit moebus toquin cayo.
 Yn maonada xiatlon haititlon haititlon haititlon haititlon haititlon haititlon
 ceo piteotanti haititlon haititlon haititlon haititlon haititlon haititlon
 haititlon haititlon haititlon haititlon haititlon haititlon haititlon haititlon

BIBLIOTECA NACIONAL MEXICO.

Folha 46 frente

y yuo canayo huica nemoboyu anayantla llayo hual pan thalpe ayac huilon
qui ynicmativa que tharontequil tot dios y nupalor tineni tocmi huane
tocmi huane tompaquica hie.

Ueyo hual in tharontequil dios onmeytohua onmeyhua caompa zimoa tocmi huane
tocmi huane tompaquica hie.

toedniqui toedni toedniqui toedni tiqui tiqui tiquito tiqui tiqui tiquito.

O noye hual toc. s. Palacisco y euicoya ti don si hua o yeti thilo lincatonima
yeto con tocaca yeto mata in Delosiente y equi thalauhua y celledil inri
pi pilisiquinti ma octonada huica dangui y enica ama.

Macalalua in ti pilisiquinti yono ouel edobit in to pilalau hual ya huic hual
cato ma ox xocoma huili ay xal bemoto maca ox xocoma mama mama
in dreyca jin dangui y enica ama.

A onca adalem cayem thacatili Jesu Crio y celledil y yeceme onro tonatoc
m d h l a n e x t i y e m i t z o n m d h l a u s t i l i a a y n A n g u l o t i h u i l e h u i l e h u i
le huile hie.

Ancave monajin soo Santa Maria canca y i pa yeton moye y enica y yeci hua
pille yeceme onro tonatoc y m d h l a n e x t i y e m i t z o n m d h l a u s t i l i a a y n
Anguloti huile huile huile huile hie.

Cayo hualli xehua yetemoya oyn spu Santo Nohi Jesu Crio. onca oncan
anaya y mo xal y ma ca tane xocoya in huico camox xocoma
pal tototil y nicelledil o hua nomajine ya

Ilanema huicoa ti huico xocoma pi pilisiquinti hie. hieca huane onca oncamoya y mo
xal y manca hie.

Cototiqui tiqui titoti cototiqui tiqui titoti cototo cototo cototo cototo.

Ma con factaca tomac huane on pi pilisiquinti maca ximoc de quili thacomo thalake
thaca con thalaysed lincatima ayuo o huaye yera y e nicobaci ti no thalajin
y yera o hie ton thaque y in con caud qui toya que con ompa zimoda con
ti pilisiquinti ya o huaye ye.

y thalal omi xocok y yera o hie thalal que timania can tiqui ce angu xia o ayca tim
jana can ti pilisiquinti o ximoc de quili celledil toc o huas ayce.

Maci huallaca

Folha 46 verso

47.

maxiduaallia n' piccahuane y manto conteeuilla amalla ye huaca yn
 hupra lomarl' u' tallelonguical' d'huao aye.
 y am' t' h' ayocot' y rantoncacate y h' ipipil' i' t' i' n' ti que tocomon' huacae e y
 na huc' l' h' que huca ye h' h' ay' cui' diot' ay' y' d' h' e' y' no aye.
 Maxiduaall' h' u' an' t' o' n' i' huane va in m' a' t' o' n' a' huaca ay' d' h' e' y' e' a' u' o' d' u' e' l' t' o.
 compra tocomedia o o' ye h' h' y' ay' cui' diot' h' ay' y' o' y' a' h' u' e' y' no aye.
 to' to' t' i' c' o' t' o' t' i' c' o' t' o' h' i' g' u' i' t' e' d' o' t' i' g' u' i' t' e' d' o' t' i' g' u' i' t' e'.
 y m' a' t' i' c' u' i' c' a' y' e' l' e' i' d' u' i' c' a' n' y' h' i' M' e' z' i' c' a' p' i' p' i' l' e' i' t' i' n' t' i' y' e' a' x' a' m' o' l' l' e' c' a' d' i' u'
 d' y' e' t' o' t' a' t' i' n' . s' . P' a' l' a' u' i' s' e' o' y' e' d' u' a' y' a' i' l' h' u' i' c' a' e' y' e' e' d' o' o' h' u' i' l' i' a' y' e' a'.
 y h' u' a' y' p' e' m' p' a' n' t' o' n' e' d' o' q' u' e' l' u' i' u' i' y' c' a' c' a' t' o' n' a' h' a' h' u' i' c' a' a' o' x' d' e' c' a' p' a' c' a' b' e' n' y' u'
 y' e' o' s' u' t' a' l' e' o' s' t' e' d' e' l' y' e' d' u' a' y' a' y' l' h' u' i' c' a' k' y' t' e' e' d' o' o' h' u' i' l' i' a' y' e' a'.
 t' o' m' a' c' d' y' a' n' e' t' t' o' m' a' c' d' u' a' m' a' n' t' a' l' l' a' u' d' i' t' o' y' y' c' a' c' a' n' i' o' i' n' t' e' d' e' l' j' e' s' u' c' r' i' s' t' o' y'
 c' a' t' i' p' i' l' i' c' a' a' n' t' i' t' h' a' c' h' d' u' a' l' h' u' i' c' a' y' m' a' i' c' c' o' n' a' t' a' h' u' i' c' a' t' e' t' e' u' e' d' i' t' o' m' a' c' d' u' a' n' o'.
 t' u' a' l' e' d' o' c' a' t' o' y' e' l' l' o' h' i' h' e' e' z' o' t' i' n' c' a' c' o' n' e' t' i' t' i' n' t' e' y' a' i' n' t' i' p' i' p' i' l' e' i' t' i' n' t' i' . o' n' g' u' i' t' o' m' a'
 e' h' u' a' l' a' m' o' x' i' d' u' i' l' i' u' d' q' u' i' y' a' y' l' h' a' n' t' j' e' s' u' c' r' i' s' t' o' y' c' a' t' i' p' i' l' i' c' a' n' t' i' t' a'
 e' h' u' a' l' h' u' i' c' a' y' d' e'.
 y o' n' e' a' i' u' d' q' u' i' n' g' u' e' k' a' l' l' i' n' t' o' n' h' u' i' t' o' l' i' u' d' o' q' u' e' o' y' n' t' i' p' i' p' i' l' e' i' t' i' n' t' i' y' e' t' o' t' o' p' e' e' d'
 k' e' a' y' e' b' o' c' o' n' t' a' l' l' a' u' d' i' t' a' a' o' y' n' t' i' s' m' a' l' i' a' i' n' m' o' d' o' h' p' a' u' i' d' p' o' t' i' l' i' y' e' l' a' y' a' n' c' a'
 y' a' n' c' a' y' a'.
 y n' e' p' a' r' a' n' y' h' u' i' a' n' h' a' k' a' p' a' l' p' o' u' d' o' q' u' e' i' n' t' o' n' e' d' e' a' u' o' t' o' q' u' e' i' c' t' o' n' t' o' p' e' e' d' e' c' a' y' e'
 t' o' c' o' n' t' a' l' l' a' u' d' i' t' a' o' a' i' n' s' m' a' l' i' a' y' m' o' c' e' d' e' n' t' e' p' a' r' e' d' i' t' i'.
 t' i' e' d' i' c' o' h' a' u' i' t' i' g' u' i' t' i' c' o' h' i' g' u' i' t' e' d' i' g' u' i' t' e'. d' e' p' a'
 d' h' e' z' o' t' i' n' c' a' n' e' l' l' e' h' i' p' i' p' i' l' e' i' t' i' n' t' i' y' h' a' o' c' y' a' i' e' d' u' a' t' i' t' o' c' o' n' a' u' i' c' a' a' o' x' d' e' c' a' u' e' n'
 t' a' x' h' o' a' c' a' y' e' h' i' y' a' n' c' u' i' c' a' l' y' m' a' n' t' i' q' u' e' h' a' l' c' a' g' u' a' x' i' u' d' q' u' e' e' d' e' l' h' u' i' d' u' i'
 c' o' m' a' c' a' n' i' y' n' i' x' e' p' a' d' i' o' t' n' o' c' n' i' u' d' e' m' a' n' e' t' o' h' i' l' o' y' a'.
 y o' n' g' u' e' h' a' l' a' m' o' x' i' d' u' i' l' i' u' d' h' u' i' c' a' e' o' n' t' a' l' l' a' m' a' c' s' n' e' n' e' p' a' n' i' u' d' t' o' e' m' o' l' l' a' r' t'
 j' e' s' u' c' r' i' s' t' o' n' a' y' a' m' a' n' t' i' q' u' e' h' a' l' c' a' g' u' a' x' i' u' d' q' u' e' e' d' e' l' h' u' i' d' u' i' c' o' m' a' c' a' n' i' d' e' r'
 h' u' a' k' a' p' a' l' i' l' p' i' t' a' q' u' i' h' a' y' e' l' i' o' p' i' z' a' u' d' t' o' e' y' m' o' l' l' a' r' t' a' a' m' o' x' c' a' l' e' k' e' y' d' i' o' t' a' y' a'
 o' n' e' a' m' i' t' e' m' o' n' d' e' q' a' m' i' t' o' y' a' l' l' a' u' d' i' t' a' i' n' P' a' r' i' l' i' m' e' y' e' t' o' p' a' m' p' a' t' i' m' o' m' a'
 c' e' d' u' a' l' h' u' i' c' a'.
 y h' u' a' y' a' h' u' i' c' a' c' o' n' e' l' l' e' h' u' z' o' t' i' n' c' a' a' n' p' i' p' i' l' e' i' t' i' n' t' i' a' c' o' y' e' q' u' i' n' e' a' x' i' y' e' h' i' n' e'
 m' i' l' l' e' e' o' k' a' h' u' a' o' a' y' e' o' a' n' g' u' i' y' a' y' e' h' u' a' l' l' t' o' t' a' t' i' n' . s' . P' a' l' a' u' i' s' e' o' i' c' n' o'

Folha 47 frente

A noiva

Maeve Brennan

Tradução de Sabrina Siqueira¹
Universidade Federal de Santa Maria

Introdução à tradução

O conto “The Bride”² consta no livro *The Rose Garden*, uma compilação publicada no ano 2000, com vinte contos da escritora irlandesa Maeve Brennan (1917-1993), em que quase todas as histórias se passam em Nova York e as outras na Irlanda. O mesmo editor, Christopher Carduff, havia publicado em 1997 os outros vinte e um contos ambientados na Irlanda, mais especificamente em uma mesma casa no subúrbio de Dublin que guarda correspondência com uma morada da autora quando criança, sob o título *The Springs of Affection*. Ainda em 1997, foi publicada a única novela de Brennan, *The Visitor*, obra que teria sido a primeira a ser escrita pela autora, mas que só foi encontrada postumamente, em 1993.

Maeve Brennan nasceu em Dublin, capital da República da Irlanda, em 1917. Quando Maeve tinha 17 anos, mudou com os pais e irmãs para os EUA, porque o pai, Robert Brennan, envolvido na independência da Irlanda em relação ao Reino Unido desde o Levante de Páscoa de 1916, foi escolhido como representante do país na América assim da consolidação da nova República. É nos Estados Unidos que Maeve Brennan gradua-se em Inglês, faz carreira como jornalista, com destaque para suas colunas de crônicas sobre a cidade de Nova York nas revistas *Harper’s Bazaar* e *The New Yorker*, e passa a publicar contos inspirados na vida na cidade grande e nas memórias de Dublin.

“The Bride” é representativo das temáticas preferidas por Maeve Brennan, como a solidão de mulheres irlandesas imigrantes nos EUA e trabalhando como empregadas, a preferência por protagonistas outsiders e os enlances conjugais desprovidos de amor.

¹ Pós-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Bolsista PDJ/CNPq, com pesquisa sobre a obra da autora irlandesa Maeve Brennan. E-mail: sabrinasiqeur@yahoo.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3026-4739>

² Agradeço ao direito de tradução concedido por The Estate of Maeve Brennan (Copyright © The Estate of Maeve Brennan 1997), representado pela Agência Massie & McQuilkin Literary Agents (Max Moorhead: www.mmqlit.com). A autorização foi concedida por e-mail em outubro de 2023).

Em um dos parágrafos de rememoração da protagonista, em que ela lembra que queria fazer um passeio naqueles ônibus de turismo e o dia do passeio nunca chega, estive em dúvida em como traduzir *landing*, se como “patamar” ou, em uma das aparições, como “desembarcar”. Na continuação do conto, depois da lembrança dos ônibus, quando o noivo chega e Margaret é arrancada desse devaneio, há repetição da palavra *landing* no que se refere ao patamar ou andar a que ela desce para encontrar o noivo, que entra pela porta dos fundos, enquanto Margaret está em seu quarto, no andar de cima. A primeira vez em que a palavra aparece, o narrador conta “*A joyful shouting came from downstairs, and Margaret ran out onto the landing*”. E logo no mesmo parágrafo aparece: “*When he reached the second-floor landing*”. A palavra *landing* pode ser patamar ou desembarcar.

Maeve Brennan era jornalista e uma das preocupações na redação jornalística é não repetir vocábulos, recorrer a sinônimos. Daí que a repetição dessa palavra em um mesmo parágrafo poderia ter um significado diferente em cada aparição, e poderia representar uma alusão ao “desembarcar” de um devaneio, de um sonho acordada da protagonista com esse passeio do passado, que ficou só na vontade. Devaneio ou *Daydream*, aliás, é também o título de um pequeno conto de Brennan, que consta em *The Rose Garden* como prefácio. Então, traduzi a primeira aparição de *landing* como “desembarcar”, como se ao ouvir o barulho de Carl chegando, Margaret tivesse tido que desembarcar do ônibus em que ela estava no “sonhar acordada”, no devaneio. Mas ficou para mim o questionamento se foi isso que a autora quis fazer, se essa é uma possibilidade de tradução. Segue a tradução do conto “The Bride”, de 1953.

A noiva

Às sete horas em ponto da noite anterior ao seu casamento, Margaret Casey terminou de arrumar suas coisas, trancou a mala e sentou na beirada da cama para recuperar o fôlego. Seu quarto era no andar superior da casa em Scarsdale, onde ela havia trabalhado como empregada por dez anos. Ela estava sozinha na casa. O telefone estava desligado, a geladeira estava desligada, as janelas estavam todas trancadas e todas as camas, exceto a dela, desfeitas para o verão. A família tinha ido cedo naquela manhã para o chalé deles em Berkshires, onde permaneceriam até outubro. Margaret esteve receosa pelo momento da partida deles, temendo suas próprias lágrimas, que rolavam facilmente, mas no último minuto ela sorriu brilhantemente e acenou e viu o carro desaparecer na estrada afora calma o suficiente, apesar de por um momento lá ela ter sentido que deveria chorar para que

eles voltassem, que voltassem, ainda que só por uma hora, e não a deixassem sozinha em um momento como este.

É claro, fora ideia dela mesma em primeiro lugar casar no dia seguinte à partida deles para as férias. O verão tinha parecido uma confortável e indefinida data distante naquela noite do último fevereiro em que ela havia cedido à persistência de Carl e se comprometido com ele. Ela gostava de Carl, mas não estava muito inclinada a casar com ele. Durante toda aquela noite, ela ficou deitada em pânico, pensando em formas de romper. Seria fria dizer a ele diretamente que ela não via utilidade nele. Astuta, decidiu fazer uma coisa de cada vez. Primeiro ela daria o aviso à Senhora Smith, e então iria simplesmente desaparecer para outra cidade e encontrar um novo emprego e não deixar que Carl soubesse nada sobre isso. Mas quando ela foi fazer isso, quando eles estavam tomando café da manhã e os avisou, a visão do rosto da Sra. Smith arrasada foi demais para ela, e para aliviar sua culpa ela deixou escapar que estava indo casar com Carl e se acomodar, e parar de trabalhar, e ter seu próprio lar. Sr. e Sra. Smith estavam boquiabertos e deliciados com a boa sorte dela, e o prazer deles a fez tão generosa que ela floreou o caso um pouco, descrevendo a casa (ainda não construída) que Carl esperava comprar, e contando sobre o plano de fazer negócios com o irmão dele algum dia, não agora. A Sra. Smith disse que esperava que Margaret permitisse que lhe oferecesse uma breve recepção de casamento aqui em casa depois da cerimônia, mas Margaret rapidamente disse não, que seus planos eram de casar no dia seguinte à partida deles para o verão. Depois de alguma discussão, a Sra. Smith cedeu e riu, e disse que afinal de contas Margaret era a noiva e que o mais correto seria que as coisas acontecessem à sua maneira. De volta à cozinha, Margaret sentou tão atônita como se eles a tivessem expulsado. Tudo que eu quis fazer foi avisar, ela pensou, e aqui estava eu comprometida.

Por outro lado, julho parecia longínquo. Haveria certamente algum jeito de se livrar. Ela poderia iniciar uma briga com Carl, ou poderia confiar na Senhora Smith e pedir conselho a ela. Mas foi ficando mais e mais difícil falar. De qualquer forma, ela se viu ficando mais afeiçoada a Carl. Era a primeira vez na vida que tinha alguém para si própria, e ele era muito atencioso com ela. Ele estava vindo agora, em poucos minutos, levá-la para jantar fora.

Ela contrastou esta noite com a noite, doze anos atrás, na Irlanda, antes da sua irmã Madge casar. Naquela noite, Madge não parava de fazer pose no seu vestido de noiva de seda azul, exibindo-se para os vizinhos enquanto a mãe dela sentava no meio do quarto chorando porque estava perdendo sua grande garota e a família iria logo estar espalhada. “Daqui a pouco é a Margaretezinha que vai estar me deixando”, chorava a mãe,

e Margaret tinha se lançado ao seu lado e protestado que não, não, ela nunca iria partir, e os vizinhos balançavam a cabeça em aprovação, dizendo que aquela era uma boa filha. Entretanto, boa filha e tudo, era Madge a favorita, e quando, depois de um ano, Madge decidiu economizar se mudando de volta para sua velha casa, Margaret sentiu-se desconfortável com o perpétuo rebuliço sobre o bebê de Madge e o marido de Madge e as dores e aflições de Madge. Margaret já estava então trabalhando fora, e quando seu tio em Nova York escreveu oferecendo para lhe emprestar a passagem, ela aceitou na hora, acreditando que no último minuto antes de sua partida a mãe iria tomar juízo e iria proibi-la de ir. Mas a mãe pareceu encantada em ver Margaret ter a sua “oportunidade”, e foram menos lágrimas derramadas sobre a partida de Margaret para uma terra estrangeira, que sobre a decisão de Madge em casar com um garoto que ela tinha conhecido a vida toda.

Margaret tinha encontrado grande satisfação nas ordens de pagamento que enviava para casa semanalmente, sabendo do poder que elas tinham dado a sua mãe no cuidado da casa. Depois de pagar a dívida com o tio, ela enviava mais e mais dinheiro para casa, incumbindo-se de enviar o máximo que pudesse. Ela sempre pretendia começar a economizar para sua passagem para casa, mas realmente acreditava que quando fosse a hora de rever sua mãe, o dinheiro surgiria de alguma forma. Ela queria retornar melhor que Madge, de uma vez por todas. Tinha o sonho de economizar suficientemente para voltar e começar seu próprio pequeno negócio, o suficiente para sustentar a mãe e a si, ou retornar com um ninho confortável e achar algum bom homem para casar. Nenhuma de suas esperanças se concretizaram. Todas as suas esperanças haviam se tornado remorsos, somente o sentimento dolorido e tenso em seu coração era o mesmo. Tudo tinha acabado dando errado. A mãe estava morta há cinco meses agora, e parecia não haver jeito de voltar para Madge, sentada lá triunfante, em posse de cada velharia de enfeite e mobília e tudo que tinha restado da velha casa. Não que Madge tenha oferecido enviar a ela alguma coisa – nem mesmo algumas das velhas fotos – e teria sido muita amargura revelar sua inveja e anseio perguntando por elas. Madge sabia o que estava fazendo, certamente.

Se ao menos Deus houvesse dado a Margaret a força de esperar um pouco mais, alguma coisa poderia ter aparecido. Ela podia ter ganho na loteria, ou alguma senhora idosa podia ter aparecido querendo companhia para viajar à Irlanda com ela, ou alguém – seu tio, talvez – podia ter morrido e deixado uma herança para ela. Não havia limites para as coisas que podiam ter acontecido, se ao menos ela tivesse tido paciência. Mas na noite em que ela soube que sua mãe estava morta, Carl foi tão simpático que ela se comprometeu além do que jamais havia pensado em fazer. Foi o jeito que ele colocou o braço sobre ela que a desmanchou, a proximidade do corpo dele dando a ela um aconchego que

ela tinha esquecido desde o colo da mãe. Como ele sabia bem a hora para tirar vantagem de mim, ela pensou, furiosa. A persistência dele tinha a desconcertado na primeira vez em que o encontrou. Ela podia então ter sido firme e ter se livrado dele para sempre. Era a cultura germânica nele, capacitando-o a esperar até que tivesse o que queria. Ele nunca se adequaria com o povo de casa. Eles iriam rir dele pelas costas e dizer que ele é grosso. Os olhos cruéis de Madge iriam cortar rente através das roupas americanas bacanas para ver a carne macia, de boa natureza, do cara facilmente magoável por baixo. Madge teria rido ao ouvir o Sr. Smith dizer que Carl era um rapaz bom e correto que sempre teria crédito com a comunidade. O Sr. e a Sra. Smith tinham sido muito gentis sobre a coisa toda. O Sr. Smith deu a Margaret três meses de salário como presente de casamento, e a Sra. Smith deu a ela o traje para casar. O vestido dela, um blazer e saia de shantung azul-marinho, estava pendurado agora no closet, com os sapatos novos na caixa no chão, embaixo, e o chapéu novo na caixa, na prateleira acima. Exceto pelas contas do rosário, ela não tinha nada antigo e familiar da Irlanda para levar consigo para o novo lar. Madge roubou tudo, e sem nem levantar um dedo.

Uma vez, quando Margaret era uma garotinha, antes de seu pai morrer, sua mãe e pai tinham ido para um passeio em um ônibus antigo, chamado charabanc, para o interior. Quando eles voltaram, falaram sobre o hotel onde tomaram chá e sobre as matas e rios que haviam visto. Eles prometeram que Margaret teria um passeio de charabanc um domingo, e ela acreditou neles e começou a ir todo domingo assistir aos ônibus se encherem de passageiros. Um monte de gente jovem costumava ir, rindo e empurrando-se uns aos outros para ver quem teria o melhor assento. Margaret escolheu seu assento – aquele bem na frente, perto do motorista – mas ela nunca teve a chance de ir passear em um. Havia sempre alguma desculpa para evitar que ela fosse. Às vezes, algum dos ônibus antigos ia em um tour misterioso. O motorista do charabanc sabia aonde ele estava indo, mas os passageiros tinham de adivinhar, e nunca poderiam estar certos de seu destino até que chegassem lá. As pessoas saindo nos tours misteriosos pareciam ainda mais felizes que o público usual dos charabancs. Margaret ansiava por ir com eles, embora ela tivesse um certo medo de que os charabancs misteriosos nunca mais voltassem. Ela poderia muito bem ter ido em um e não voltado, por todo o bem que ela tinha feito da sua vida.

Um grito animado veio do andar de baixo e Margaret correu para o desembarque. Era Carl. Ele tinha entrado por conta própria pela porta de trás. Estava acostumado a portas dos fundos, sendo um encanador. Quando ele chegou ao patamar do segundo andar, olhou para cima e a viu.

“Quem é a minha garota?”, ele gritou, como se eles estivessem a quilômetros de distância. A voz dele era desagradável no vazio da casa. Ele tinha estado bebendo, ela sabia pela sua voz, mas ela não diria nada a respeito dessa vez. Ele jogou a cabeça para trás e esticou os braços abertos, desajeitado na sua felicidade não costumeira, mas ela não estava tocada por essa emoção. Ela olhou para baixo fixa nele com espanto e temor.

“Qual é o problema?”, ele gritou, caindo em si, com os braços para baixo, no corredor. “Você estava com medo que eu não viesse? Você estava com medo que eu pudesse deixá-la na igreja? Você pode tirar essa ideia da sua cabeça. Você não vai escapar de mim assim tão facilmente”.

Ela quis gritar para ele que ele estava abaixo dela e que ela o desprezava, e que ela ainda não estava ligada a ele e que nunca estaria ligada a ele, mas ao invés disso ela falou civilizadamente, dizendo que estaria pronta em um minuto, e o alertando que não subisse ao quarto, porque o vestido de noiva estava pendurado lá e ela não queria que ele visse antes da hora, por temor de que trouxesse má sorte a eles dois.

The bride

At seven o'clock on the evening before her wedding day, Margaret Casey finished her packing, locked her suitcase, and sat down on the edge of her bed to catch her breath. Her room was on the top floor of the house in Scarsdale where she had worked as a maid for ten years. She was alone in the house. The phone was shut off, the refrigerator was disconnected, the windows all were locked, and all the beds, except hers, stripped for the summer. The family had early that morning driven off to their cottage in the Berkshires, where they would remain until October. Margaret had dreaded the moment of their departure, fearing her own tears, which fell easily, but at the last minute she smiled brilliantly, and waved, and saw the car disappear out onto the road calmly enough, although for a moment there she felt she must cry after them to come back, come back, if only for an hour, and not leave her by herself at a time like this.

Of course, it was her own idea in the first place to get married the day after they left for the summer. Summer had seemed a comfortable, indefinite time away the night last February that she had given in to Carl's persistence and given him her promise. She liked Carl, but she wasn't much inclined to marry him. All that night, she lay awake in a panic, thinking of ways to break with him. It would be heartless to tell him straight out that she had no use for him. Crafty, she decided to do one thing at a time. First she would

give Mrs. Smith her notice, and then she would just steal away to another town and find a new job and not let Carl know anything about it. But when she went in, when they were having breakfast, and gave her notice, the sight of Mrs. Smith's stricken face was too much for her, and to ease her guilt she blurted out that she was going to marry Carl, and settle down, and stop working, and have a home of her own. Mr. and Mrs. Smith were astonished and delighted at her good fortune, and their pleasure made her so generous that she embroidered the case a little, describing the house (not yet built) that Carl hoped to buy, and telling about his plan to go into business with his brother someday, not right away. Mrs. Smith said she hoped Margaret would let her give a little wedding breakfast here in the house after the ceremony, but Margaret quickly said no, that her plans were made to be married the day after they left for the summer. After some argument, Mrs. Smith gave in to her, and laughed, and said that after all Margaret was the bride and it was only right she should have things her way. Back in the kitchen, Margaret sat as astonished as though they had ordered her out of the house. All I wanted to do was give notice, she thought, and here I've gone and committed myself.

Still, July seemed a long time off. There would surely be some way to free herself. She could pick a fight with Carl, or she might confide in Mrs. Smith and ask her advice. But it grew harder and harder to speak up. Anyway, she found herself growing fond of Carl. It was the first time in her life she had ever had anyone of her own, and he was very considerate of her. He was coming along now in a few minutes to take her out to dinner.

She contrasted this evening with the evening, twelve years ago in Ireland, before her sister Madge was married. That evening, Madge never stopped posturing around in her wedding dress of blue silk, showing off before the neighbors while her mother sat in the middle of the room crying because she was losing her big girl and the family would soon be allscattered. "Next thing little Margaret will be leaving me," cried the mother, and Margaret had darted to her mother's side and protested that no, no, she would never leave, and the neighbors nodded approvingly and said that was a good daughter, that one. Still, good daughter and all, it was Madge who was the favorite, and when, after a year, Madge decided to economize by moving back into her old home, Margaret felt very out of place with the perpetual fuss over Madge's baby and Madge's husband and Madge's aches and pains. Margaret was already out working by then, and when her uncle in New York wrote offering to lend her the passage over, she accepted at once, believing up to the last minute before she left that the mother would come to her senses and forbid her to go. But the mother appeared delighted to see Margaret get her "chance," and there

were fewer tears shed over Margaret's departure for a foreign land than over Madge's decision to marry a boy she had known all her life.

Margaret had found great satisfaction in the money orders she sent home weekly, knowing the power they gave her mother over the household. After the debt to her uncle was paid off, she sent more and more money home, stinting herself to send as much as she could. She always meant to start saving her fare home, but she really believed that when the time came for her to see her mother again, the money would turn up somehow. She wanted to go back there and best Madge, once and for all. She had a dream of saving up enough to go back and start a little business, enough to support her mother and herself, or to go back with a comfortable nest egg and find some good man to marry. None of her hopes had come true. All of her hopes had turned into regrets; only the hurt, strained feeling in her heart was the same. Everything had turned out wrong. The mother was five months dead now, and there no longer seemed any way to get back at Madge, sitting triumphant there in possession of all the old bits of ornaments and furniture and everything that remained of the old home. Not that Madge had offered to send her anything—not even a few of the old photographs—and it would be too bitter to reveal her jealousy and longing by asking for them. Madge had known what she was doing, all right.

If only God had given Margaret the strength to wait a while longer, something might have turned up. She might have won the Sweep, or some old lady might have turned up who wanted a companion to travel to Ireland with her, or somebody—her uncle, maybe—might have died and left her a legacy. There was no limit to the things that might have happened, if she'd only had patience. But the night she heard her mother was dead, Carl was so sympathetic that she committed herself further than she had ever meant to. It was the way he put his arm around her that undid her, the closeness of his body giving her a warmth she had forgotten since her mother's lap. How well he knew the time to take advantage of me, she thought angrily. His persistence had put her off the first time she met him. She should have been firm then, and got rid of him for good. That was the German in him, enabling him to hang on until he got what he was after. He would never fit in with the crowd at home. They would laugh at him behind his back and say he was thick. Madge's cruel eyes would cut clear through the smart American clothes to see the soft, good-natured, easily hurt fellow underneath. Madge would laugh to hear Mr. Smith say that Carl was a fine, steady fellow who would always be a credit to the community. Mr. and Mrs. Smith had been very nice about the whole thing. Mr. Smith had given Margaret three months' salary as a wedding present, and Mrs. Smith gave her her wedding outfit. Her dress, a jacket and skirt of navy-blue shantung, hung now in the closet, with the new

shoes in a box on the floor underneath and the new hat in a box on the shelf above. Except for her rosary beads, she had nothing old and familiar from Ireland to bring with her into her new home. Madge had stolen everything, and without even lifting a finger.

One time, when Margaret was a little girl, before her father died, her mother and father had gone for a ride in a charabanc, out into the country. When they came back, they talked about the hotel where they'd had tea, and about the woods and rivers they had seen. They promised that Margaret would have a charabanc ride one Sunday, and she believed them and began to go every Sunday to watch the buses fill up with passengers. A lot of young people used to go, laughing and pushing and jostling each other to see who would get the best seat. Margaret had her seat all picked out—the one up in front near the driver—but she never had the chance to ride in it. There was always some excuse to keep her from going. Sometimes one of the charabancs went on a mystery tour. The driver of the charabanc knew where he was going, but the passengers had to guess, and never could be sure of their destination until they arrived there. The people going off on the mystery tours seemed even gayer than the usual charabanc crowds. Margaret longed to go with them, although she had a half fear that the mystery charabancs never came back at all. She might just as well have gone on one and not come back, for all the good she had made of her life.

A joyful shouting came from downstairs, and Margaret ran out onto the landing. It was Carl. He had let himself in by the back door. He was accustomed to back doors, being a plumber. When he reached the second-floor landing, he looked up and saw her.

“How's my girl?” he shouted, as though they were miles apart. His voice was hard in the emptiness of the house. He had been drinking, she could hear it in his voice, but she would say nothing about it this time. He threw his head back and stretched his arms wide, clowning in his unaccustomed happiness, but she was not touched by his emotion. She stared down at him in astonishment and fear.

“What's the matter?” he shouted, throwing himself down on his arms on the banisters. “Were you afraid I wasn't going to come? Were you afraid I might leave you at the church? You can get *that* idea out of your head. You're not getting away from me *that* easy.”

She wanted to scream at him that he was beneath her, and that she despised him, and that she was not bound to him yet and never would be bound to him, but instead she spoke civilly, saying that she would be ready in a minute, and warning him not to come up into the room, because her wedding dress was hanging there and she didn't want him to see it ahead of time, for fear of bringing bad luck on the two of them.

REFERÊNCIA

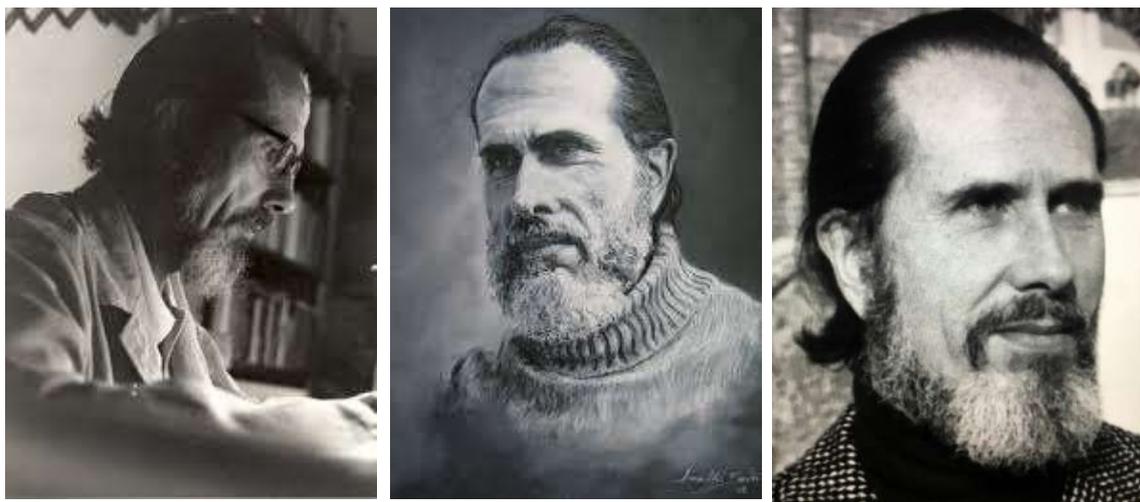
BRENNAN, Maeve. “The Bride”. *In*: BRENNAN, Maeve. *The Rose Garden*. Washington: Counterpoint, 2000.

O tempo que nos escapa

Fèlix Cucurull

Tradução de Elisa Bicca¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Fèlix Cucurull, poeta catalão

O autor

Fèlix Cucurull (1919-1996) foi um poeta e político espanhol, nascido na cidade litorânea de Arenys de Mar, na região da Catalunha. Lutou a favor da República e, após o final da Guerra Civil Espanhola, foi um militante antifranquista. Fez parte do Front Nacional da Catalunha (FNC), partido político criado em 1940 como resistência armada antifraquista, de viés progressista e independentista, e dedicou sua vida ao estudo histórico do catalanismo político de esquerda, na figura histórica de Narcis Roca i Farreras, considerado o primeiro político independentista catalão (Albó, 2009).

Como escritor, publicou poemas e narrativas. O seu livro de poemas mais conhecido se chama *El temps que se 'ns escapa* [O tempo que nos escapa], aqui traduzido, cuja primeira edição foi publicada em 1959, além de outros três livros de poesia: *A mig camí del seny* (1946), *Vida terrena* (1948) e *Els altres mons* (1952). Também publicou obras narrativas,

¹ Bacharelado em Letras: Tradução Espanhol-Português, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: elisapbicca@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9327-3109>

como *L'últim combat* (1954), *Només el miratge* (1956), *A les 21,13* (1956), *La pregunta i l'atzar* (1959) e *El silenci i la por* (1962). Em 1985 o governo da Catalunha lhe atribuiu o prêmio *Creu de Sant Jordi* [Cruz de São Jorge], outorgado àquelas pessoas ou entidades sociais que prestaram serviços destacados à Catalunha no plano cívico e cultural, sendo uma das condecorações mais prestigiadas da região (Albó, 2009).

A obra

A coletânea de poemas *El temps que se'ns escapa* foi publicada pela primeira vez em 1959, como parte de uma coleção de contos mallorquinos, pela editora La Font de les Tortugues, vinculada à Revista Ponent, de Mallorca (Cucurull, 1959). Os poemas tratam de temas existenciais, como o amor, o silêncio, o medo, e sobre a pátria, trazendo reflexões sobre o período da 2ª Guerra Mundial e do pós-guerra, durante o franquismo, que perdurou até 1975.

Toda a obra do escritor Fèlix Cucurull é de domínio público, visto que toda sua biblioteca e seu arquivo documental foram doados pelos seus familiares à Biblioteca P. Fidel Fita localizada em sua cidade natal, Arenys de Mar (Ajuntament d'Arenys de Mar, 2006).

REFERÊNCIAS

AJUNTAMENT d'Arenys de Mar. *En record de Fèlix Cucurull*. Arenys de Mar: Ajuntament d'Arenys de Mar, 2006. Disponível em: <https://arenysdemar.cat/document.php?id=15608>. Acesso: 11 abr. 2024.

CUCURULL, Fèlix. *El temps que se'ns escapa*. Palma de Mallorca: La Font de les Tortugues, 1959. Disponível em: http://aladi.diba.cat/record=b1270781~S171*cat. Acesso: 11 abr. 2024.

ALBÓ, Imma. *Fèlix Cucurull 1919-1996*. Barcelona: Centre d'Història Contemporània de Catalunya, 2009. Disponível em: <https://irla.cat/wp-content/uploads/2015/10/BEN-cucurull.pdf>. Acesso: 11 abr. 2024.

EL TEMPS QUE SE'NS ESCAPA

*Envoltat de muralles
- inútil crit - la gorja
cerca en l'alè que s'alça
d'ones de sang antiga
un mot que es faci entendre
dels vents, de tots els vents.*

*Envoltat de silenci
- inútil sang- el somni,
més enllà de les hores,
es fon mentre jo resto
captiu dintre la nit.*

Gener del 1953

O TEMPO QUE NOS ESCAPA

Cercado por muralhas
- inútil grito - a garganta
descobre no hálito que se alça
de ondas de sangue antigo
uma palavra que se faça entender
dos ventos, de todos os ventos.

Cercado por silêncio
- inútil sangue - o sonho,
além das horas,
derrete enquanto descanso
cativo noite adentro.

Janeiro de 1953

*Digues quines arrels...
Ara tot calla.
Només un somni de mons pressentits.
No-res, com sempre.
Som, en l'oblit de tot,
com una boia
abandonada
per antics navegants.
Potser, allà al lluny,
una fumera
de cadàvers incinerats
ens durà la mesura
del temps que se'ns escapa.
Digues quines arrels encara et lliguen
a la pàtria dels naufragos.*

Digas quais raízes...
Agora tudo se silencia.
Apenas um sonho de mundos pressentidos.
Nada, como sempre.
Somos, no esquecimento,
como uma boia
abandonada
por antigos navegantes.
Talvez, bem ao longe,
uma chaminé
de cadáveres incinerados
nos dará a medida
do tempo que nos escapa.
Digas quais raízes ainda te prendem
à pátria dos naufragos.

*Un laberint s'obria als nostres passos.
El retorn és inútil.
Cap Ariadna, cap... Davant les urpes
restàvem indefensos.
Hi penetràrem tots, talment uns nuvis,
amb un somris de joia.
Erem molts. Onejavem a les pupil·les
una bandera.
Ara, només es dreça davant nostre
una gorja que ens xucla.*

Um labirinto se abria aos nossos passos.
O retorno é inútil.
Nada, Ariadna, nada... Em frente às garras
nos tornávamos indefesos.
Adentraremos todos, tal como noivos,
com um sorriso de alegria.
Éramos muitos. Ondejávamos às pupilas
uma bandeira.
Agora, apenas se dirige a nossa frente
uma garganta que nos suga

<p><i>Persegueixo respostas sobre la pedra antiga. Els meus ulls, en afany de preguntes, destil•len unes gotes de somni que ha perdut la volada. Interrogo debades el missatge dels segles passats. Als murs no alena cap llavi de sibil•la.</i></p>	<p>Persigo respostas sobre a pedra antiga. Os meus olhos, em um afã de perguntas, destilam umas gotas de sonho que perdeu o voo. Interrogo em vão a mensagem dos séculos passados. Aos muros não alenta nenhum lábio de profetiza.</p>
<p><i>I llavors... només era una cançó. Potser també hi hagué un dring de campanes. ... Qui sap si un angel apropà al meu cor les seves ales?</i></p>	<p>E então... era apenas uma canção. Talvez também houvesse um toque de sinos. ... Quem sabe se um anjo aproximará ao meu coração as suas asas?</p>
<p><i>Ara porto al palmell un adéu vestit d'ombra. Una estella va apagar-se, caiguda al meu solc, ... i cap àngel no em vetlla.</i></p>	<p>Agora carrego na palma da mão um adeus vestido de sombras. Uma farpa vai desaparecer, caída em meu leito, ... e nenhum anjo me velará.</p>
<p>10-IX-49</p>	<p>10-IX-49</p>
<p><i>Trèmol de melangia he emprès el meu viatge. Tot al llarg del meu solc jeu el ròssec dels somnis. Cap oreig mou les veles... La meva nau vacil•la voltada de silenci.</i></p>	<p>Álamo de melancolia empreendi minha viagem. Ao longo de meu leito jaz o rastejo dos sonhos. Nenhuma brisa move as velas... Minha nau vacila rodeada de silêncio.</p>
<p><i>He dit adéu sense paraules, Faig el camí del meu silenci a las palpentès, solitari. Aquelles veus que il•luminaven la meva carn, ara agonizem incinerades en un marge. No tinc oasi, ni miratge.</i></p>	<p>Disse adeus sem palavras. Faço o caminho do meu silêncio tateando, solitário. Aquelas vozes que iluminavam a minha carne, agora agonizam incineradas em uma margem. Não tenho consolo, nem ilusões.</p>
<p>COMBAT</p>	<p>COMBATE</p>
<p><i>Una esperança... Un solc Entre esbarzers, avança. No te'n vagis, amic. AMIC... (una paraula) La nit, algun indret, i mots, mots que cavalquen. No res més.</i></p>	<p>Uma esperança... um leito Entre amoreiras, avança. Não vá, amigo... AMIGO... (uma palavra) A noite, algum lugar, e palavras, palavras que cavalgam. Nada mais.</p>
<p><i>Potser ahir, talment una rondalla... Espera, vinc amb tu... un clot, la creu, la plana.</i></p>	<p>Talvez ontem, tal como um boato... Espera, vou contigo... uma cova, uma cruz, a planície.</p>

LA NOSTRA VITORIA

*El teu silenci pugna
per obrir-se camí...*

*Em quedo amb la puresa
d'aquesta esgarripança
que ara et fa els ulls lluents
i pàl·lides les galtes.
Guarda't els mots i mira'm.
Deixarem les paraules
per a quan, mort el somni,
tu i jo haurem d'enganyar-no.*

*Has sentit dintre teu
un calfred de misteri...
I l'oracle ha callat
i ha callat la campana.*

*Som tu i jo... Allà a fora
la llum és diferent
i ningú no sabia
endevinar les veus
que ara poblen l'estança.*

*Som tu i jo... Ells dirien
coses sense sentit
i usarien les frases
de l'últim film de moda.*

*Ara sé que hi ha coses
que mai no tindren nom,
que només tenen vida
quan el silenci parla.*

*Quan hauré de marxar
pels carrers plens de pols
duré en mi l'enyorança
de la teva mirada.*

*Talment un rodamón,
em perderei entre els crits
del vianants que fugen
del misteri que els crema.*

*Pidolaré endebades
un eco de les veus
que aquí, en la nostra pau,
neixen dels nostres somnis.*

*Més enllà de les venes
la sang no sap camins*

A NOSSA VITÓRIA

O teu silêncio luta
para abrir caminho...

Fico com a pureza
deste horror
que agora deixa os teus olhos brilhantes
e pálidas as tuas bochechas.
Guarda as palavras e olha para mim.
Deixaremos as palavras
para quando, morto o sonho,
eu e tu o teremos de enganar.

Sentiste dentro de ti
um calafrio de mistério...
E o oráculo silenciou
e silenciou a campana.

Somos tu e eu... Lá fora
a luz é diferente
e ninguém saberia
adivinhar as vozes
que agora povoam o ambiente.

Somos tu e eu... Eles diriam
coisas sem sentido
e usariam as frases
do último filme da moda.

Agora sei que há coisas
que nunca serão nomeadas,
que apenas têm vida
quando o silêncio fala.

Quando houver de partir
pelas ruas cheias de poeira
levarei comigo a saudade
do teu olhar.

Tal como um andarilho
me perderei entre os gritos
dos pedestres que fogem
do mistério que os queima.

Implorarei inutilmente
um eco das vozes
que aqui, em nossa paz,
nascem dos nossos sonhos.

Além das veias
o sangue não sabe caminhos

*... ni la meva paraula
en fugir dels meus llavis
... ni el pensament que em crema
i que no es por fer flama.*

*Persegueixo una estrella
i em trobo entre les mans
un grapat de la cendra
dels meus combats estèrils.*

*Ajuda'm a fugir
per rutes sense pols
on la victòria sigui
un etern rebrobar-nos.*

*... nem a palavra
que foge de meus lábios
... nem o pensamento que me queima
mas não se pode fazer chama.*

*Persigo uma farpa
e encontro entre as mãos
um punhado de cinzas
dos meus combates frustrados.*

*Ajuda-me a fugir
por estradas sem poeira
onde a vitória seja
um eterno reencontrar-nos.*

*Seguiem dins l'alba...
Haviem clos els ulls
quan el dia apuntava.
Petjavem horizons
on no hi havia tombes.
No existia res
més enllà de les nostres parpelles.
Només, dins nostre,
l'alba...
Arranquem-nos les pupil·les, estimada
i vencerem la nit.
I la vida serà
el que siguem nosaltres.*

*Seguíamos na alvorada...
Havíamos fechado os olhos
quando o dia irrompia.
Pisávamos horizontes
onde não havia tumbas.
Não existia nada
além das nossas pálpebras.
Apenas, dentro de nós,
a alvorada...
Arranquem-nos as pupilas, amada
e venceremos a noite.
E a vida será
o que sejamos nós.*

*Bategar en la tonada
d'aquella canço.
Volar lluny de les platges;
deixar enrera els estels.
Sense temps...
com una ona difusa
per l'espai sense límits.
I ser llum, arreu llum,
sense màcula d'ombra.*

*Bater em sintonia
com aquela canção.
Voar para longe das praias;
deixar para trás as estrelas.
Não há tempo...
como uma onda difusa
através do espaço infinito.
E ser luz, cercado de luz,
sem mácula de sombra.*

15-IV-53

15-IV-53

*Errabunds en l'oratge
viure la nostra faula:
Un alé dins el vent
sens el compte dels dies;
sens adéus ni recerques.
Dintre l'aire, només
ésser la nostra faula.*

*Errante na tempestade
viver a nossa fábula:
Um sopro em meio ao vento
sem contar os dias;
sem adeus nem perguntas.
No ar, apenas
ser a nossa fábula.*

9-1-53

9-1-53

*Voldria dir-te el mot.
¿No el llegeixes dins meu?
¿Restará entre tu i jo com un etern silenci?
Endevina 'l i parla.
Si jo et digués el foc
que crema dintre meu
em fugiria l'ànima.*

Gostaria de te dizer uma palavra.
Não consegues ler dentro de mim?
Ficará entre nós como um eterno silêncio?
Adivinha-a e diz.
Se eu te contasse do fogo
que queima dentro de mim
minha alma fugiria.

*Quin mot en els teus llavis
traduirá el meu somni?
Arrenca del meu front
les faules impossibles.*

Que palavra em teus lábios
traduzirá o meu sonho?
Arranca de minha mente
as fábulas impossíveis.

*Cap ressó en els teus llavis
del misteri que em crema!
Solitari, perdut
en les meves fondàries,
enyoro mans esteses
sobre els meus ulls que sagnen.*

Nenhum eco em teus lábios
do mistério que me queima!
Solitário, perdido
nas minhas origens,
saudade das mãos estendidas
sobre meus olhos que sangram.

*Ni un mot en els teus llavis
traduirá el meu somni.
Arranca-me 'l del front,
que em fa impossible el tacte
dels peus damunt la terra.*

Nenhuma palavra em teus lábios
traduzirá o meu sonho.
Arranca-o de minha mente,
pois é impossível para mim
tocar os pés no chão.

REQUIEM

*El meu somni et duia de la má,
talment un estendart, enlaire, enlaire...
Com un sudari, ara ets suau
sobre les meves despulles.
No dic adéu ni vesso plors,
pel meu camí voltat de torxes.
Marxo de cara al meu amor,
jo, enamorat de sempre,
només que del misteri.*

LITURGIA

Em meu sonho te levava pela mão,
como um estandarte, no ar, no ar...
Como um sudário, agora és suave
sobre as minhas cinzas.
Não digo adeus nem verto lágrimas,
pelo meu caminho rodeado de tochas.
Parto em direção ao meu amor,
eu, apaixonado de sempre,
mas apenas pelo mistério.

CARRER ENLLA

*S'ofereix una dona a tots els vianants;
Jo no sé com es diu, ningú no li ho pregunta.
Segueixo el meu camí, com si dintre la nit
tot fos senzill i absent de llast i de miratges.
Segueixo el meu camí i una dona em somriu
des d'un portal obscur, en permanent
espera.
No m'importa el seu nom perquè en tots els
racons hi ha uns llavis amatents a lliurar el
seu misteri.*

RUA ADIANTE

Se oferece uma moça a todos os andarilhos.
Não sei como se chama, ninguém lhe pergunta.
Sigo meu caminho, como se à noite tudo
fosse simples e ausente de lastros e miragens.
Sigo meu caminho e uma moça me sorri
de um vestibulo obscuro, em constante
espera.
Não me importa seu nome, pois em todos os
cantos há lábios amorosos a oferecer o seu
mistério.

*Com si tot fos senzill, sense noses ni planys,
taralejo entre dents l'última cançó apresada.
Una dona m'invita a interrompre el camí...
Tan me fa qui pot ser. Marxo sense preguntes.*

*Segueixo caminant i una dona m'ha dit el
preu del seu cos nu. Me'n vaig entre els que
passen
indiferents a tot perquè no hi ha cap nom
que valgui un sol sospir; ni un pensament
de massa.*

*Camino amb la cançó entre dents, el cap
alt...
Tot és senzill i absent de llast i de miratges.
Sé que sóc un de tants: he après a viure sol.
Una dona em somriu des de cada finestra.*

12-X-1955

PER A QUAN SERÉ VELL

*Saber sentir-me sol
i no enyorar miratges.
Jugar amb el meu somri
com qui desplega domasos
per festejar la joia dels infants.
I cridar:
La vida no fa basardal.
No parlar mai de la mort,
com qui s'amaga
d'un gran amor il·lícit.*

Como se tudo fosse simples, sem lutas nem
lágrimas, cantarolo entre dentes a última
canção que aprendi.
Uma moça me convida a deixar o caminho...
Não me importa quem seja. Vou sem
perguntas.

Sigo caminhando e uma moça me diz o preço
de seu corpo nu. Vou entre os que passam
indiferentes, pois não há nome que valha
um só suspiro, nem mesmo um pensamento.

Caminho com a canção entre dentes, de
cabeça erguida...
Tudo é simples e ausente de lutas e lágrimas.
Sei que sou um entre tantos: aprendi a viver
só.
Uma moça me sorri de cada janela.

12-X-1955

PARA QUANDO EU FOR VELHO

*Saber sentir-me só
e não ansiar por ilusões.
Brincar com meu sorriso
como quem alça bandeiras
para celebrar a alegria das crianças.
E gritar:
A vida não gera aflições.
Não falar nunca da morte,
como quem se esconde
de um ilícito grande amor.*

O que acontece quando você conta a história de outra pessoa?

Alexis Wright

Tradução de Myllena Lacerda¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Nota de tradução (N.T.)

O ensaio “What Happens When You Tell Somebody Else’s Story?” foi originalmente publicado em 2016, na revista australiana *Meanjin*. A publicação deste texto em língua portuguesa foi autorizada por Alexis Wright, em outubro de 2023, a quem agradeço profundamente. Também registro meu muito obrigada a Ivor Indyk, da editora Giramondo, cuja atenção e disponibilidade foram de imensa ajuda.

O que acontece quando você conta a história de outra pessoa?

Durante os vários anos pesquisando histórias em todo o mundo e nas minhas próprias comunidades, algo que sempre senti ser necessário para entender como ser útil no meu trabalho — inclusive como escritora —, fiquei mais intrigada sobre o que afetaria minha habilidade de contar histórias que pudessem ser aceitas em qualquer lugar do mundo.

Tem sido o trabalho de uma vida inteira me tornar cada vez mais consciente de como outras pessoas contavam histórias em nome do povo aborígine na Austrália e como as histórias são usadas em campanhas em busca de certos objetivos. Acho que seria justo dizer que somos a consciência inquietante do país e geridos por seus agentes de poder mais poderosos por meio de uma narrativa nacional. Vi as consequências dessa mudança de narrativa negativa nas nossas comunidades e no trabalho árduo de toda uma vida realizado pelo nosso povo para lutar contra cada tendência política de criar histórias.

Eu sabia que o estilo e a intenção da narrativa nacional sempre seriam um dos maiores desafios que enfrentaria como escritora. Todos nós somos, coletivamente, os herdeiros e produtores da psique nacional, e eu queria saber como seria afetada por isso. A maneira como este país molda seu povo permaneceria em minha mente de forma

¹ Doutoranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina, com bolsa Capes. Mestre em Estudos da Tradução (2020) e bacharel em Letras/Tradução Inglês (2017), ambos pela Universidade de Brasília. E-mail: myrlacerda@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0092-3249>

constante enquanto tentava contar histórias sobre quem somos, como vemos o mundo, o que nosso solo tradicional significa para nós e nossos desejos e ambições. A nuvem está sempre presente.

O povo aborígene não tem controlado as histórias que outras pessoas contam sobre nós. A questão, então, era: como eu deveria ser uma escritora aborígene quando as histórias que eram contadas nacionalmente sobre nós moldariam e influenciariam o que eu posso fazer como autora? Queria explorar o que acontecia na nossa imaginação e nos nossos esforços criativos quando escrevemos sob a nuvem daqueles que nos temem e que instilam seu medo em nós. Por que eu escrevo? E por que escrevo o que escrevo? Essas são perguntas que desejava explorar ao tentar criar histórias de forma mais autêntica; por outro lado, me perguntava: será que estou apenas contando histórias às quais fui condicionada a contar pelas histórias que outras pessoas contam sobre nós? Como eu libertaria minha mente para escrever de forma diferente?

Quando o assunto é como nossas histórias são contadas, supostamente em nosso nome, ou para nosso interesse ou suposto benefício, nunca houve um patamar de igualdade. Não temos muita oportunidade de dizer o que é certo ou errado sobre as histórias contadas em nosso nome — quais são contadas ou como são contadas. Isso simplesmente acontece e tentamos lidar com as repercussões. Acho que, muitas vezes, acreditamos ser inútil aceitar o fluxo interminável de pontos de vista de outras pessoas sobre nós que surgem na mídia, ou nos esforçarmos para reverter cada nova tendência narrativa, quase sempre negativa. A verdade é que simplesmente nos tornamos um assunto para outras pessoas nas histórias que elas contam e pagamos o alto preço de suas brincadeiras tolas com o senso de identidade aborígene, direcionada à destruição do nosso conhecimento e convicção dos nossos direitos, no intuito de nos fazer questionar nossas próprias verdades e nosso tempo.

Tolice é outra palavra para estupidez e, em geral, essa tem sido a narrativa nacional sobre o povo aborígene, porque a conclusão nunca mudou. A trama sempre teve um único resultado: corroer a crença dos aborígenes na soberania, na autogovernança e nos direitos territoriais, mesmo quando chegou ao ponto em que a maioria dos aborígenes foi silenciada ou se sentiu sobrecarregada demais para continuar lutando. Basta observar os anos em que era impossível sequer mencionar as palavras tratado, soberania ou até mesmo direitos territoriais sem criar uma enorme repercussão negativa na mídia. O termo “título nativo”² era inexistente no léxico nacional da Austrália até a década de 1990, quando Eddie Mabo rejeitou o termo comumente aceito de *terra nullius* — terra vazia em uma colônia branca.

² (N.T.) Títulos nativos ou *native titles*, em inglês, são os direitos à terra reconhecidos pela lei australiana a grupos ou indivíduos aborígenes ou das Ilhas do Estreito de Torres.

Vi em primeira mão o impacto vergonhoso e nocivo que muitas histórias públicas tiveram sobre nosso povo durante um longo período de tempo. Fomos encurralados pela psique australiana, seu medo do outro. É de conhecimento geral que estamos sendo pressionados por este país a nos assimilar, a abandonar nossa cultura em prol da sobrevivência. Isso foi confirmado em uma pesquisa recente realizada pela nação Larrakia, no Top End³, junto à Universidade de Sydney e a Universidade da Tasmânia, com centenas de aborígenes em Darwin. Uma ex-pesquisadora-chefe da nação Larrakia, Penny Taylor, observou que aborígenes ouvem muito sobre si mesmos da população não indígena: “Eles dirigem os jornais, estão ao vivo, há políticos que estão se manifestando, mas não ouvimos muito da própria população indígena”.

Grande parte do nosso povo continua a ser tratado como cidadãos de terceira classe em todos os aspectos de suas interações diárias com pessoas brancas, desde os motoristas de ônibus que continuam dirigindo porque veem negros⁴ no ponto de ônibus, até o assédio da polícia e o excesso de prisões em um Território do Norte superpoliciado, ou o tratamento brutal de nossas crianças, como vimos no Centro de Detenção Juvenil Don Dale⁵, em Darwin. Não podemos escolher um futuro de independência cultural enquanto o ônus sobre a vida dos aborígenes aumenta devido à contínua recusa de centenas de milhões de dólares anuais, durante décadas, pelos acordos de gestão do Território do Norte. Faça sua escolha. Todas as estatísticas estão ligadas à narrativa nacional, à criação de histórias, à forma como as histórias são contadas, sempre no intuito de manter o *status quo*.

Já vi como as histórias foram manipuladas para alcançar determinados resultados políticos, por exemplo, aquelas histórias que pretendem brincar com o senso de identidade aborígene — que impõem um senso de autocensura, vergonha e atrito na própria comunidade; ou histórias superficiais que visam criar uma imagem negativa do povo aborígene com o objetivo de moldar uma perspectiva nacional de aceitação para alcançar resultados políticos — pense na Intervenção no Território do Norte⁶.

³ (N.T.) Top End é o ponto mais extremo na parte superior do Território Norte. Nessa região, encontram-se os três principais centros urbanos do Território Norte, Darwin, Palmerston e Katherine.

⁴ (N.T.) No inglês, *blackfellas*, e, em tradução livre para o português, algo como sujeitos negros. Na Austrália, o termo é usado para se referir especificamente aos indígenas, em especial os aborígenes. Historicamente, era usado de forma pejorativa durante a colonização do território australiano pelos europeus, no entanto, desde os anos 1970, um movimento liderado por ativistas tem subvertido a palavra, que passou a ser usada pelas comunidades indígenas como forma de (auto)referenciação aos aborígenes australianos.

⁵ (N.T.) Em 2016, ano da publicação do ensaio, a emissora televisiva ABC divulgou um programa investigativo que expôs abusos e torturas sofridos por crianças em Don Dale, incluindo o uso de cadeiras de contenção, gás lacrimogêneo e isolamento. Em 2019, um relato publicado pelo jornal The Guardian, indicou que todas as crianças presas no Território Norte eram aborígenes.

⁶ (N.T.) De 2007 a 2012, a Resposta à Emergência Nacional do Território do Norte, também conhecida apenas como Intervenção, foi um conjunto de medidas legais impostas pelo governo do primeiro-ministro australiano John Howard que afetou o Território do Norte e, conseqüentemente, a população de maioria

Enquanto desenvolvia meu interesse na maneira como as histórias são contadas, pareceu-me que o objetivo de muitas das histórias criadas direta ou indiretamente pelo governo, pelos políticos e pela mídia, ou por pessoas que acreditavam saber o que era melhor para nós, tinham apenas uma motivação política de dominar o povo aborígene, sensacionalizar, utilizar e perpetuar o racismo subjacente às mentiras históricas sobre este país e, portanto, manter uma ideologia nacional que reforçaria continuamente ao povo aborígene: nós controlamos vocês.

Em geral, os meios de comunicação só seguiram aquilo considerado de interesse do público, o sensacionalismo do racismo, o idioma no qual os australianos dizem o que querem dizer sobre o povo aborígene, em vista do sentimento entendido de forma ampla, criado e mantido historicamente: que eles (aborígenes) deveriam ser como nós, australianos e brancos, querendo dizer que eles (aborígenes) não deveriam ser como eles mesmos nem negros, que não deveriam ser como um aborígene. Muitas vezes, os artigos da mídia citam trabalhadores não aborígenes, mas não pessoas aborígenes sobre as quais estão escrevendo. Em qual posição ficam os aborígenes? Sem palavras? Continuamos a ser vistos com uma visão racializada, treinada por uma longa tradição centrada na supremacia branca, no paternalismo e na assimilação. Nossa parte neste legado é sermos as pessoas que sempre precisarão de cuidado, sempre precisarão de orientação, educação, treinamento e, acima de tudo, precisarão ser controladas.

Eu sabia que não estávamos no comando da história nacional sobre o povo aborígene quando outras pessoas precisaram criar narrativas para o diorama no qual deveríamos existir, de como seríamos visíveis aos olhos da Austrália. Imagine as décadas. A história engendra a história, engendra mais da mesma história... Imagine o resultado. A grande consciência psicótica da Austrália agora também se alastrava na mente dos aborígenes. O veneno. A luta. O dano. A vergonha. A luta meticulosa para ser... Esse é o peso que se infiltra em tudo que tentamos fazer, o fardo em toda a criatividade, a deficiência na visão.

Poucas melhoras ocorreram no estado de sofrimento dos aborígenes decorrente das poderosas influências exercidas e aplicadas pelas histórias contadas na arena pública, as quais foram impingidas ao domínio aborígene por meio de políticas governamentais como a Intervenção. As políticas afetadas por essas histórias passaram, mas as histórias permaneceram tão negativas como nunca. Pareceu-me que o controle físico e a invasão

indígena. A Intervenção foi implementada após um relatório comissionado pelo governo, o *Little Children Are Sacred* [Crianças são sagradas], reportar um alto número de casos de abuso sexual de crianças aborígenes no território. O governo, então, aumentou o policiamento, restringiu o consumo de álcool, limitou os auxílios de assistência social e afetou aspectos ligados a serviços de saúde e educação.

psicológica do povo aborígene continuaram da forma como começaram, a partir das narrativas racistas contadas sobre o povo aborígene desde o início da colonização há dois séculos. É esse estilo de história que continua a invadir todos os sentidos de soberania e resistência aborígene. Jamais houve um bom momento para um aborígene arriscar sair da rede de segurança do nosso próprio mundo.

Se você alguma vez pensou no porquê de a Austrália não ser capaz de lidar com a verdade do seu passado, é porque continuamos nesta guerra mútua de contar histórias. E o lado que se considera o grande vencedor em manter os aborígenes controlados está desfrutando demais da guerra e viciado demais no poder de criar e manter as condições de aprisionamento por meio de histórias negativas sobre os aborígenes para se interessar em mudar a história. Há inúmeras distrações que mantêm as mentes aborígenes ocupadas, por exemplo, se deve ou não haver reconhecimento na Constituição, e o que deveria ser dito? Há quantos anos temos sido conduzidos por outras pessoas na intenção de nos manter ocupados?

No pináculo da Austrália há um lamento, o princípio que une este país. A Austrália vê o povo aborígene como o problema há tempos — desde o primeiro dia, no cerne da nossa história colonial combinada. O lamento só significa medo uns dos outros. O medo de que não podemos ter mudanças demais no tipo de pensamento do *status quo*, porque isso tornaria o lugar realmente assustador e não teríamos mais nada do que reclamar, e depois? Tudo seria desfeito. E quem quer ficar se debatendo sem ter do que se queixar, ou precisando competir com ideias, ou mesmo precisando trabalhar com uma visão da perspectiva aborígene?

Por sua vez, o povo aborígene convive com as narrativas das políticas governamentais, como a Intervenção ou o *Closing the Gap*⁷, conquanto nos consideremos inteligentes por aprender a apropriar a última frase, tema ou tendência da moda para desviar a atenção do sofrimento pessoal, comunitário e familiar que foi criado, ao mesmo tempo em somos jogados de um lado a outro em diferentes direções políticas. Essa é a guerra narrativa dos valentões, e você precisa saber como lutar no ringue, saber como combater a estratégia de criação de histórias daqueles que impessoalizam o sofrimento de outras pessoas e, de novo, usam palavras-chave como Intervenção para apagar publicamente o alto nível de turbulência emocional que sufoca a capacidade de resposta do povo aborígene e sua capacidade de ser ouvido. Quem quer escutar um aborígene emotivo

⁷ (N.T.) *Closing the Gap*, ou Fechando a Lacuna em português, é uma estratégia do governo australiano que busca promover igualdade ao povo aborígene e das Ilhas do Estreito de Torres por meio de serviços, programas e políticas. A conjuntura foi lançada em 2008, e o Acordo Nacional, em 2020.

que não consegue falar a linguagem emocionalmente morta do acadêmico especialista ou do burocrata profissional — os doutores e outros especialistas em aborígenes? “São apenas doutores, querida Wright”, dizia meu velho amigo Tracker Tilmouth, um estadista e economista aborígene que tinha uma das mentes políticas mais brilhantes do país no que toca a construção de uma economia aborígene, dos fóruns profissionais sobre o povo aborígene, nos quais os principais citados nunca eram ouvidos.

São nessas batalhas com obstáculos que tentamos romper as narrativas impessoais para respirar, contar e ouvir nossas próprias histórias sobre o que realmente significam para nós, mas, lamentavelmente, nosso próprio pensamento já estava comprometido e contaminado em muitas ocasiões. Fomos expostos por tempo demais a essa história do contato colonial e às ideias e tentativas de outras pessoas de nos mudar. Aprendemos a usar a linguagem impessoal do homem branco e não significa nada a ninguém quando falamos. Ela certamente não mudou muito. Tentamos não nos tornar ou parecer muito emotivos para não ofender os não aborígenes que não gostam de ser confrontados por aborígenes emotivos e irritados. Falamos em uma linguagem educada, inventada para falar sobre o povo aborígene e da forma como os não aborígenes preferem nos ouvir. Infelizmente, alguns de nós são imunes ou alheios à nossa própria perda e logo imitam o opressor na opressão do nosso próprio povo e na censura dos nossos pensamentos e sentimentos a fim de alcançar um meio-termo.

Sim, é difícil admitir isso, mas é inevitável sentir que estamos nos tornando, pouco a pouco, os tolos doutrinados da retórica, em que começamos a acreditar nas repetidas histórias sobre nós que ouvimos de outras pessoas, e aproveitamos a oportunidade de sermos queridos para sobreviver aos tempos. Quando isso acontece, não conseguimos nem mesmo ver ou sentir o mal que causamos a nosso próprio povo. Estamos cegos demais para ver, pois estamos atacando a nós mesmos, fazendo vista grossa ou justificando o *status quo* das políticas governamentais ou o que aparece na mídia. É tão estranho quando a mídia apenas empurra sua própria história.

Sente-se que, em cada nova visão escolhida para nós, criada de forma casual, ignorante ou por meios profundamente racistas para nos manter preocupados e controlados, passamos nosso tempo lutando contra o que outras pessoas querem de nós ou acreditando no que as outras pessoas dizem, mesmo quando estamos sendo arrastados para dentro de suas narrativas. Começamos a pensar, a nos comportar e a tomar decisões com base no que achamos que podemos fazer naquele momento a partir das histórias contadas sobre nós. Nesse ato de achar um meio-termo, contribuímos com a criação de mais desordem e complexidade para o nosso futuro. Fizemos isso no passado e faremos a mesma coisa no futuro.

Isso significa que trabalhamos segundo a orientação de outras pessoas, independente da nossa vontade, de acordo com o que o governo determinou que fizéssemos para nos manter ocupados e distraídos. Estamos em uma fossa e longe de nos concentrarmos em qualquer significado extraído de um senso de identidade mais completo definido pelos aborígenes, no qual poderíamos ter aprendido mais com o legado das histórias de leis ancestrais que foram transmitidas ao longo dos tempos por nosso próprio povo com o objetivo de manter este país vivo. Precisamos dessas leis para compreender os outros, para nos reconhecermos plenamente e para nos darmos uma maior compreensão de como viver em nossos próprios termos econômicos, sociais e sustentáveis alinhados à cultura. Em vez disso, fomos praticamente suplantados, sufocados e imersos no controle de narrativas externas. É quase um milagre encontrar uma visão de fato sólida e definida pelos aborígenes, abrindo caminho em um labirinto que parece servir apenas para dismantelar as possibilidades.

Quanto mais as histórias que criamos sobre nós mesmos forem influenciadas pela imposição das narrativas de outras pessoas, mais nossas histórias se tornarão dispersas e ineficazes. Já somos um povo difuso em nosso pensamento, embora o isolamento não seja mais o único motivo. Ainda que devêssemos nos conectar por meio de nossas próprias leis e histórias ancestrais, a mudança está no nosso pensamento e no fato de contarmos histórias conflitantes, ao assimilar às nossas ideias uma visão inferior de nós mesmos a partir das histórias negativas criadas por outras pessoas para nós. Não temos coesão. Nós nos autoimplodimos. Perdemos o senso e a direção do nosso eu moral, o significado da nossa humanidade e, em termos políticos e cínicos da Austrália, perdemos a superioridade moral.

Em outras palavras, perdemos o enredo da história sobre quem somos, porque estamos muito distraídos com uma série de agendas impostas a partir das histórias de terceiros sobre e para nós, e na qual as políticas nos deixaram instáveis e praticamente incapacitados e ineficazes como povo. Estamos nos tornando um povo desperdiçado, que antes sabia por instinto como entender nossa própria história, que conhecia a história da visão aborígene, que era hábil na arte de uma cultura oral, e agora luta em regiões, luta como vozes na vastidão tentando compreender a nós mesmos. Caímos na armadilha da política assimilacionista promotora de uma cultura do esquecimento — e esquecemos que nossa cultura é um épico de temas abrangentes.

Nessa desordem, a história geral dos meios de comunicação sobre os aborígenes sempre me pareceu ser o método mais útil politicamente em todo o país para desconstruir ou construir negativamente, confundir e adulterar e, acima de tudo, tentar governar a

direção da história nacional dos aborígenes. A mídia, sobretudo seus componentes ricos, conservadores e de direita que dominam a chamada imprensa livre na Austrália, correu desenfreada para promover as políticas da Intervenção, foi a narradora pública dominante das histórias aborígenes e treinou a população nas formas de pensar os aborígenes. A mídia escolheu destacar histórias negativas sobre as condições do povo aborígene, mas, com frequência, silenciou seus pensamentos, suas opiniões sobre a situação ou suas vontades. O que ocorreu em seguida foi uma enxurrada de histórias sobre o povo aborígene.

Um grande espaço foi criado para um protesto público unilateral, envolvendo qualquer um interessado em criticar o povo aborígene com anedotas de natureza racista que eles só queriam contar, bem como ideias parciais e pessoais de como resolver o problema dos aborígenes. Essa ação de menosprezar o povo aborígene parecia uma estratégia intencional da mídia para intimidar e envergonhar o povo aborígene, para excluí-lo de contar sua própria história. Assemelhava-se aos primeiros dias do século passado, quando aborígenes eram tratados como animais de estimação públicos. O público agora era incentivado a participar de uma discussão aberta, pois sabia que era seguro a todos os australianos compartilharem abertamente suas opiniões sobre como o “problema” dos aborígenes deveria ser resolvido.

Não importava se a maioria dos comentaristas tinha pouca ou nenhuma noção do que ocorria em uma comunidade aborígene porque nunca esteve em uma ou pouco se interessava pelo contexto histórico ou pela natureza circular das políticas governamentais que resultaram em comunidades atingidas pela pobreza, nem fazia ideia da imensidão desses problemas. Eles apenas continuavam e diziam o que bem entendessem, sem se importar se era ofensivo ou injusto. Talvez seja correto dizer que grande parte dos comentários tinha o objetivo de ofender e envergonhar os aborígenes até os silenciar, como uma forma de censura, e isso era essencialmente racista.

Assim, compreendi que a mídia tinha um enorme poder de influenciar o pensamento público e a forma como nos víamos. E ficou muito claro para mim que as histórias consideradas importantes pelos aborígenes sobre nós mesmos — uma visão autodefinida do futuro — quase nunca apareciam na mídia. O espírito das nossas vozes foi censurado por meio de campanhas públicas na mídia, nas quais éramos condenados se falássemos sobre questões fundamentais para nós, como direitos aborígenes, tratados, soberania, compensação, autogoverno, ou mesmo se discordássemos de qualquer coisa durante a implementação da Intervenção. Pode-se analisar todas as questões aborígenes ao longo das décadas e dizer que conhecemos as campanhas da mídia destinadas a minar a implementação de questões importantes para nós, como direitos territoriais nacionais,

títulos nativos, mineração e outros desenvolvimentos de recursos, ou os momentos em que tivemos de lutar contra a política divisionista em eleições baseadas em raça.

Há uma grande lacuna na narrativa nacional sobre o povo aborígine simplesmente porque a maioria dele tem estado ocupada demais trabalhando com coisas que precisamos construir, manter ou proteger. Houve momentos em que não estávamos preparados para discutir assuntos sobre os quais sabíamos ser basicamente incorretos, já que pouco ganharíamos com nossos esforços ou porque seria uma perda de tempo.

Não fazia sentido adentrar esses diálogos, mesmo se quiséssemos. Estaríamos apenas instigando comentaristas que usavam táticas intimidadoras e violentas para proteger o propósito que apoiavam. Nos últimos tempos, essa foi uma nova narrativa de histórias nacionais sobre aborígenes alimentada negativamente a qual estavam ajudando governos conservadores e retrógrados a construir. Durante a Intervenção, por exemplo, a mídia parecia almejar uma visão unilateral que promovesse a política de direita e um drama supostamente necessário ao país enquanto abria as portas para qualquer um que quisesse criticar a população mais pobre e historicamente mais maltratada, ao mesmo tempo em que fechava a porta para os aborígenes se defenderem com outros pontos de vista.

A mídia escolheu quais das poucas vozes aborígenes seriam ouvidas em um espaço público cheio de provocações conservadoras e carregado de negatividade. Qualquer um cogitaria a preferência da mídia por um debate acalorado com os melhores pensadores aborígenes, em que ambos os lados pudessem ser ouvidos, mas, em vez disso, preferiu apenas excluir ou abafar qualquer um que pudesse contar uma história diferente: uma história que pudesse indicar alguns fatos e análises originados em uma rica experiência no mundo aborígine.

A campanha da mídia, pois suponho que tenha sido isso, durante o período da Intervenção, promoveu seu próprio grupinho de intelectuais ou comentaristas públicos aborígenes. Eles foram usados rigorosamente na promoção dessa nova história aborígine, ao darem maior legitimidade ao que os australianos sentiam em relação ao povo aborígine. O sentimento geral da indignação foi o mesmo de sempre, condicionado pela história e pela crença no domínio sobre o povo aborígine. A estratégia por detrás dessa campanha apoiada pelas empresas era enfraquecer qualquer força residual do separatismo aborígine — a crença nos direitos, na resistência e na resiliência aborígenes.

Em geral, os povos aborígenes não têm combatido suas diferenças em público nem condenado seu próprio povo publicamente. Conheço muitos deles que lutam por mudanças há muito tempo e que conhecem as dificuldades de alcançá-las. Mas alguns dos comentaristas que apoiaram a campanha da Intervenção tiveram facilidade em se esconder

atrás das leis de difamação australianas, não nomeando os infratores, mas acusando toda uma raça de cometer vários crimes contra nossa humanidade.

Nesses quase 40 anos de trabalho em prol dos direitos aborígenes, nunca vi uma visão totalmente definida e endossada pelos aborígenes receber muita atenção da mídia australiana. O que quero dizer com uma visão definida pelos aborígenes é aquela que vi ser formada pelos anciãos da Austrália Central em algumas das melhores comunidades durante a década de 1990, quando reivindicaram o autogoverno no Território do Norte. Nunca houve uma discussão real na Austrália sobre como criar um governo autônomo ali.

Quase nada disso apareceu nos meios de comunicação, embora muito tenha se falado sobre como criar uma visão do governo para retirar os direitos dos aborígenes no Território do Norte, resultando no desperdício de vários milhões de dólares na Intervenção e, depois, nas políticas do *Closing the Gap*, um dinheiro que poderia ter sido mais bem gasto na criação de acordos governamentais mais justos no Território. É claro que, apagando meus rastros, já que estamos ficando bons nisso, qualquer um pode citar vários casos no passado em que certas vozes aborígenes foram ouvidas na mídia — por exemplo, manifestando o direito à terra e discutindo os títulos nativos —, mas eu questionaria até que ponto fomos realmente ouvidos em vez de escolhidos de forma seletiva e preconceituosa, como em retratos, para representar o ponto de vista aborígene como um todo.

A história da reivindicação de um autogoverno aborígene pelos anciãos da Austrália Central, por exemplo, foi morta antes que pudesse respirar. Era como tantas outras boas histórias do povo aborígene que foram prejudicadas, passaram à clandestinidade para sobreviver ou só são compartilhadas em ambientes privados e seguros. No entanto, por que o país como um todo nunca teve vontade de ouvir uma visão definida pelos aborígenes?

Não vejo nenhuma mudança no *status quo* do povo aborígene usado como peão em jogos políticos — só podemos chamar assim — e continuaremos a ser invalidados e lesados pela administração cada vez pior do Governo do Território do Norte.

Essa forma de autogoverno concedida ao Território por uma lei da Commonwealth nunca foi revisada para descobrir se funciona ou onde gastaram todo o dinheiro recebido em benefício do povo aborígene, ou qual forma de governança poderia ser mais legítima e funcional aos povos aborígenes. O experimento realizado com a Lei (de Autogoverno) do Território do Norte de 1976 continua a ser um fracasso vertiginoso, tendo produzido um governo de perdedores com a arrogância de considerar o Território digno de se tornar um estado. O governo provou várias vezes sua incapacidade de governar todos os Territórios, especialmente os aborígenes, que correspondem a cerca de um terço da população.

Sabe-se bem que qualquer partido no poder no Território tem usado indevidamente os milhões de dólares alocados anualmente por meio da Comissão de Auxílios Australiana para combater a desvantagem dos aborígenes. As escolas, a saúde, o desenvolvimento econômico, a moradia, a infraestrutura e assim por diante dos aborígenes têm sido negligenciados há muito tempo, e os problemas sociais intergeracionais de desvantagem e pobreza que os acompanham aumentam cada vez mais.

Como consequência desses mecanismos inviáveis de governança, o Território tem uma força policial quase três vezes maior do que a maioria das outras jurisdições em relação à população. Constroem mais prisões para prender aborígenes porque não sabem mais o que fazer. As imagens gráficas da reportagem da ABC Four Corners em agosto de 2016 enfim desencadearam uma Comissão Real sobre o tratamento de crianças em detenção juvenil (onde as crianças aborígenes estão sobrerrepresentadas), semelhante ao que vimos de prisioneiros sendo torturados na Baía de Guantánamo. Por que nenhum político ou governo do Território demonstrou um pinga de decência e coragem e disse: Esse mecanismo de governança está errado para o Território do Norte. Não sabemos como governar para o povo aborígene. Isso não vai se repetir. Encontraremos uma maneira melhor.

Isso é racismo estrutural? É assim que começa? Por que os conselhos de terras aborígenes no Território do Norte, que têm tido várias conquistas devido à boa administração e ao trabalho árduo para adquirir e construir terras e interesses aborígenes desde a década de 1970, continuam a ser ameaçados e questionados, mas não o governo do TN?

Depois da Intervenção, passei a entender melhor que a mídia australiana era o bardo contador de histórias dos aborígenes para a nação. De que outra forma os australianos em geral seriam informados sobre o povo aborígene, considerando que eles não têm nenhuma forma real de autogovernança ou capacidade real de governar para promover suas próprias histórias? Poderíamos continuar as manifestações nas ruas ou por meios democráticos, usando o poder do voto ou expressando nossa opinião de forma competitiva para mudar como as histórias aborígenes eram contadas.

Nos chamados argumentos de “*status quo* da dependência da assistência social” apresentados no fim da década de 1990, durante os anos da Intervenção e em grande parte da década seguinte ou além, a questão da dependência da assistência social foi frequentemente discutida e conduzida por Noel Pearson. Pearson foi um dos principais focos da mídia australiana e difundido pelos governos à época. Ele se tornou o principal arauto da Austrália na questão dos aborígenes. Muitos australianos, inclusive aqueles envolvidos no poderoso movimento de Reconciliação, juntaram-se à brigada de Pearson,

desesperados pelo comando de um líder aborígene que se adequasse às sensibilidades da classe média e almejando estabelecer um relacionamento com o povo aborígene que era o alvo da retórica da dependência da assistência social. Eles se juntaram à grande maioria dos outros australianos que tinham apenas queixas históricas sobre os aborígenes, mas encontraram em Pearson um herói aborígene de sua época. Ele entendeu perfeitamente que a história favorita deles se intitulava “O problema com os aborígenes” e forneceu o que todos esses australianos queriam: dar uma boa surra nos aborígenes.

Esses foram os anos em que o governo australiano estava se afastando, e depois fugindo, das políticas de autodeterminação aborígene, as quais não respeitaram nem apoiaram. Jamais ofereceriam o necessário à grande maioria da cultura aborígene para se recuperar de dois séculos de danos e prejuízos. Com os recursos existentes, como disse um acadêmico referindo-se às políticas atuais, a recuperação do povo aborígene levaria cerca de 575 anos. A recuperação total nunca foi o plano. Foi apenas uma dança eleitoral de três em três anos para se esquivar da ideia de fazer algo útil nos assuntos aborígenes até a próxima eleição.

Os governos australianos temem o poder crescente do movimento aborígene desde a década de 1960, a pauta determinada em prol dos direitos e da mudança dos aborígenes, e sua capacidade de aparecer em qualquer arena, doméstica ou internacional, para articular a incapacidade do governo em atuar corretamente — sem mencionar a paridade para o povo aborígene que vive em situações difíceis, com pobreza contínua, crescente e intergeracional.

O mundo aborígene já havia sido forçado a obedecer, sabia que deveria ser subserviente à autoridade da administração do serviço público sobre os fundos e a direção durante a era da política de autodeterminação. Nossas histórias eram continuamente reformuladas por meio de nossa dependência em uma burocracia de assuntos aborígenes que também cresceu a partir da década de 1960. A administração ainda era mantida, com o controle firme e inabalável dos supervisores das políticas de assimilação anteriores, ao ter os mesmos burocratas de carreira entrincheirados em níveis sênior, administrando as políticas de autodeterminação aborígene.

A voz narrativa da burocracia nos assuntos aborígenes quase nunca era ouvida publicamente — exceto por uma ou duas pessoas reconhecidas como as maiores especialistas de renome em questões aborígenes, mas detinha o poder de aconselhar o governo, bem como o de criar o estilo e implementar os programas oferecidos às comunidades aborígenes. Eram os funcionários públicos que governavam o mundo aborígene, em vez de o mundo aborígene governar a si mesmo e receber o apoio adequado

para consertar os enormes danos criados pelo fracasso das políticas governamentais. Os burocratas nunca deveriam ter tido o controle final sobre a vida aborígene, controlando as finanças, controlando e manipulando a direção, sem serem jamais responsabilizados pelas consequências de sua administração.

Ao longo das décadas após os anos 1960, as comunidades aborígenes não conseguiram evitar uma governança feita por funcionários públicos, e muitos de nós tentaram se unir a eles na tentativa de criar mudanças de dentro para fora. A situação permanece até hoje, na qual os burocratas dirigem e controlam o financiamento de programas elaborados de acordo com a política governamental voltada a assuntos aborígenes, e povos e comunidades aborígenes tentam ou lutar contra o modo como as decisões são tomadas, ou se adequar às decisões tomadas para nós, e simplesmente continuam tentando tornar, de forma independente, as coisas possíveis para nós mesmos. Isso é motivo de alegria? Para algumas pessoas, talvez, eu não sei.

Se fosse necessário ponderar, você poderia questionar as perdas e os ganhos. Talvez descubra que os programas do governo só funcionaram por causa da resiliência aborígene e em locais onde a criação e narração de suas próprias histórias mais importavam. Economistas do meio acadêmico, como Jon Altman, descreveram a capacidade dos aborígenes de criar sua própria economia híbrida em comunidades remotas. David Ross, diretor do Conselho da Terra Central (*Central Land Council*), em seu discurso na Conferência Nacional de Títulos Nativos, em Darwin, em 2016, ao abordar 40 anos de direitos à terra no Território do Norte, disse que os membros do conselho de terras, os proprietários tradicionais na região da Austrália Central, estão ocupados desenvolvendo suas próprias soluções, seus próprios programas e suas próprias habilidades em busca dos objetivos que desejam alcançar.

As pessoas aborígenes esperam cada vez menos, ou nada, dos outros e tentam tornar exequível a impossível jornada até nossa ideia de futuro. Somos um povo pragmático, apenas tentando assumir a responsabilidade pela nossa própria sobrevivência em uma situação quase impossível de perdas e danos geracionais contínuos, e estamos tentando desenvolver nossas próprias competências, tentando encontrar nossas próprias soluções, tentando construir economias de subsistência, porque sabemos muito bem como os governos continuarão falhando conosco. Percebemos que a burocracia, e qualquer governo no poder, terá uma enorme autoridade para criar histórias e comprometer a narrativa e a tomada de decisões das comunidades aborígenes e de nossas organizações de serviços. Seguimos esse padrão há muito tempo e, por consequência, talvez estejamos nos tornando especialistas na expectativa da perda e, sim, maiores especialistas na esperança.

Caso examinasse o jogo de poder da dominação governamental nos assuntos aborígenes durante um longo período, veria também, talvez na mesma medida, a deterioração da prática de contar histórias aborígenes. Nossas histórias se tornaram confusas e atulhadas com o que é verdade e o que é crença, com o que pode ser contado ou o que pode ser ouvido, e por quem. Essas histórias, um turbilhão de fragmentos históricos e contemporâneos do que aconteceu e do que nunca foi resolvido correm o risco de perder sua força ao serem contadas. Nossa voz pode ficar sobrecarregada com o complexo de intensidades históricas nas histórias características de todos nós. Nossa narrativa requer uma energia enorme e, cada vez mais, habilidades narrativas ainda melhores. É difícil entender a história como um grupo, como um povo, para formar uma visão. A história se torna uma cheia de concessões, tão intrincada sob a forma de queixas que a narrativa se torna impossível para o aborígene que deveria contar sua história com profundidade e visão, e é quase impossível entendê-la, impossível chegar a um consenso e, paradoxalmente, contribuir de fato para todos os processos externos que se encarregam de comprometer a voz da nossa cultura de narrativas orais.

Em outras áreas essenciais do mundo aborígene, fomos forçados a nos tornar dependentes de profissionais para nos defender. Lembre-se da onda de acadêmicos escrevendo e dando conselhos sobre questões aborígenes, ou nos advogados, antropólogos, historiadores, cientistas, economistas, contadores, médicos, profissionais da saúde, consultores e administradores contratados para aconselhar, persuadir com habilidades, conhecimentos, valores e influência e que, assim, ajudaram a remodelar a história aborígene. Mas o que a história aborígene está se tornando, se outras pessoas a estão contando por nós? Somos a matéria da lei, no que toca conflitos entre eles e nós. Os tribunais e os governos da Austrália não querem que você represente a si próprio, eles querem ouvir e argumentar a história aborígene do ponto de vista profissional, e o governo fornece o dinheiro ou o mecanismo de apoio profissional para que esses argumentos ocorram na língua do tribunal.

O sujeito aborígene com a história que supostamente lhe pertence está relegado a ser, na melhor das hipóteses, um informante primário para a pessoa profissional, que então argumenta a história em seu nome. Muitas vezes, o contador de histórias original teria dificuldade em reconhecer a linguagem da história sendo apresentada a um juiz no tribunal. Acho que não importa se você é um dos sortudos cujo caso legal é bem-sucedido; talvez você não queira saber os detalhes e, quem sabe, fique feliz em seguir sua vida de qualquer forma. Mas, se perder o caso, é provável que nunca entenda o que deu errado ou como a sua história, conforme interpretação do profissional que a coletou, foi apresentada

à justiça. Em alguns casos de títulos nativos, famílias e comunidades sempre vista como parentes foram divididas e podem continuar assim pelo próximo século. Isso ocorre porque a lei tem suas próprias regras frente a histórias sobre propriedade de terras. Muitas vezes, os aborígenes perderam o título nativo porque a legislação é quase completamente firmada na ideia de que o roubo de terras e a opressão não aconteceram, tamanha é a força da mentira de como a Austrália foi colonizada pelos brancos. A legislação não reconhece as histórias que foram a realidade na vida dos aborígenes, o modo como foram forçados a sair de suas terras e, pelo visto, a perda da conexão contínua e, em seguida, do título nativo.

Um bom exemplo de narrativa profissional em uma língua muito distante de como os aborígenes podiam contar suas próprias histórias foram as diversas e morosas reivindicações por direitos à terra no Território do Norte, algumas ao longo de décadas. A relação dependia de contar histórias jurídicas para que profissionais, em um trabalho minucioso, as analisassem e usassem na argumentação da propriedade tradicional conforme definido em lei. Embora os proprietários tradicionais também tenham apresentado provas persuasivas nas audiências, a história foi traduzida para uma linguagem acadêmica e jurídica e, em muitos casos, teria sido bastante difícil aos proprietários tradicionais, nos argumentos exaustivos ocorridos à sua volta, reconhecê-las como sua própria história ou até mesmo acompanhar a lógica argumentativa por causa da dependência de tradutores.

A história deve continuar, mesmo no mundo cultural aborígene, e talvez seja bom que uma riqueza tão vasta de conhecimento cultural tenha sido coletada com segurança e armazenada para nossas gerações futuras, embora eu ache que, nas dificuldades crônicas de manter nossa cultura por meio dessas histórias importantes e a menos que sejam arquivadas em conselhos territoriais, os herdeiros aborígenes dessas histórias culturais, muitas vezes afastados, ainda terão dificuldade em recuperar informações que possam estar acumulando poeira por aí ou que sejam usadas para ensinar estudantes em instituições acadêmicas distantes ou que sejam armazenadas por acadêmicos conhecidos por usar nossas histórias na construção de posições muito poderosas para si mesmos como guardiões, quase como os *inkarta*⁸ desse conhecimento.

Esses tipos de narrativa e coleta profissionais eram necessários às reivindicações de títulos nativos por meio de advogados, antropólogos, linguistas, historiadores e assim por diante. Para muitos, essa foi outra grande questão, na qual a voz e a história dos aborígenes foram avaliadas e, por vezes, perdidas ou malformadas por aspectos propositais ou políticos. As histórias mais importantes da lei e dos direitos aborígenes

⁸ (N.T.) Da língua *arrernte*, *inkarta* é uma palavra normalmente utilizada nas leis aborígenes para descrever líderes cerimoniais e conhecimentos antigos.

tornaram-se dependentes da defesa profissional em arbitragens envolvendo recursos de alto risco, e nossas vozes e histórias foram outra vez ameaçadas, controladas, abertas à má-interpretação ou ao mal-entendido das circunstâncias históricas e poderiam estar sujeitas a concessões ou ser descartadas, mesmo nos casos bem-sucedidos conquistados por meio dessa relação de dependência.

Portanto, a história da autodeterminação aborígine entre os anos 1960 e 1990 se tornou o território de mais e mais gente, tanto aborígenes quanto não aborígenes, que falavam em nome de outras pessoas, tendo ou não permissão daqueles sobre os quais falavam e, durante os anos da Intervenção, com um respeito decadente pelos protocolos aborígenes sobre quem fala em nome de quem. A lista de formuladores de políticas, pessoas da mídia e acadêmicos é muito longa, mas, por outro lado, uma série de líderes comunitários e líderes nacionais aborígenes também falavam em nome da comunidade aborígine.

Em 2007, o governo havia eliminado completamente a política de autodeterminação/gestão/corresponsabilidade ao implementar um rigoroso conjunto de políticas intervencionistas no Território do Norte. Essa abordagem pretendia aviltar a cultura e a humanidade aborígenes e buscava reforçar a assimilação na Austrália branca. Foi um retorno à mentalidade pré-1950, e o mais terrível é que a Austrália moderna permitiu que isso acontecesse.

Os governos não fizeram nada de muito benéfico no estilo *laissez-faire* de governar na década de 1990, o que praticamente deixou o mundo aborígine à própria sorte com anos de recursos já escassos para solucionar um desenfreado problema de terceiro mundo na Austrália. Mas isso mudou para pior quando o governo da Coalizão Howard, junto a seus poderosos apoiadores da mídia conservadora, conduziu uma guerra narrativa bastante desagradável e hostil ao implementar suas políticas intervencionistas em 2007.

Eles claramente venceram essa guerra, ligada a uma questão bastante clara de a mídia determinar quais histórias seriam contadas sobre o povo aborígine e quem as contaria. Ninguém estava ouvindo de verdade o povo aborígine na década de 1990, a não ser nas discussões sobre títulos nativos, em que a força da liderança aborígine exigia que o governo prestasse atenção. O objetivo dos aborígenes era estratégico, concentrando-se no reconhecimento dos direitos — inclusive no âmbito da ONU, como plataforma para reconstruir o mundo aborígine, e algumas das pessoas mais brilhantes se esforçaram para garantir os direitos à terra e os direitos econômicos a diversas pessoas aborígenes. Em muitos casos, essas batalhas duraram anos, abordando as dificuldades de garantir o máximo do título nativo. Houve algumas conquistas importantes, mas o período também foi marcado pela diminuição dos recursos destinados ao desenvolvimento e à prosperidade

das comunidades, como a ajuda para construí-las. Ninguém ouvia ou se importava muito com a perspectiva aborígene sobre o que acontecia em nossas comunidades e com o corte de verbas para serviços, a menos que houvesse votos ou formas de punir os aborígenes por terem demais, ou por problemas com bebidas alcoólicas que perturbassem o turismo nas principais ruas das cidades regionais⁹. Contudo, depois de uma eleição, os políticos apenas continuavam a trabalhar como sempre. Por exemplo, o livro *Grog War* [*Guerra alcoólica*], que escrevi em 1997, contava a história de uma batalha de dez anos do povo aborígene de Tennant Creek para reduzir a quantidade de bebidas alcoólicas disponível nos pontos de venda da cidade. Não foi fácil, cada luta para fazer algo era monumental.

Pode até ser verdade que os aborígenes de todo o país sempre tiveram dificuldade de serem ouvidos ou de esperar que histórias positivas fossem contadas sobre eles nos meios de comunicação, mas as mudanças ou estratégias que começavam a ser implementadas naquela época iriam mudar radicalmente e controlar com firmeza o modo como as histórias dos aborígenes seriam ouvidas no futuro.

O que seria reduzido a pó era qualquer expectativa de que deveríamos ter o direito de contar ou possuir nossas próprias histórias no meio político convencional, mesmo que a palavra “expectativa” nunca tivesse aparecido em termos aborígenes na Austrália. Tantos anos de trabalho árduo do povo aborígene até cultivar líderes de alta credibilidade que apresentassem nossa história em um movimento que já havia mudado grande parte da direção e do foco, saindo de um movimento nacional pan-aborígene e voltando às tradicionais bases regionais em suas terras natais, não serviram para nada.

A estratégia aborígene até aquele momento era insistir que o resto da Austrália pensasse duas vezes antes de apresentar suas visões preconceituosas ou sua ignorância tão abertamente como havia sido possível fazer até a década de 1970, na longa era assimilacionista.

Mas, agora, o país retornou em massa, o mais rápido possível e com uma boa dose de apoio da mídia, às atitudes daquela época, quando praticamente qualquer pessoa se tornava um especialista no problema aborígene em debates nacionais ferozes — exceto, é claro, o aborígene. A mídia não achava mais necessário perguntar a opinião dos aborígenes, que eram as pessoas sobre as quais se falava tão abertamente na arena pública. Nunca se ouvia o que eles realmente queriam, como queriam viver e o que acontecia no mundo deles para impedi-los de alcançar sua visão. Apenas o ministro de Assuntos Aborígenes, às vezes, apontava para algumas pessoas que supostamente

⁹ (N.T.) Na Austrália, são chamadas de cidades regionais, ou áreas regionais, lugares localizados fora dos principais centro urbanos, como Sydney, Melbourne e Brisbane.

apoiavam a Intervenção. Essa era a história. Essa era a história de indivíduos escolhidos, não a história de uma ampla consulta.

Qualquer pessoa deveria ter sido capaz de ver quais são as dificuldades de qualquer povo do terceiro mundo carente de recursos e saber que é difícil competir contra o poder da maioria. É muito fácil criticar um povo mais fraco sabendo que os menos poderosos terão pouca capacidade de retaliação. É muito fácil que as críticas se tornem desproporcionais, como aconteceu durante a introdução da Intervenção e a manutenção dessas políticas, e, assim como o valentão da escola, quanto mais você intimida, mais fraco fica o alvo da sua vingança. Após destruir sua força de vontade, bem, você pode fazer o que quiser com eles.

Essas mudanças diziam respeito a quem seria capaz de contar histórias aborígenes no espaço público dos meios de comunicação e se iniciaram durante o governo Howard. Tratava-se, essencialmente, de controlar como e quais histórias aborígenes seriam contadas na mídia e quem as contaria. Essa foi uma estratégia planejada para limitar o que a Austrália dominante ouvia sobre os aborígenes — sobretudo quem vivia em comunidades remotas atingidas pela pobreza no Território do Norte — e para tornar quase impossível escutar qualquer voz aborígene que não fosse a dos poucos selecionados pela mídia para serem os contadores de histórias e formadores de opinião nacional aborígenes e não aborígenes.

A campanha deveria acompanhar o desenvolvimento da decisão do governo de Howard de implementar um conjunto de políticas que minaria o mundo aborígene de tal forma que jamais recuperaria o lugar poderoso que parecia ocupar aos poucos na política australiana. A mídia fez a sua parte para concretizar a visão de Howard por meio de sua abordagem ditatorial em relação às informações que fornecia ao público australiano sobre o povo aborígene e ao sensacionalizar histórias negativas de violência aborígene, dependência da assistência social e pedofilia nas comunidades aborígenes, que apontavam para o fracasso do povo em determinar seu futuro e, portanto, o fracasso dos direitos territoriais e de o povo aborígene poder opinar sobre sua terra. A tática adotada nesse período inicial, talvez visando impulsionar as vendas de um público com interesse cada vez menor na mídia, foi promover histórias negativas apoiando as políticas muito conservadoras e, como comprovado, retrógradas que se seguiram. Essa campanha foi tão cruel que a estratégia do “livre para todos” está firmemente arraigada até hoje e provavelmente continuará existindo.

O que o governo Howard temia era sua própria percepção — construída através do medo e da paranoia — de que havia um crescente apoio nacional ao povo e aos direitos

aborígenes para impedir o desenvolvimento de recursos na terra que tinham reconquistado. Nessa época, milhares de australianos decentes e bem-intencionados se envolveram no movimento de Reconciliação. A Reconciliação foi a iniciativa oficial do governo anterior de contar histórias aborígenes para a construção da nação herdada pelo governo Howard, ao lado da justiça social, das gerações roubadas e de uma resposta legislativa ao título nativo. Vimos a narrativa nacional pender para qualquer lado na época das eleições, entre promessas positivas e políticas negativas de divisão. A história dos aborígenes é sempre uma ferramenta útil quando convém aos partidos políticos para obter votos. Ajuda a interferir na política aborígene. Ajuda os governos a controlar a história moderna dos aborígenes, garantindo que a história vergonhosa e sempre difundida da colonização branca neste país seja mantida — isso significaria lidar com os fatos da história. Um dos últimos resultados mais espetaculares relacionados à simpatia pela justiça dos direitos aborígenes estabelecida por meio do movimento de Reconciliação é que o governo de Victoria está negociando um tratado com suas nações aborígenes. Howard não foi muito diferente de outros governos australianos ao tentar controlar a narrativa nacional sobre o povo aborígene, interferindo em fatos e implementando políticas que nunca foram projetadas para funcionar, cujo resultado é a história moderna da injustiça aborígene.

A mudança mais óbvia nessas histórias modernas sobre o povo aborígene era o estilo de sua apresentação na mídia, que mudou do jornalismo para o comentário, dos jornalistas que examinavam todos os pontos de vista para simplesmente apresentar o ponto de vista pessoal dos autores de artigos de destaque nas capas ou em páginas duplas, mais semelhante a comerciais políticos para o jornal, que se afastou do jornalismo feito com pesquisas completas e se aproximou de boatos e opiniões. O conteúdo dessas matérias forçou uma mudança de pensamento no público australiano, antes, uma mentalidade justa e liberal estabelecida pelos governos trabalhistas anteriores e, agora, uma mentalidade mesquinha e fechada que insistia na existência de uma única Austrália e acreditava que o povo aborígene deveria ser como todos os outros.

Um dos pontos interessantes nesse exercício, além da exclusão de vozes proeminentes dos direitos aborígenes, foi a crítica extremamente hostil a “algumas pessoas” sem nome acusadas de serem homens violentos. A insinuação de que “alguns aborígenes” eram culpados foi uma tática de intimidação para criar autocensura e autoquestionamento em todo o mundo aborígene, para sermos condenados se apoiássemos os direitos aborígenes e não cuidássemos ou amássemos nossas crianças e fôssemos supostamente contra os direitos delas e apoiássemos a violência nas comunidades. Essa imprecisão intencional de insinuar por meio do uso do termo “algumas pessoas”, podendo ser usado em um

sentido cultural por gente muito experiente que, às vezes, prefere usar a tática de não nomear devido às amplas ramificações nas estruturas legais quando alguém é nomeado, é injusta e antiética quando usada para perseguir, estereotipar e intimidar uma raça inteira. É assim que funciona a promoção da autocensura, e isso prejudicou a autoestima dos aborígenes que se tornaram alvo desse tipo de comentário generalizado, usando a culpa para justificar políticas punitivas visando o controle de todos os aborígenes que vivem em suas comunidades, em terras aborígenes.

O que se tornou muito perceptível no mundo aborígene durante esse período foi o silenciamento da liderança quando o governo Howard usou o relatório *Little Children Are Sacred* [Crianças são sagradas] para envergonhar e lançar seu pacote da Intervenção para controlar as comunidades aborígenes, inicialmente com o exército e, depois, com uma rede de burocracias firmemente estabelecida.

Embora as histórias jurídicas possam ser de natureza épica e diretamente ligadas ao país e ao local, a natureza oral da narrativa aborígene é geralmente pessoal e uma forma já familiar de lidar com as preocupações. Mas em uma enxurrada de críticas públicas que pareciam ser direcionadas a todos os aborígenes, nossas vozes quase não foram ouvidas e, com exceção de alguns ecos, foram insignificantes e ineficazes. Ninguém realmente atacou pública e pessoalmente os principais comentaristas ou supostos apoiadores da Intervenção. Isso aconteceu muito mais tarde, sobretudo por meio de críticas feitas por Gracelyn Smallwood em sua pesquisa de doutorado, em 2012, e pela queima de efígies de Noel Pearson e Warren Mundine por manifestantes aborígenes em um comício do G20, em Brisbane, em 2014.

Além disso, o muro de sordidez e difamação que apoiou essas políticas criou um silêncio mortal entre os aborígenes por mais de uma década. Nada poderia ser dito ou debatido em um fórum sensato que não fosse atacado pelos defensores ferrenhos da Intervenção. Esse silêncio continuou durante os governos trabalhistas e depois nos governos Abbott/Turnbull. Atualmente, há um renascimento no qual aborígenes tentam recuperar o terreno perdido de suas narrativas e reencontram uma voz, ainda que diferente das anteriores, de forma independente nas regiões de origem, como artistas independentes, ou politicamente, como servidores dos principais partidos políticos no Território do Norte e na política federal.

A tentativa deliberada de silenciar a liderança aborígene estabelecida há tempos foi alcançada quando não conseguiu se expressar com um senso de legitimidade, embora se sentisse envergonhada por ser responsável pela política de autodeterminação. Isso foi feito retirando ou ameaçando retirar os recursos necessários para buscar a autodeterminação e a

consulta aos seus constituintes. O benefício dessas plataformas estabelecidas na comunidade, com quaisquer recursos escassos de que dispunham, era que os líderes aborígenes tentariam assegurar que a importante ideia fundamental de consenso na cultura aborígene poderia, de alguma forma, ser alcançada sobre a história aborígene, que eles apoiariam.

Por vezes, é certo, havia falhas na história ou com o contador de histórias, e mais trabalho poderia ter sido feito na área de aprimoramento de nossas habilidades narrativas, mas esperava-se que a liderança mantivesse a história correta ou fosse censurada se não o fizesse por meio de críticas aborígenes em nossos próprios fóruns, além de sempre estar sob grande pressão para garantir que a verdade sobre nossos grupos constituintes no local fosse contada. O trabalho da liderança aborígene até os anos de Howard se transformou em um movimento extraordinário, de conhecimento exemplar e sofisticado. Mesmo com suas turbulências, brigas internas e invejas, a comunidade era altamente robusta e tinha um senso de direção. Tratava-se de um movimento altamente capaz de fazer lobby em todos os níveis das estruturas políticas e econômicas australianas, admirado por muitos australianos instruídos, e sua ideia era promover o reconhecimento dos direitos aborígenes e o desenvolvimento econômico dos povos aborígenes em toda o país.

Esse senso de unidade era o que o governo Howard queria eliminar. Queriam criar desordem. A intenção parecia ser gerar tanta desarmonia e discórdia, sustentadas por um longo período de tempo, que a forma estabelecida de liderança controlada pela comunidade nunca se recuperaria. Ao negar voz à liderança aborígene fundamentada no consenso da comunidade, haveria pouca chance de o povo aborígene ter uma voz dissidente forte no debate nacional que estava discutindo a incapacidade de o povo aborígene fazer qualquer coisa com o direito de autodeterminação, a necessidade de mais controle governamental e o poder de substituir um cenário alicerçado em direitos.

Nessa estratégia de derrubar o tipo de estrutura de autogovernança à qual o povo aborígene estava aderindo, o governo Howard abriu espaço para novas vozes aborígenes à sua escolha. O objetivo era criar seus próprios fantoches: políticos ineficazes representando o povo por meio do sistema parlamentar. Ficou mais fácil para os meios de comunicação controlarem a história aborígenes e promover pessoas aborígenes ou outros comentaristas considerados mais adequados à liderança aborígene para articular as ações que deveriam ser tomadas. Esses comentaristas, alguns deles parlamentares do *Country Liberal Party* [Partido Liberal do País] no Território do Norte, ajudaram o governo na implementação de novas políticas que visavam controlar comunidades aborígenes. Eles precisavam seguir a lógica do partido ou perderiam os privilégios e eram basicamente usados para criar uma barreira entre os aborígenes tradicionais e aqueles tidos como urbanos.

Alguns desses líderes aborígenes do CLP foram divulgados pela mídia — em propagandas jornalísticas estilizadas disfarçadas de artigos de destaque e matérias de capa — como genuínos, um aborígene puro-sangue de comunidades remotas que falava um idioma tradicional. Lembro-me de Tracker Tilmouth me dizendo, na época, que não importa se você fala um idioma aborígene ou inglês se você só fala besteira. Em comparação, os líderes aborígenes de origens semelhantes que abordavam a soberania aborígene e os direitos do governo aborígene recebiam pouquíssima cobertura.

Essa abordagem abriu caminho para uma reformulação completa da política aborígene, que começou com o desastroso pacote de políticas retrógradas lançadas pelo governo Howard como a Intervenção no Território do Norte, em 2007, continuou durante os governos trabalhistas de Rudd/Gillard/Rudd e nos governos atuais da Coalizão Abbott/Turnbull, mais ou menos com as mesmas políticas duras, mas ineficazes, conhecidas como *Closing the Gap*.

Essa forma de controle governamental continua. A campanha desagradável e agressiva que viu a aplicação da Intervenção do Território do Norte em comunidades remotas diminuiu relativamente. Aqueles que se opuseram à implementação da política e que foram tão cruelmente atacados por apoiarem a violência aborígene, por não amarem as crianças aborígenes o suficiente ou por apoiar a dependência da assistência social estão encontrando novas maneiras de contar nossas histórias. Mas a eficácia da campanha original é quase absoluta. Foi difícil afastar as ideias horríveis de violência e de pais aborígenes que negligenciam seus filhos, e são esses sentimentos que continuarão adentrando a mente dos australianos. As pessoas que apoiaram e promoveram a Intervenção, e que viram como todas as promessas fracassaram, agora estão caladas e não apresentaram desculpas nem soluções.

O que resta? Sempre haverá dúvidas na psique australiana sobre a capacidade de o povo aborígene determinar nosso próprio futuro, e sempre haverá o sussurro da história oficial: que o povo aborígene não merece nada diferente e deve ser controlado pelo governo. Foram necessários dois séculos e a Suprema Corte da Austrália no caso Mabo para começarem a mudar a história oficial de que este país era *terra nullius*, mas muitos australianos ainda preferem enxergar o povo aborígene como forasteiros, o povo que deve ser controlado. À exceção de falhas irrisórias em uma história de controle da situação aborígene até que a assimilação pudesse ser alcançada, o pensamento e as histórias fundamentadas em erradicação, contenção e assimilação melhoraram muito pouco para nós, mesmo na dimensão das políticas da Intervenção e do *Closing the Gap*.

Em algum momento acreditei que tínhamos o direito de contar nossas histórias e articular nossa visão para desenvolver a saúde de nosso povo, a cultura, a terra e o poder

econômico. Acreditei que nossa sobrevivência dependia de fortalecer os alicerces da nossa humanidade por meio das nossas ideias de autogovernança na era moderna, mesmo com a dependência no governo para superar os danos a longo prazo causados por políticas governamentais disfuncionais e inviáveis. Ao alcançar essa visão, sempre pensei que se tratava de ter esperança, que nossas histórias eram a ferramenta mais valiosa do coração e da mente para manter a esperança nas lutas que ocorriam.

A publicação de uma história após a outra culpando a vítima por não demonstrar qualquer responsabilidade por suas comunidades enfrentando dificuldades e atingidas pela pobreza teve o efeito desejado. Mesmo alguns de nós começaram a acreditar que não conseguiam lidar com a autodeterminação, que eram violentos e preguiçosos, dependentes da assistência social, que não cuidavam de seus filhos e que precisavam ser controlados. Desde o início desse teatro conservador altamente orquestrado, a guerra de histórias continua. Está no sangue. Todos pegaram a doença de alguma forma. Agora é história acumulada, assim como o que foi aprendido por meio das guerras de histórias, as quais basicamente eram um argumento lamentável alimentado por acadêmicos conservadores que se sentiam marginalizados e ignorados, para questionar se as mortes de aborígenes durante o início da colonização foram atos de genocídio e se realmente aconteceram.

O efeito de uma estratégia baseada em raça e politicamente hipercarregada voltada ao controle de histórias aborígenes é manter a autocensura dos aborígenes, sem nenhum custo real para o governo. É uma estratégia barata. Mas o custo do que aconteceu conosco é enorme. Considere o custo de remover a autocensura aborígene e permitir que os aborígenes tenham direitos reais de contar histórias e plataformas jurídicas para trabalhar em prol da sua visão do futuro. O custo continuará a crescer e, neste momento, possivelmente será maior do que o país pode pagar. Isso significaria o fim de uma história de políticas governamentais perdulárias que nunca funcionaram ou que não foram planejadas para fazer nada além de garantir votos na época das eleições e, assim, conter tudo a um custo mínimo no intuito de garantir que dinheiro de verdade nunca seja gasto na superação dos danos coloniais.

A única solução que os governos australianos realmente encontraram foi a assimilação completa dos aborígenes, mesmo com o aumento do custo desse fracasso, mas talvez nem seja esse o objetivo, pois é sempre fácil acusar os aborígenes de fracasso por conveniência política e de serem vítimas se não conseguirem a assimilação. Então há uma suposição geral de que os aborígenes são vítimas e só contam histórias de vítimas. Isso resulta em uma perda ainda maior da nossa capacidade de criar algumas das melhores histórias deste país, ao cedermos para fazer o que se espera de nós. Na

natureza perniciosa das realidades para o povo aborígene, o custo total será carregado nas histórias que podemos contar para moldar nosso mundo. Nossa herança sempre será avaliada pelo quanto estamos dispostos a comprometer ou desconsiderar da nossa visão cultural de contar histórias. Quanto mais distorcemos nossas histórias na intenção de adaptá-las à Austrália dominante, perdendo ainda mais as nossas normas culturais, mais aceleraremos nossa aculturação total na sociedade australiana convencional. Por quê? Porque perderemos o que há de especial na nossa herança se não conseguirmos entendê-la ou lutar por ela. Poderiam perguntar: por que não podemos ter as duas coisas? Essa é a pergunta capciosa sobre a narrativa aborígene.

As histórias do povo aborígene sobre direitos serão ineficazes se não forem ouvidas — até mesmo por nós. Nossas histórias talvez nunca sejam levadas a sério por aqueles que falam da boca para fora sobre os direitos dos aborígenes. Essas histórias são insignificantes para eles, serão negligenciadas e ignoradas pela grande mídia, ou serão consideradas incompreensíveis. Quem saberia ler histórias que abrangem todos os tempos, quando a maioria é incapaz de entender as histórias da terra e a longa herança cultural deste país?

Sem uma plataforma dedicada ao desenvolvimento de histórias sobre os direitos aborígenes, incluindo a soberania e a segurança cultural e econômica, com o passar do tempo, haverá ainda menos opções para que os aborígenes contem suas histórias sem comprometer ou corroer ainda mais os princípios fundamentais da cultura e das crenças. Os contadores de histórias aborígenes talvez sintam a necessidade de fazer escolhas mais deliberadas na forma de contarmos histórias, como muitos fizeram durante os primeiros anos da Intervenção tendo em mente as fortes críticas. Podemos nos perguntar: como minha história será ouvida? Qual é o novo marco de articulação aqui? Arriscamos nossa existência cultural, autenticidade e voz se aceitarmos um padrão de compromisso ao tentarmos construir uma história ou crença que corresponda à história nacional dominante para o povo aborígene.

Alguns de nós podem apenas permitir que outras pessoas continuem cuidando das nossas comunidades como contadores de histórias no padrão atual do *Closing the Gap*, porque perdemos a confiança em nossa capacidade de articular nossas próprias histórias. Alguns de nós podem ter tomado a decisão de viver em uma forma mais específica de separatismo interior, no qual só reconhecemos e nos mantemos familiarizados com o valor de leis, ideias e crenças culturais contínuas, onde nossas vidas parecem fazer sentido, ter segurança e certeza, enquanto a superfície parece ser tanto paternalista quanto controlada. Continuaremos, apesar das políticas governamentais, praticando uma rica

cultura aborígine quase em isolamento e em relativa paz, ainda que a luta para manter a cultura sem recursos ou a dependência de recursos externos sempre exista e seja um dos maiores problemas na nossa sobrevivência. Mas a visão não está além de nós, a despeito da narrativa nacional que nos menospreza.

A narrativa repetitiva e a plataforma do *Closing the Gap* se firmaram ainda mais na mente dos australianos e trabalham no intuito de aprofundar a autoconsciência e a autocensura dos aborígenes. Os australianos foram treinados a pensar dessa nova maneira e agora esperam que o povo aborígine redefina seu comportamento de modo a se aproximar da história oficial. Como escolhermos nossos próprios pontos de referência e desenvolvemos essas práticas será uma das histórias mais importantes de nossa época.

REFERÊNCIA

WRIGHT, Alexis. What Happens When You Tell Somebody Else's Story? *Meanjin*, v. 75, n. 4, 2016. Disponível em: <https://meanjin.com.au/essays/what-happens-when-you-tell-somebody-elses-story/>. Acesso em: 21 nov. 2023.

Um homem de negócios

Sarah Orne Jewett

Tradução de Alane Melo da Silva¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Introdução à tradução

Sarah Orne Jewett (1849-1909) foi uma escritora importante no seguimento literário do regionalismo nos Estados Unidos. Com uma obra composta por romances, contos e poemas e peças teatrais, suas histórias apresentam o cotidiano de estadunidenses comuns em um estilo literário descritivo e autêntico.

Ela começou a escrever desde jovem e publicou seu primeiro conto aos 19 anos. Ao longo de sua carreira, Jewett se dedicou a vários gêneros literários, mas foi principalmente reconhecida por seus contos. Suas histórias eram frequentemente ambientadas em pequenas cidades e vilarejos da Nova Inglaterra, explorando temas como a vida rural, a natureza, a família e as relações humanas. Algumas de suas obras mais conhecidas são: “The Country of the Pointed Firs” (O País dos Abetos Pontiadudos), “A White Heron” (Uma Garça Branca) e “The Queen’s Twin” (A Gêmea da Rainha). Seu trabalho foi muito apreciado por escritores contemporâneos, como Willa Cather e Henry James.

Para este trabalho de tradução, escolhi o conto *A business Man*, publicado em 1886. Nesta história, Jewett apresenta como protagonista John Craven, um importante empresário que em sua velhice busca ressignificar a sua vida por meio de uma amizade com um jovem casal. O conto “A Business Man” se diferencia das outras produções de Sarah Orne Jewett, pois apresenta como protagonista um homem rico, a escritora geralmente se concentra em personagens comuns e em ambientes rurais da Nova Inglaterra.

Ao colocar o protagonista como um homem rico, o conto “A Business Man” pode explorar temas relacionados ao poder, ao dinheiro e às complexidades da vida nos círculos sociais mais privilegiados. O conto de Jewett apresenta uma história de fácil leitura, a autora faz um comentário sobre as escolhas que moldam uma vida e o que resta quando se chega a velhice.

¹ Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: alanepoet@gmail.com
com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9702-9816>

Nos Estudos da Tradução, conforme Dépré (2019), há um debate constante sobre como traduzir, sendo dois conceitos importantes entre acadêmicos da área: a estrangeirização e a domesticação. Enquanto a estrangeirização busca manter a essência cultural e linguística do texto fonte, a domesticação visa adaptar a tradução para a língua e cultura de chegada. Ao traduzir o conto, busquei realizar a tradução de forma respeitosa, preservando a forma e o estilo literário da autora.

A tradução do conto foi um processo criativo que demandou a busca por soluções estratégicas para os desafios linguísticos apresentados. Ao traduzir literatura, é necessário encontrar abordagens que permitam superar obstáculos e garantir a fluidez e compreensão do texto traduzido, sem comprometer a sua qualidade do texto fonte. É necessário portanto que o tradutor literário aja de forma consciente e criativa para trazer um resultado satisfatório para o leitor.

Um homem de negócios

Quando um homem escolhe uma profissão, ele deve ter outros desejos além de enriquecer. Ele deve desejar ser habilidoso e usar o que sabe como um meio de autodesenvolvimento para ajudar seus semelhantes, e se ele for bem-sucedido, ninguém tem o direito de zombá-lo porque ele não fez fortuna. Mas quando a maioria dos homens começam a trabalhar é com o propósito reconhecido de ganhar dinheiro. O mundo tem o direito, também, de observar com interesse o que eles fazem com seu dinheiro depois. Dólares são cruciais para a definição do status de um homem de negócios enquanto são apenas secundários para um clérigo ou um médico - isto é, quando se julga pelas condições públicas de indicadores de sucesso e ignorar as condições privadas. No entanto, o ganhador de dinheiro pode conquistar grande fortuna e falhar completamente em alcançar seu maior valor, recompensa e satisfação como ser humano.

As pessoas frequentemente diziam que havia algo no sangue dos Cravens (seu verdadeiro nome deve ser mantido em segredo) que ansiava pela posse e buscava satisfazer sua paixão pelas conquistas. John Craven, o orgulhoso herdeiro de um nome já reconhecido nos círculos empresariais, certamente amava pensar em suas centenas de milhares de dólares no banco. Ele sentia um prazer imenso ao percorrer as colunas de números em seu livro de contas privado - um sentido gratificante de segurança e abundância que nenhum dos frutos de sua riqueza poderia superar.

A magnífica morada em que ele residia, seus adoráveis filhos jovens, tudo isso não se comparava à plena satisfação que seus olhos e coração encontravam nas páginas especiais, onde os principais tesouros de sua propriedade eram retratados por números de hastes retas, como o quatro e o um, e números delicadamente curvados, como o três, o seis e o nove. Ele era um homem que nunca prejudicou diretamente ninguém, mas que sempre foi determinado a ter sucesso e ganhar dinheiro, pensava pouco em sua relação pessoal com a sociedade e ainda menos em sua relação com o próximo mundo. Todo o seu desejo sempre esteve voltado em ter um esplêndido sucesso financeiro, e embora cedo na vida tenha alcançado esse objetivo, ele ainda continuava planejando grandes ganhos e glórias, e se considerava um dos empresários mais jovens de sua cidade, até muito tempo depois de ser avô.

Então, a maré de satisfação pareceu finalmente ter virado. Uma coisa após a outra o forçou a hesitar e a vacilar nessas grandes manipulações de seu capital. O Senhor Craven era perspicaz e rápido para aproveitar as oportunidades de negócios, mas pequenas coisas o incomodavam e ele se tornou sensível em situações que quando jovem

só lhe despertavam indiferença. Ele tinha acabado de transferir seu escritório principal e armazém para um prédio sofisticado que havia acabado de ser inaugurado, quando pela primeira vez em sua vida ficou seriamente doente, e por necessidade, seu filho mais velho foi promovido temporariamente para a liderança dos negócios.

Foi uma surpresa estranha quando o médico da família lhe disse que ele não podia mais suportar o que podia antes; que um homem de sua idade deveria se cuidar; e finalmente o aconselhou que passasse alguns meses na Europa, pois estes lhe fariam muito bem. John Craven ficou assustado e irritado a princípio; ele sempre esperou por essas férias e já havia desfrutado de paisagens estrangeiras por procuração já que sua família havia cruzado o oceano repetidamente, como outras famílias de sua posição social. Mas isso parecia significar apenas que as meninas queriam ir passear novamente, e a princípio ele se recusou enfaticamente a ser vítima de tal conspiração.

No entanto, quando ele visitou a sua empresa após o período que ficou doente, se sentiu desanimado. O novo armazém estava ocupado agora, e era cansativamente grande e barulhento. O jovem John estava indo muito bem; ele poderia ser ainda mais útil no futuro se tivesse a chance de experimentar ser o chefe agora. Ele não poderia fazer muito estrago, pensou o homem mais velho, enquanto afundava em sua grande cadeira estofada com um pequeno suspiro. Ele havia planejado dar ordens para que a mesa e a sua poltrona de madeira fossem trazidas da antiga sala de contabilidade, mas era tarde demais agora, e certamente estariam completamente fora de lugar em toda essa magnificência de vidro e mogno. Sim, Jack estava certo; este novo escritório estava de acordo com a posição da empresa, como sócio sênior ele olhou para seu novo cofre com orgulho e aprovação, e elogiou o seu filho pela maneira como ele havia organizado as coisas.

O seu velho avô que o treinou na profissão costumava sentar-se em um banquinho alto e usar uma casaco de lã verde em uma sala pequena e suja. “Ele nos iniciou - ele nos iniciou”, disse John Craven para si mesmo; então ele se sentiu um pouco abalado e sentou-se novamente, dizendo que não iria passar em casa até o dia seguinte, talvez. Ele mal havia recuperado sua força e Jack poderia trazer os relatórios. Havia um número de novos funcionários até mesmo no escritório interno, e um deles tinha um rosto astuto e pequeno. “Eu não gosto da aparência desse sujeito”, murmurou. “Quem o trouxe aqui, eu gostaria de saber!” Mas Jack respondeu, com orgulho ferido, que este era o contador mais esperto de Nova York; ele havia tentado contratá-lo para a empresa deles por um ano.

De alguma forma, pela primeira vez, John Craven estava consciente de que estava ficando velho. Ele resmungou algo sobre os filhos o empurrando e desejando que ele saísse do caminho deles. A pompa da nova sala do departamento financeiro, a autossuficiência

de Jack, o deslumbrou e o irritou um pouco. Ele havia pensado que era indispensável para o bem-estar deste grande negócio e que ele não perderia um dia de trabalho durante os períodos mais movimentados do ano. Mas aqui estava o seu negócio seguindo em frente em jornada múltipla e difícil, tudo estava tão bem quanto se ele estivesse em um posto de orientação. Bem, nem todo homem havia dado a seus negócios um impulso tão bom; ele apenas seguiu os princípios do fundador, e pensou novamente no avô robusto vestindo o casaco de lã. Afinal, isto era bom para o filho e sucessor; ele ficaria bem na fileira dos John Cravens. Jack estava casado e estabelecido. Ele tinha uma casa tão bonita quanto a de seu pai, um quarteirão acima da avenida. O patife até cresceu um pouco ultimamente, mas John Craven, o mais velho, não tinha intenção de ser chamado de velho ainda.

Naquele dia, havia algumas questões para serem discutidas sobre os investimentos imobiliários, mas Jack não podia responder a elas. Walter havia estado cuidando dessa parte da propriedade, e Walter estava fora da cidade. “Então eles dividiram a responsabilidade entre eles, não foi?” resmungou o pai; mas Jack trouxe uma grande quantidade de cheques e papéis para serem assinados, e os dois homens almoçaram e brincaram juntos. A empresa já era maior do que o sócio sênior aprovava. Não adiantava falar sobre contratar outro funcionário. Mas Jack aproveitou os sorrisos de seu pai para sugerir a admissão de um genro, o marido da filha mais nova. “Eu vou pensar sobre isso”, respondeu o chefe, virando-se para procurar sua caneta. “Não, o capital dele não é um incentivo. Estamos navegando com velas suficientes no momento, a menos que as coisas mudem para melhor.” Jack voltou para sua própria mesa um pouco irritado. Ele não gostava de renunciar a sua autoridade. Fazia apenas um mês desde que o velho cavalheiro havia estado fora? Parecia um ano.

John Craven seguiu o conselho do médico e foi para a Europa. Ele se sentia estranhamente fraco e incapaz de muito esforço desde a doença, e agarrou-se à promessa de renovação de sua saúde. Houve grande satisfação em encontrar alguns de seus antigos colegas; ele desfrutou completamente a sua viagem e ficou satisfeito com os relatórios cuidadosos que recebia de casa. Ele também estava orgulhoso de algumas novas perspectivas e conexões que conseguiu formar. “De um ponto de vista comercial”, ele gostava de dizer à sua esposa, “o tempo foi bem gasto”. Mas a senhora Craven não perdia nenhuma chance de instar o marido a deixar o negócio para os filhos. Ele havia se sobrecarregado, ela argumentava repetidamente, não adiantava estragar completamente sua saúde.

Ele sabia muito bem agora que não podia suportar o que podia na juventude. A verdade era que as formas de fazer negócios estavam mudando - esses telégrafos

submarinos estavam fazendo tanto mal quanto bem. O tempo havia passado em que um homem poderia obter conselhos privados sobre uma alta na bolsa de valores e rapidamente aumentar suas ações para controlar o mercado. Agora, o que um sabia, o resto sabia, e era simplesmente uma questão de quem poderia vender mais barato. John Craven discutiu isso repetidamente com comerciantes ociosos como ele.

Não muito tempo depois de sua volta, a grande tristeza de sua vida veio a ele: a morte de sua esposa. Foi mais difícil suportar a perda do que jamais poderia ter sido antes. Eles se amavam com um afeto sóbrio e sem demonstrações, que era tão permanente e inquestionável quanto o ar que respiravam. Nos primeiros anos, enquanto ele estava imerso, como ele costumava dizer, em cuidados comerciais, e a boa mulher estava em casa cuidadora e preocupada com muitas coisas – os filhos crescendo, suas relações sociais –, eles seguiram caminhos separados sem muita referência um ao outro, satisfeitos com uma confiança e inspiração mútuas. Pela primeira vez nesses últimos meses, eles às vezes passavam todas as horas dos dias juntos e eram mais amorosos e afetuosos do que nunca.

Às vezes, conversavam nos longos crepúsculos dos lagos ingleses ou no sol suave da Itália sobre o que fariam juntos quando chegassem em casa; e John Craven sentia menos irritação ao pensar na capacidade de negócios de seus filhos. Ele teria mais tempo em casa e até se interessou pelas pequenas empresas de caridade de sua esposa e disposto a ouvir confidências finalmente soube o bem que seus cheques generosos haviam feito em necessidades públicas e privadas. Ele nunca havia encontrado tempo para pensar muito nessas coisas. Mas, infelizmente, a boa Senhora Craven morreu após uma breve doença, dentro de uma ou duas semanas após a sua chegada em casa, e a grande mansão com os tesouros desembalados que eles haviam escolhido juntos, ficou desolada.

Foi mais difícil do que nunca para esse homem de negócios se convencer de que não era velho em sua idade; mas de alguma forma ele havia deixado de lado sua supervisão ativa dos negócios, enquanto não conseguia encontrar nenhum interesse para preencher o lugar daquilo a que havia dedicado todo o seu tempo e pensamento. Ele não se importava com livros ou arte, ou, o mais triste de tudo, pensava sua filha elegante, com a sociedade. Ele havia doado muito dinheiro porque os outros esperavam, mas nunca havia se doado com os seus dólares. Às vezes, ficava irritado com os filhos, e às vezes agradecido por deixar as coisas em sua responsabilidade, mas desejava que tal renúncia fosse voluntária; não deveria ser dada como certa. Suas filhas estavam ansiosas para ter uma parcela de seu favor; elas vinham a ele com histórias da ascensão de autoridade e precedência pelos meninos. Todos eles dependiam dele de uma forma ou de outra, e John Craven disse mais de uma vez que gostaria de ver um dos homens fazer o seu próprio caminho no mundo.

Eles eram todos respeitosos e afetuosos. As meninas lhe diziam repetidamente que estavam tão felizes que seus maridos pudessem aliviar sua carga e eram homens em quem ele podia confiar. Sim, ele certamente tinha muito pelo que ser grato; parecia que não era culpa de ninguém que ele estivesse sendo deixado de lado. Jack às vezes era arrogante e autoconfiante sobre os negócios. Era incrível que ele próprio, que havia sido considerado um dos homens mais ousados, perspicazes e empreendedores de seu tempo, fosse constantemente levado a sentir que era um velho ultrapassado que estava ficando para trás. Quem deveria entender os tempos se não um homem de sua experiência? À medida que os longos meses passavam, os dias em que ele não ia ao escritório se tornavam cada vez mais frequentes.

O valor principal de sua presença parecia ser para as listas de assinaturas, que de forma alguma o deixavam em paz, e um dia houve um violento surto de raiva contra o jovem Jack, que havia lhe oferecido uma mesada com uma quantia menor do que ele achava adequada. “Você pode estar ganhando dinheiro, mas com o dinheiro de quem você está ganhando?”, exigiu saber o velho, enquanto Jack falava suavemente e olhava em volta para as outras mesas. Ele não parecia querer derrubar o pai, como costumava fazer em caso de diferenças quando ambos eram mais jovens, e o sócio sênior foi ferido por essa diminuição de sua igualdade presente. “Você me trata como se eu fosse uma velha senhora”, disse ele, e foi embora. Jack era um insuportável pedante e o filho de Jack, que deveria estar em uma mesa ou desfilando pelo parque com sua carruagem de cachorro e cavalos de sela era um dândi inútil. Os tempos haviam mudado realmente!

Quando o senhor Craven não ia ao centro da cidade pela manhã, às vezes pegava sua bengala e caminhava para o leste ao longo da rua que fazia um ângulo reto com a avenida mais próxima de sua casa. Ele não gostava de encontrar seus conhecidos, nem mesmo as senhoras, durante o horário comercial, mas achava divertido observar o progresso de alguns prédios não muito distantes. O contraste entre esse distrito e a região de sua própria casa era muito marcante, embora ele não se encontrasse de forma alguma na parte mais miserável de sua cidade natal. Pelo contrário, havia até uma espécie de economia crescente no local. John Craven havia elogiado mais de uma vez o bom senhorio, quem quer que fosse, dono de uma longa fileira de pequenas casas de tijolos. Os ocupantes eram evidentemente pessoas de poucos recursos, mas muito respeitáveis e organizados, e no final do quarteirão havia uma ou duas lojas - uma farmácia e um lugarzinho alegre que oferecia produtos para mulheres, como linhas e agulhas, gravatas e até papel de carta e estampas de chita. “coisas boas, coisas boas”, dizia o rico ex-empresário, aprovando, “se apenas as mulheres não desperdiçassem o seu tempo e viajassem até a Stewart’s para cada carretel de algodão”.

Aconteceu que John Craven caminhou devagar por ali uma manhã, exatamente quando o proprietário deste estabelecimento estava abrindo suas persianas. Ele era um jovem de rosto brilhante de vinte dois ou vinte três anos, e o senhor idoso hesitou, depois parou e disse bom dia. O jovem olhou em volta alegremente. “Bom dia, senhor”, respondeu; “em que posso ajudar?”

O senhor Craven sorriu benignamente, sem se comprometer com nenhuma resposta definitiva. “Você está no horário, vejo”, disse ele logo em seguida, batendo no pavimento com sua bengala enquanto o proprietário prendia a persiana de volta com um estalo eficiente. Havia apenas uma janela na pequena loja, mas seu conteúdo estava disposto de maneira muito atraente. “Sim, senhor, tempo é dinheiro”, respondeu o proprietário admirando os artigos insignificantes. “Eu ficaria feliz se o senhor entrasse”, e com um olhar ao longo da rua em direção à avenida, o Senhor Craven aceitou o convite. Ainda era cedo pela manhã, ele não havia dormido bem ultimamente, e a sua luxuosa casa mal havia despertado. A sua filha mais velha havia voltado para casa com sua família para cuidar dele após a morte de sua esposa. O marido desta filha era o menos próspero dos genros, e para dizer a verdade, John Craven não gostava nem um pouco dele, e nunca havia gostado.

Havia algo deliciosamente cordial e sincero na hospitalidade do jovem comerciante. De qualquer forma, era mais forte do que as razões de seu convidado para não a aceitar, e o Sr. Craven fez uma reverência e entrou pela porta. Ele não prestou atenção em nada em particular. As mercadorias baratas não convidaram a sua atenção a apreciar seus detalhes, mas ele se sentou em um dos dois banquinhos leves que estavam dispostos para o conforto de possíveis clientes, e perguntou, olhando ao redor de forma interessada, há quanto tempo o negócio estava aberto.

“Há apenas dois meses”, respondeu o jovem, e uma cor juvenil se espalhou rapidamente por seu rosto. “Eu espero que haja uma boa oportunidade aqui! Eu não vejo por que não devo me sair bem. Parece que tenho a boa vontade do bairro, até agora. Há algumas costureiras por perto que fazem muitos trabalhos: uma delas faz costura e acabamento para Madame Blanc, e compra tudo o que pode carregar. Eu atendo a qualquer pedido, sabe, até mesmo encomendo mercadorias que não tenho em estoque. Espero que eu me saia bem aqui, e não me importo em dizer que vou vender o negócio quando ele valer alguma coisa, e buscar algo melhor. Eu gostaria de estar um pouco mais perto da avenida. Eu conheço um homem que tem uma loja de primeira classe de mercadorias na Rua Trinta que está ficando rico. Você vê as costureiras em algumas das grandes casas dando todo o seu dinheiro para o comércio dele, e mantendo o negócio aberto.”

O Senhor Craven devolveu o sorriso esperançoso de seu anfitrião e lentamente desabotoou o seu casaco. Ele se sentia um pouco cansado e solitário naquela manhã, e não tinha a aparência de um homem próspero. O casaco em si era um velho confortável que ele havia insistido em manter quando sua filha sugeriu a doação dele para uma mãe alemã que o usaria para fazer roupas para seus pobres filhos. De alguma forma, o Sr. Craven gostava de usá-lo nessas caminhadas matinais longe da avenida. Os botões estavam soltos, e um deles realmente caiu neste momento e rolou atrás de algumas caixas que estavam empilhadas no final do balcão. William Chellis, o dono da loja, olhou para trás, mas algum instinto que ele mal conseguia explicar o levou a ignorar o acidente trivial. O velho cavalheiro parecia ter visto dias melhores. As casas dos botões do casaco estavam desgastadas, e um pedaço do forro estava pendurado. Chellis muitas vezes via o velho passar por ali por esse horário pela manhã, parando de vez em quando para falar com algumas crianças, ou para cumprimentar os pedreiros que estavam cuidando da grande caixa de argamassa na frente do novo bloco.

Eles conversaram por alguns minutos de maneira amigável. Chellis estava organizando suas mercadorias, e quando o visitante se levantou para ir embora, ele correu para abrir a porta para ele. “Eu ficaria feliz se o senhor voltasse em qualquer momento”, disse ele, com uma agradável reverência. “Espero que o senhor se lembre de mencionar a loja se tiver alguma senhora em casa. Minhas mercadorias são principalmente para elas.”

“Você tem alfinetes?” perguntou o Sr. Craven, voltando com evidente prazer, para fazer um investimento em quatro pacotes. Ele poderia encontrar alguém para dá-los, e havia uma satisfação em colocar o pequeno pacote no bolso. Ele estava acostumado a escrever cheques para suas compras, e estava um pouco incerto, enquanto pegava algum troco do bolso do colete, sobre o estado de suas finanças atuais.

“Não há muita movimentação nesse horário da manhã”, explicou o proprietário. “Meus clientes vêm ou no final do dia, ou correm aqui na hora do almoço. Eu deveria ter alguém para me ajudar, porque fecho agora quando vou ao centro para atender os pedidos. Mas quero economizar o máximo que puder, por enquanto. Todas as grandes coisas devem ter um começo”, acrescentou ele, abrindo a porta pela segunda vez. Havia algo deliciosamente fresco e enérgico sobre o jovem. John Craven suspirou ao lembrar que houve um tempo em que seu próprio futuro estava diante dele. O vento de inverno havia se levantado e estava girando a poeira e os pedaços de papel ao longo da calçada deserta, e enquanto ele ia embora em direção à avenida, ele teve que parar mais de uma vez e virar as costas para o vento insalubre. E aconteceu de estar exatamente em frente a uma janela, onde uma jovem de rosto doce estava costurando diligentemente. Havia

algumas roupas meio acabadas na mesa ao lado dela; ela era uma garota muito bonita, e olhou francamente para o homem idoso, e até lhe deu um sorriso brilhante de simpatia e amizade inconscientes.

Durante todo o dia seguinte, enquanto o vento soprava e o clima estava frio, e flocos de neve batiam contra as janelas, John Craven sentou-se perto da lareira da biblioteca tentando ler jornais, cochilando e meditando de vez em quando. Ele tentou uma ou duas vezes atrair seus netos mais novos para lhe fazer companhia, mas eles eram necessários no andar de cima pois estavam a praticar para um famoso baile de caridade que beneficiaria um hospital infantil. Eles usariam trajes finos e seriam proeminentes nas danças, e só podiam tagarelar sobre essas coisas se praticassem. A sua filha o repreendeu por ficar ao ar livre por tanto tempo em uma manhã fria. Ele se atrasou para o café da manhã, e ela o repreendeu por deixá-la preocupada. Ele poderia cair a qualquer dia, ou ser atropelado pelos carros que passavam.

“Eu gostaria de ter a minha liberdade”, respondeu o velho, com mais severidade do que era habitual nele. Ele não se sentia tão velho quanto as outras pessoas pareciam considerá-lo - a vida não estava muito divertida ultimamente. Mas certamente ele estava muito interessado em seu novo conhecido da rua lateral. “Vou observar aquele rapaz”, assegurou a si mesmo, “e mais tarde, se ele se sair bem, vou deixá-lo ter algum capital.” Enquanto, com rara sensibilidade, ele também se perguntava se a garota agradável que costurava perto da janela e o jovem comerciante ativo estavam cientes da existência um do outro.

A pergunta foi respondida não demorou muito a ser respondida. Na manhã seguinte, entre as duas entrevistas, um julgamento sério veio para o nosso herói. Ele havia sido extremamente pontual nas reuniões quinzenais de uma certa empresa notável, da qual havia sido o principal criador, e havia se apegado cada vez mais a este que era um dos últimos de seus deveres empresariais ativos. Ele se sentiu incomumente claro e capaz quando entrou na sala dos diretores, como estava cedo, foi rapidamente sugerido que ele deveria renunciar ao seu lugar no conselho em favor de seu filho Jack. Ele não pôde encontrar falhas na maneira delicada como essa sugestão foi feita. Havia um velho problemático e decrépito que havia estado no caminho por meia dúzia de anos, e foi proposto que os dois diretores mais antigos fossem colocados em uma espécie de lista de aposentados.

O amigo que falou aludiu ao incômodo que o Senhor Craven deveria sentir ao ter que comparecer às reuniões agora que havia se livrado completamente dos cuidados dos negócios. Ele detinha uma participação tão grande da empresa que não teria sido adequado removê-lo de uma parte do seu controle ativo, exceto por meio de sua própria agência, e

John Craven, que era um homem orgulhoso, disse a si mesmo com um lampejo de raiva que isso era obra de Jack, e concordou silenciosamente. “Eles derrubam os velhos nas ilhas do Mar do Sul”, resmungou ele no dia seguinte, quando viu uma série muito rápida de resoluções sobre sua aposentadoria incluída no relatório financeiro de sua empresa. Ele se perguntou se sua esposa sabia o quão solitário ele estava, e contou com surpresa os meses desde que ela havia sido tirada dele.

A manhã seguinte estava clara e primaveril, e ele saiu mais cedo do que o habitual. O clima agradável era, em si mesmo, um conforto, e ele se viu dando passos mais rápidos em direção à pequena loja. A loja já estava aberta, e havia um cliente que virou um rosto não familiar em direção à porta quando o Senhor Craven a abriu. Os dois jovens estavam conversando animadamente, e ambos coraram um pouco de uma maneira bonita e consciente, e disseram bom dia, como se o recém-chegado fosse um velho amigo. “Este é um dia mais agradável do que quando tive que parar ao lado da sua janela”, disse o velho cavalheiro, galanteador. Ele estava com pressa e ficou feliz em aceitar o assento que o jovem empurrou em sua direção.

“Eu pensei que poderiam fazer uso de algumas coisinhas na casa”, disse o Senhor Craven logo em seguida, mas ele não procurou pelos bens necessários. “Como vocês estão indo?” ele perguntou, de maneira benevolente e paternal, e eles se voltaram para informar a este estranho amigável sobre suas excelentes perspectivas. Evidentemente, os jovens tinham um interesse muito particular um pelo outro, e o Senhor Craven ficou certo de que o casamento deles dependia da renda futura do jovem Chellis. Havia uma dívida de algumas centenas de dólares no estoque; tinha sido um empreendimento tremendo para o rapaz, e o sábio velho homem de negócios balançou a cabeça, quando conseguiu entender a posição dos assuntos. “Se você pudesse pagar essas contas agora”, disse ele seriamente, “para que pudesse estar lidando com o dinheiro que está entrando”. E o jovem Chellis parecia ansioso e determinado enquanto balançava a cabeça em concordância.

Houve um silêncio doloroso de um ou dois momentos que foi quebrado por Chellis. “O senhor perdeu um botão do seu casaco quando estive aqui antes de ontem de manhã. Eu o encontrei depois e guardei. A Senhorita Brooks tem uma agulha com ela agora, eu suponho, e ela costurará para o senhor se o senhor permitir”. John Craven olhou de um rosto para o outro com surpresa agradável. Ele ria se soubesse que eles tinham falado sobre ele várias vezes e haviam decidido que ele era um solteirão que morava em algum lugar daquela região - um homem que tinha visto dias melhores e agora era pobre e sem amigos. A Senhorita Brooks desejava que ele pudesse ter um pouco de dinheiro para investir em um empreendimento comercial tão próspero e em ascensão como o de seu amor. Mas o seu

amor havia respondido com uma sabedoria profunda, e assumiu que o estranho idoso não parecia ser um homem próspero. Pobre John Craven, com suas casas e terras, seus blocos de edifícios, seu interesse em uma linha de navios a vapor, suas fábricas, suas hipotecas, suas ações bancárias e ferroviárias e seus filhos luxuosos, a quem ele havia alojado em palácios! Ele se sentiu mais pobre, afinal, do que essas jovens criaturas, que ainda tinham suas fortunas para fazer e cujo melhor capital era seu amor um pelo outro.

Mas nos últimos arrastados anos, nada lhe havia dado tanto prazer quanto seu novo interesse neste pequeno empreendimento de artigos de luxo na Rua Leste. Seu instinto empresarial cauteloso o tornava muito cuidadoso para conhecer esta área. Então, um dia, para grande deleite do jovem Chellis, quando ele estava começando a temer seus credores e parecer mais velho e mais preocupado do que o habitual, o gentil convidado contou uma quantia como se fosse tudo o que tinha no mundo e pediu para entrar em sociedade, dispensando todas as formalidades. Os dois homens se sentaram juntos como se tivessem vinte e dois anos e embarcaram em planos corajosos para ganhos futuros.

Às vezes, o Senhor Craven deixava que o chamassem de Sr. Brown embora seu coração honesto se revoltasse com a decepção, ele adiava a sua visita até depois do café da manhã e passava o tempo que desejava com o seu novo amigo. A sagacidade dos conselhos que o velho comerciante transmitia ao jovem seria impossível de descrever. Chellis já havia decidido que seu benfeitor devia ter tido uma carreira comercial incomum e ter sido arruinado em alguma grande crise financeira. A situação não estava sem seus perigos. Até mesmo a caminhada ao longo da Rua Leste estava cercada de medos, e John Craven variava sua linha de abordagem de dia para dia. Uma vez, ele viu com consternação a entrada de uma de suas próprias empregadas em seu novo local de negócios, enquanto ele estava atrás do alto balcão somando uma coluna de números.

Felizmente, havia uma sala interna, para a qual ele se retirou furtivamente com o coração batendo, e ouviu lá as vozes altas e mal-educadas da mulher que em casa era uma criatura muito suave e servil. Mas esse acidente não aconteceu novamente, e ele se sentiu cada vez mais seguro na companhia de seu jovem parceiro. Era surpreendente como o seu entusiasmo juvenil e ambição pareciam, por um tempo, retornar; como ele ficava feliz quando um dia de comércio incomumente bom era relatado. Ele balançou a cabeça quando os jovens lhe pediram para ir ao casamento deles, mas ele colocou na mãozinha calejada da noiva uma quantia tão grande quanto se atreveu e fugiu em direção à sua própria casa. Tinha-o deixado desolado ver os quartos em que os amantes iriam viver. Eles haviam pedido a seu benfeitor para visitar sua nova casa de tal maneira que ele não pudesse recusar, e eles lhe disseram que nunca teriam conseguido se dar tão bem sem sua ajuda. A

pequena Senhorita Brooks não ia desistir de sua costura por enquanto. Ela cuidaria de sua pequena casa e ganharia tudo o que pudesse no tempo livre, assim como sempre fizera, eles não pareciam pessoas da cidade; tinham os modos simples dos camponeses. E John Craven pensou neles com profunda afeição enquanto se sentava à cabeceira de sua mesa de jantar brilhante naquela noite e erguia um copo de seu melhor vinho em uma mão trêmula para beber secretamente à saúde e prosperidade do Sr. e Sra. William Chellis.

Por fim, chegou um momento, no final da primavera, em que o velho empresário parecia muito mais fraco. Ele quase nunca ia ao grande escritório agora e ficava até feliz quando a rara expedição terminava em segurança. Uma ou duas vezes ele tomou seu assento em alguma assembleia, mas era uma figura ineficiente e ficava mais incomodado do que outra coisa com o vazio de reverências de seus subordinados no escritório. Todos os dias, quando era possível, no entanto, ele fazia uma visita matinal aos seus jovens amigos na Rua Leste, e em muitas manhãs, quando havia alguns clientes entrando, ele dava avisos e sugestões ao ambicioso proprietário.

Um jovem rapaz foi contratado para trabalhar na loja, um garoto de Vermont, cujo rosto brilhante parecia agradar ao velho cavalheiro, e em uma das últimas visitas Chellis o enviou para casa com o senhor Craven. Isso causou muita curiosidade e interesse quando a aventura foi contada, pois ele havia ajudado o hóspede enfermo a subir os degraus altos de uma das melhores casas da avenida. Mas as visitas matinais estavam quase terminadas. O Sr. Craven só apareceu mais uma vez, e nesta ocasião o proprietário da pequena loja havia saído para o centro da cidade. Ele e sua jovem esposa conversaram muito naquela noite sobre seu benfeitor. “Ele foi o meu sucesso”, disse Chellis para si mesmo, tristemente, à medida que os dias passavam depois disso e seu amigo não voltava mais.

Por muito tempo, a filha do Senhor Craven dizia com orgulho que seu pai era capaz de dar uma caminhada de uma ou duas horas todas as manhãs; nestes dias de primavera tardia, ela havia reclamado irritadamente que ele gastava toda a sua força fazendo isso e que não servia para nada pelo resto do dia. Finalmente, John Craven foi levado para sua propriedade no campo e, antes que o verão acabasse, ele morreu. O pobre homem rico quase havia deixado de se importar com a loja de bonecas, como ele frequentemente a chamava com carinho, embora ainda fosse grato pelo prazer que sentia ao sonhar e planejar a futura fortuna dos jovens felizes da Rua Leste.

Seu testamento foi feito alguns meses antes e foi tão justo para sua própria família quanto para as necessidades públicas, como sempre havia sido em seus negócios. Havia uma cláusula, no entanto, que surpreendeu completamente sua família - ele deixou cinco mil dólares para um tal William Chellis, na Rua Leste, e entre seus últimos papéis

privados havia uma nota para esse legatário escrita em uma mão trêmula, que contrastava estranhamente com suas assinaturas anteriormente que eram tão claras.

“Deixei algo para você como uma lembrança”, disse o Sr. Craven. “Não tenho dúvidas de que você fará seu caminho no mundo com a ajuda disso e de seus próprios esforços, e eu lhe devo algo por sua bondade e respeito a um velho. Lembre-se de que ganhar dinheiro pode torná-lo pobre como me tornou, e pode deixá-lo no final como um mendigo por um pouco de amizade, simpatia e ocupação. Há outras coisas que um homem precisa além da riqueza para ser feliz. De seu grato amigo, “John Craven”.

Os olhos do jovem homem ficaram estranhamente embaçados enquanto ele lia. “Meu Deus!” ele disse, impressionado e surpreso. “Às vezes eu pensava que ele não era o velho quebrado que pensávamos no começo; mas lá estava ele o tempo todo, um dos homens mais ricos da cidade! Como ele ficava feliz em alguns dias em ajudar atrás do balcão quando dois ou três clientes entravam juntos. Então aquele era o velho John Craven!”

“Talvez o nosso lugar o fizesse lembrar dos velhos tempos, quando ele estava apenas começando”, respondeu a pequena esposa com esperança. “Lembro-me da primeira vez que o vi, numa manhã ventosa quando a poeira soprava em seu rosto e ele virou-se e olhou diretamente para a janela. Ele me fez sentir muito mal, parecia tão solitário e desejoso. Eu nunca pensei que ele fosse nos dar tanto dinheiro.”

“Ele me deu algo melhor do que isso também”, disse o jovem Chellis, solenemente; e quando a mulher ao seu lado olhou para cima para perguntar o que ele queria dizer, ele apenas a beijou e foi embora. Havia verdadeiramente muitos ganhos a serem obtidos no mundo além do dinheiro, mesmo que o coração de alguém estivesse voltado para ser, antes de tudo, um homem de negócios.

A Business Man

If a man chooses a profession it is, or ought to be, with other desires than that of growing rich. He may wish to be skillful and learned as a means of self-development and helping his fellow-men, and if he is successful nobody has a right to sneer at him because he does not make a fortune. But when most men enter a mercantile life it is with the acknowledged purpose of making money. The world has a right, too, to look on with interest to find what they do with their money afterward. Dollars are of primary consideration to the standing of a business man, and are only secondary to a clergyman or

a doctor – that is, when one judges by public rather than private conditions and indications of success. Yet the money-getter may win great wealth, and fail completely of reaching his highest value, and reward, and satisfaction as a human being.

People often said that there was something in the blood of the Cravens (their true name shall be a secret) which hungered for possession and was always seeking to gratify its love of acquisition. John Craven, the proud inheritor of a name already well known in business circles, certainly loved the thought of his thousands and hundred thousands. He felt a vast pleasure in letting his eyes glance down the columns of figures in his private account-book – a gratified sense of security and abundance which none of the fruits of his wealth had power to bestow.

The fine house in which he lived, his handsome young children, all failed to be so completely rewarding to his eye and heart as the special page or two where the chief items of his property were represented by straight-stemmed fours and ones and delicately-curved threes and sixes and nines. He was a man who never directly wronged any one, but who was determined to succeed and to make money. He thought little of his personal relation to society, and still less of his relation to the next world. All his mind was bent upon making a splendid financial success, and though early in life this end was gained, he still went on planning great gains and glories, and looked upon himself as one of the younger business men of his city, until long after he was a grandfather.

Then the tide of satisfaction seemed at last to turn. One thing after another forced him to waver and to hesitate in these great manipulations of his capital. Mr. Craven was keen and quick to grasp his business opportunities, but little things annoyed him, and he became sensitive where once he had been indifferent. He was just transferring his chief office and warehouse to a noble new building, when for the first time in his life he became seriously ill, and from necessity his eldest son was promoted temporarily to the head of the business.

It was a strange surprise when the family physician told him that he could no longer bear what he could once; that a man of his years must favor himself; and finally advised that a few months in Europe would do him the much needed good. John Craven was startled and angry at first; he had always looked forward to such a holiday, and had already enjoyed foreign sights by proxy, since his family had crossed the ocean repeatedly, like other families of their social station. But this seemed to mean only that the girls wished to go again, and at first he emphatically refused to be made the victim of such a conspiracy.

When he visited his place of business, however, after his illness, he was made somewhat low spirited. The new warehouse was occupied now, and it was fatiguingly

large and noisy. Young John was getting on very well; he might be all the more use by and by if he had the chance of trying his hand now. He could not do much mischief, the elder man thought, as he sank into his great cushioned chair with a little sigh. He had meant to give orders that his familiar desk and wooden armchair should be brought from the old counting-room, but it was too late now, and to be sure they would be quite out of place in all this magnificence of plate glass and mahogany. Yes, Jack was right; this new office was in keeping with the position of the firm, and the senior partner looked into his new safe with pride and approval, and complimented his son upon the way he had managed things.

The old grandfather who had trained him used to sit on a high stool, and wear a green baize jacket, in the first dingy counting-room. "He started us – he started us," said John Craven to himself; then he felt a little shaky and sat down again, saying that he would not go through the house until next day, perhaps. He had hardly got back his strength, but Jack might bring the statements. There were a number of new clerks even in the inner office, and one had a crafty, small face. "I don't like that fellow's looks," he muttered. "Who got him here, I should like to know!" But Jack responded, with wounded pride, that this was the smartest book-keeper in New York; he had been trying to get him into their employ for a year.

Somehow, for the first time John Craven was conscious that he was getting to be old. He grumbled something about the boys pulling and hauling him and his affairs, and wishing him out of their way. The pomp of the new counting-room, the self-sufficiency of Jack, dazzled and angered him not a little. He had thought it indispensable to the welfare of this great business that he should not miss a day at his desk, all through the busiest times of the year. But here was the establishment running along on its manifold and ponderous track, just as well as if he had been at the post of guidance. Well, not every man had given his affairs such a good momentum; he had only followed out the founder's principles, too, and he thought again of the sturdy grandfather in the baize jacket. After all, it was good for the son and successor; he would stand well in the row of John Cravens. Jack was married and settled. He had as handsome a house as his father's, a block higher up the avenue. The rascal had even grown a little patronizing of late, but John Craven, the elder, had no intention of being called an old man yet.

There were some questions to ask about the real estate investments that day, but Jack could not answer for these. Walter had been looking after that part of the property, and Walter was out of town. "So they had divided the responsibility between them, had they?" the father grumbled; but Jack brought a great handful of cheques and papers to be signed, and the two men lunched and joked together. The firm was already larger than

the senior partner approved. It was no use to talk about adding another member. But Jack took advantage of his father's smiles to suggest the admission of a brother-in-law, the husband of the youngest daughter. "I'll think it over," replied the chief, turning to look for his penholder. "No, his capital is no inducement. We're carrying sail enough for the present, unless times change for the better." Jack went back to his own desk a little annoyed. He did not like to give up his authority. Was it only a month since the old gentleman had been away? It seemed like a year.

John Craven took the doctor's advice, after all, and went to Europe. He had felt strangely weak and unequal to much effort ever since his illness, and he grasped at the promised renewal of his health. There was great satisfaction at meeting some of his old correspondents on the other side; he wholly enjoyed his journeyings, and was satisfied with the careful reports from home. He was proud, too, of some new outlooks and connections which he succeeded in forming. "In a business way," he was fond of saying to his wife, "the time had been well spent." But Mrs. Craven lost no chance of urging her husband to give up the business to the boys. He had overworked himself, she pleaded over and over again, it was no use to break down his health altogether.

He knew very well now that he could not bear what he could once. The truth was, the ways of doing business were changing – these submarine telegraphs were doing as much harm as good. The time had gone by when a man could get private advices of a rise in values, and quickly increase his stock to control the market. Now, what one knew the rest knew, and it was simply a question of who could sell cheapest. John Craven talked it over again and again with idling merchants like himself.

Not long after their return the great sorrow of his life came to him in his wife's death. It was harder to bear the loss than it ever could have been before.[.] They had loved each other with a sober, undemonstrative affection, which was as permanent and unquestioned as the air they breathed. In the earlier years, while he was immersed, as he often said, in business cares, and the good woman was careful and troubled about many things, – her growing children, her household, and her social relations, – they had gone their separate ways without much reference to each other, satisfied with a mutual confidence and inspiration. For the first time in these later months they had sometimes spent all the hours of the days together, and had been more lover-like and affectionate than ever before.

They sometimes talked in the long twilights of the English lakes or the soft sunshine of Italy about what they would do together when they reached home; and John Craven felt less annoyance at the thought of his boys' business capacity. He would have more time at home than ever before; he even grew interested in his wife's small charitable

enterprises, and lent a willing ear to her confidences, and knew at last what good his generous cheques had done in public and private needs. He had never found time to think much of these things. But alas, good Mrs. Craven died after a short illness, within a week or two of their arrival home, and the great house with its unpacked treasures, which they had chosen together, was left desolate.

It was harder than ever for this business man to assure himself that a man need not be old at his age; but somehow he had let go his active oversight of affairs, while he could summon no interest to fill the place of that to which he had given all his time and thought. He cared nothing for books or for art, or, saddest of all, his fashionable daughter thought, for society. He had given away much money because others expected it, but he had never given himself with his dollars. He was sometimes angry with the boys, and sometimes thankful to give up his responsibility, but he wished such relinquishment to be voluntary; it should not be taken for granted. His daughters were eager to have their share of his favor; they came to him with stories of the boys' assumption of authority and precedence. They were all dependent upon him in one way or another, and John Craven told himself more than once that he should like to see one of the crowd who had made his own way in the world.

They were all respectful and affectionate. The girls told him again and again that they were so glad that their husbands were able to relieve him of care, and were men he could trust. Yes, he surely had a great deal to be thankful for; it seemed to be nobody's fault that he was laid on the shelf. Jack was sometimes overbearing and self-confident about the business. It was amazing that he himself, who had been counted one of the most daring, far-sighted, and enterprising men of his day, should be constantly made to feel that he was an old foggy and fast drifting astern of the times. Who should understand the times if not a man of his experience? As the long months went by, the days when he did not go to his office were of more and more frequent occurrence.

The chief value of his presence seemed to be for the subscription lists, which by no means passed him by, and one day there was a vehement outbreak of anger against young Jack, who had ventured to suggest the propriety of a smaller sum than his father had seen fit to bestow. "You may be making money, but whose money are you making it with," the old man demanded, while Jack spoke soothingly and glanced round at the other desks. He did not look as if he would like to knock his father down, as he used in case of differences when they both were younger, and the senior partner was injured by this slighting of their present equality. "You treat me as if I were an old woman," he said, and went away. Jack was such an insufferable prig, and there was Jack's boy, who ought

to be at a desk, already parading about the park with his dog cart and saddle-horses – a good-for-nothing dandy. Times had changed indeed!

When Mr. Craven did not go down town in the morning he sometimes took his stick and walked eastward along the street that made a right angle with the avenue nearest his house. He did not like to meet his acquaintances, even ladies, in business hours, but he found it amusing to watch the progress of some buildings not a great distance away. The contrast between this district and the region of his own home was very striking, though he found himself by no means in the most squalid portion of his native city. On the contrary, there was even a sort of thriftiness. John Craven had more than once complimented the good landlord, whoever he might be, of one long row of small brick houses. The occupants were evidently people of small means, but most respectable and orderly, and at the end of the block was a shop or two – a druggist's, and a gay little place which held out inducements to womankind, of thread and needles, neckties, and even letter-paper and calico prints. "Good thing, good thing," the rich ex-merchant would say approvingly, "if only the women don't waste their time, and travel way down to Stewart's for every spool of cotton."

It happened that John Craven walked slowly by one morning just as the owner of this place of business was opening his shutters. He was a bright-faced young man of two or three and twenty, and the elderly gentleman hesitated, then stopped and said good-morning. The young man looked around cheerfully. "Good-day, sir," he answered; can I do anything for you in my line?"

And Mr. Craven smiled benignantly, without committing himself to any definite reply. "You are on time, I see," he said presently, tapping the pavement with his cane as the proprietor fastened the shutter back with a sufficient snap. There was only one window to the little store, but its contents were most alluringly arranged. "Yes, sir, time's money," answered the admiring owner of the trifling wares. "I should be glad to have you step inside," and with a glance along the street toward the avenue, Mr. Craven accepted the invitation. It was still early in the morning, he had not been sleeping well of late, and his luxurious household was hardly astir. His eldest daughter had come home with her family to keep the house for him after her mother's death. Her husband was the least prosperous of the sons or sons-in-law, and to tell the truth John Craven was not at all fond of him, and never had been.

There was something delightfully cordial and sincere in the younger merchant's hospitality. At any rate it was stronger than his guest's reasons for not accepting it, and Mr. Craven bowed gravely and went in at the door. He took no notice of anything in particular.

The cheap goods did not invite his attention in detail, but he seated himself on one of the two light stools which were provided for the comfort of possible customers, and asked, looking about him in an interested way, how long the business had been established.

“Only a month or two,” answered the young man, and a boyish color spread quickly over his face. “I hope there’s a good chance here! I don’t see why I shouldn’t do well. I seem to have the good-will of the neighborhood, so far. There are some dressmakers near by who do a pile of work: one of them does stitching and finishing for Madame Blanc, and has all she can carry. I fill any orders, you know, for goods I don’t carry in stock. I hope I shall do well here, and I don’t mind saying I shall sell out the business when it gets to be worth anything, and strike for something better. I wish I was a little nearer the avenue. I know a fellow who keeps a first-rate class of goods up in Thirtieth Street that’s getting rich. You see the seamstresses in some of the big houses give him all their trade, and about keep him going.”

Mr. Craven returned the hopeful smile of his entertainer, and slowly unfastened his overcoat. He felt a little tired and lonely that morning, and did not wear the look of a prosperous man. The coat itself was a comfortable old one he had insisted upon keeping when his daughter had suggested the presentation of it to a deserving German mother to make over for her children. Somehow Mr. Craven liked to wear it in these morning walks away from the avenue. The buttons were loose, and one of them actually came off at this moment and rolled behind some boxes that were piled at the end of the counter. William Chellis the shopkeeper looked after it, but some instinct that he could hardly explain led him to ignore the trivial accident. The old gentleman looked as if he had seen better days. The button-holes of the coat were frayed, and a bit of the lining was hanging. Chellis had often seen the old fellow go by about this time in the morning, stopping once in a while to speak to some children, or to exchange greetings with the bricklayers who were tending the great mortar-box in front of the new block.

They talked together for a few minutes in a friendly way. Chellis was arranging his wares, and when the visitor rose to go he darted forward to open the door for him. “I should be pleased to have you drop in any time, sir,” he said, with pleasant deference. “I hope you’ll remember to mention the store if you have any ladies at home. My goods are mostly in their line.”

“Do you keep pins?” asked Mr. Craven, turning back with evident pleasure, to make an investment in four papers. He could find somebody to give them to, and there was a satisfaction in putting the little package in his pocket. He was used to writing

cheques for his purchases, and was a little uncertain, as he took some change from his waistcoat pocket, about the state of his present finances.

“There never is much doing this time in the morning,” explained the proprietor. “My customers either come toward night, or run over here at noon time. I ought to have somebody to help me, for I shut up now when I go down town to fill my orders. I want to get on as cheap as I can, though, for the present. All great things must have a beginning,” he added as he opened the door the second time. There was something delightfully fresh and energetic about the young man. John Craven sighed to remember that there was a time when his own future lay all before him. The winter wind had risen and was whirling the dust and bits of paper along the bare pavement, and as he went away toward the avenue, he had to stop more than once and turn his back to the unwholesome gale. He happened to be just opposite a window at one time, where a sweet-faced young girl sat sewing busily. There were some half-finished garments on the table beside her; a very pretty girl she was, and she looked frankly up at the elderly man, and even gave him a bright smile of unconscious sympathy and friendliness.

The whole day afterward, while the wind blew and the weather was cold, and a few flakes of snow clicked against the windows, John Craven sat by the library fire trying to read newspapers and dozing and meditating by turns. He tried once or twice to allure his younger grandchildren down to keep him company, but they were needed up-stairs to practice for a famous fancy ball in aid of some children’s hospital. They were to have fine costumes and be prominent in the dances, and could only chatter to him of these things if they stayed. Their mother had rebuked him for staying out of doors so long on a chilly morning. He was late to breakfast, and she reproached him for making her uneasy. He might have a fall any day, or be knocked over by the passing carts.

“I should like to have my liberty,” the old man answered, with more severity than was usual with him. He did not feel so old as other people seemed to consider him – life was nor very amusing of late. But certainly he was much interested in his new acquaintance of the side street. “I’ll watch that lad,” Mr. Craven assured himself, “and by and by, if he does well, I’ll let him have some capital.” While, with rare sentiment, he also wondered if the nice girl who sewed by the window and the brisk young merchant were aware of each other’s existence.

The question was answered no later than the next morning but one. Between the two interviews a serious trial came to our hero. He had been vastly punctual at the fortnightly meetings of a certain notable company, of which he had been chief originator, and had clung more and more of late to this one of the last of his active business duties.

He felt unusually clear and capable as he entered the directors' room, but being early he was adroitly tendered a suggestion that he should resign his place on the board in favor of his son Jack. He could find no fault with the delicate manner in which this suggestion was made. There was a troublesome, decrepit old fellow, who had been in the way for half a dozen years, and it was proposed that the two senior directors should be put on a sort of retired list.

The friend who spoke alluded to the annoyance Mr. Craven must receive from his feeling of obligation to attend the meetings now that he had shaken off so entirely the cares of business. He held so large an interest in the property that it would not have done to remove him from a part in its active control, except through his own agency, and John Craven, who was a proud man, told himself with a flash of anger that this was some of Jack's doings, and quietly acquiesced. "They knock the old folks on the head in the South Sea Islands," he grumbled next day, when he saw a too prompt series of resolutions on his retirement included in the financial report of his company. He wondered if his wife knew how lonely he was, and counted up with surprise the months since she had been taken away from him.

The morning afterward was clear and spring-like, and he went out earlier than usual. The pleasant weather was in itself a comfort, and he found himself taking quicker steps than usual toward the little store. It was already open, and there was a customer who turned a not unfamiliar face toward the door as Mr. Craven opened it. The two young people were talking eagerly, and both blushed a little in a pretty, conscious way, and said good-morning, as if the new-comer were an old friend. "This is a pleasanter day than when I had to come to a halt next your window," said the old gentleman, gallantly. He had been hurrying, and was glad to accept the seat which the younger man pushed toward him.

"There were a few little things I thought they could make use of at the house," said Mr. Craven presently, to explain his appearance – but he did not look about for the necessary goods. "How are you getting on?" he asked, in a benevolent and paternal fashion, and they turned to acquaint this friendly stranger with an assurance of their excellent prospects. Evidently the young people had a very particular interest in each other, and Mr. Craven became sure that their marriage depended upon young Chellis's future income. There was a debt of a few hundred dollars on the stock; it had been a tremendous venture for the fellow, and the wise old business man shook his head, as he was made to understand the position of affairs. "If you could only pay off those accounts now," he said soberly, "so that you could be handling for yourself the money that is coming in." And young Chellis looked wistful and determined as he nodded his head in assent.

There was a painful silence of a moment or two which Chellis himself broke. “You lost a button off your coat when you were in day before yesterday morning, sir. I found it afterward and laid it by. Miss Brooks has got a needle with her now, I dare say, and she’ll sew it on for you if you will let her;” and John Craven looked from one face to the other with pleased surprise. He would have been amused if he had known that they had talked about him several times, and had made up their minds that he was a bachelor who boarded somewhere in that region – a man who had seen better days, and was now poor and friendless. Miss Brooks had ventured to wish that he might have a little money which he would like to put into such a thriving and rising business venture as her lover’s. But the lover had replied with deeper wisdom that the elderly stranger did not wear the look of a prosperous man. Poor John Craven, with his houses and lands, his blocks of buildings, and his interest in a line of steamers, his manufactories, and his mortgages, and bank stocks, and railroad stocks, and his luxurious children, whom he had housed in palaces! He felt poorer, after all, than these young creatures, who still had their fortunes to make, and whose best capital was their love for each other.

But in the last few dragging years nothing had given him such a hearty pleasure as his new interest in this little enterprise of the fancy goods store on East Number Street. His cautious business instinct made him very careful to know his ground. Then one day, to young Chellis’s great delight, when he was beginning to fear his creditors and look older and more troubled than usual, the kindly guest counted out a sum of money as if it were all he had in the world, and begged to go into partnership, waiving all formalities. The two men sat down together as if they were alike twenty-two, and embarked upon courageous plans for future gains.

Sometimes of late, Mr. Craven – who let himself be called Mr. Brown, though his honest heart revolted from the deception – postponed his visit until after the late breakfast and spent as much of the day as he chose with his new friend. What sagacity of advice the old merchant imparted to the new one time would fail for describing. Chellis had long ago made up his mind that his benefactor must have had an unusual business career and been wrecked in some great financial crisis. The situation was not without its dangers. Even the walk along East Number Street was beset with fears, and John Craven varied his line of approach from day to day. Once he beheld with dismay the entrance of one of his own housemaids upon his new place of business, as he stood behind the high desk casting up a column of figures.

Luckily there was an inner room, to which he stealthily retreated with beating heart, and listened there to the loud, unmannerly tones of the woman who was at home a

most soft-spoken and servile creature. But this accident did not happen again, and he felt more and more secure in the companionship of his young partner. It was surprising how his youthful zest and ambition seemed, for a time, to return; how pleased he was when an uncommonly good day's trade was reported. He shook his head when the young folks asked him to come to their wedding, but he slipped as large a bill as he dared into the bride's work-roughened little hand and stole away toward his own house. It had made him desolate to see the rooms the lovers were to live in. They had asked their benefactor to visit their new home in such a way that he could not refuse, and they told him they never could have got on so well without his help. Little Miss Brooks was not going to give up her sewing at present. She would take care of their tiny housekeeping and earn all she could in the spare time, just as she had always done. They did not seem like city people at all; they had the simple ways of country folks. And John Craven thought of them with deep affection as he sat at the head of his glittering dinner-table that night, and lifted a glass of his best wine in a shaking hand to drink secretly to Mr. and Mrs. William Chellis's health and prosperity.

At last there came a time, late one spring, when the old business man seemed much feebler than he had ever before. He hardly ever went down to the great office now, and was even glad when the rare expedition was safely over with. Once or twice he took his seat at some assembly, but he was an inefficient figure-head, and was more annoyed than otherwise with the empty show of deference from his inferiors in office. Every day when it was possible, however, he paid an early visit to his young friends in East Number Street, and on many a morning when there were a few customers coming in, he gave the ambitious proprietor warnings and suggestions.

There was a young boy added to the force of this mercantile experiment, a lad from Vermont, whose bright face seemed to please the old gentleman, and on one of the last visits Chellis sent him home with Mr. Craven. It caused a good deal of curiosity and interest when the adventure was recounted, for he had helped the infirm guest up the high steps of one of the best avenue houses. But the morning calls were nearly done. Mr. Craven only appeared once more, and then when the owner of the little shop had gone down town. He and his young wife talked a great deal that night about their benefactor. "He's been the making of me," said Chellis to himself, sadly, as the days went by after that and his friend did not come again.

For a long time Mr. Craven's daughter had said proudly that her father was able to take an hour or two's walk early every morning; in these late spring days she had complained fretfully that he used up all his strength in doing so much, and that he was fit

for nothing all the rest of the day. At length John Craven was taken away to his country place, and before the summer was over he died. The poor rich man had almost ceased to care anything for even the dolls' shopkeeping, as he had often fondly called it, though he was still grateful for the pleasure that came to him as he dreamed of and planned for the future fortune of the happy young people in East Number Street.

His will was made some months before, and was as just to his own family and to public needs as all his dealing had been. There was one codicil which surprised his family entirely, – he left five thousand dollars to one William Chellis, in East Number Street, and among the latest of his private papers was a note to this legatee written in a trembling hand, which contrasted strangely with his former clear signatures.

“I have left something for you as a remembrance,” Mr. Craven said. “I have no doubt that you will make your way in the world by its help and your own exertions, and I owe you something for your kindness and respect to an old man. Remember that getting money may make you poor as it has me, and can leave you at last a beggar for a little friendliness, and sympathy, and occupation. There are other things which a man needs beside wealth to make him happy. I am your grateful friend, “John Craven.”

The young man's eyes were strangely dimmed as he read. “Good heavens!” he said, awed and astonished. “I used to think sometimes that he wasn't the broken-down old fellow we took him for at first; but there he was all the time, one of the richest men in the city! How pleased he used to be some days to help behind the counter when two or three customers came in together. So that was old John Craven!”

“Perhaps our place made him think of old times, when he was just beginning, himself,” hopefully answered the little wife. “I remember the first time I saw him, one windy morning when the dust blew in his face and he turned round and looked right in at the window. He made me feel real bad, he looked so lonesome and wishful. I never thought he was going to give us such a lot of money.”

“He's given me something better than that, too,” said young Chellis, solemnly; and when the woman beside him looked up to ask what he meant, he only kissed her and went away. There were truly many gains to be had in the world beside money, even if one's heart was set upon being, first of all, a Businessman.

REFERÊNCIAS

DÉPRÉ, Ines. **Teorias e Práticas da Tradução literária**. Tradução de Lia Araújo Miranda de Lima. Editora da UnB, 2019.

JEWETT, Sarah Orne. **A White Heron and Other stories**. Poole: Solis Press, 2013.



ENTREVISTAS



O teatro atrás das grades: uma entrevista com Cissa Lourenço, diretora e produtora da peça “Somos Todas Carolinas”, desenvolvida com as detentas do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de São Paulo

Por: Marcelo Rodrigues¹

Universidade Estadual do Oeste do Paraná



Cissa Lourenço. Fonte: periferialivre.fea.usp.br

O coletivo artístico Poetas do tietê, pode ser lido como um grupo multiartístico e independente, que constantemente ocupa os espaços públicos da capital paulista, apresentando e representando, entre poesias, músicas e performances, que mesmo em meio ao caos da luta contra o relógio e no dia a dia acinzentado pela fuligem, é possível encontrar alegria, arte e beleza.

Há quinze anos transmutando a verticalidade petrificada e gélida de São Paulo, o coletivo conta como uma série de projetos permanentes, como por exemplo, o projeto mais longínquo e duradouro do coletivo, denominado “Poesia na Faixa”, com aproximadamente doze anos de existência e que consiste em levar a poesia performada às faixas de pedestres, das movimentadas ruas centrais da cidade, convidando o transeunte a começar o dia com o encanto da poesia.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (PPGL-UNIOESTE), Cascavel, Paraná, com pesquisas na linha de Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados. E-mail: mr.rodrigues.prof@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7358-898X>

Além de atuar na transformação do cotidiano das pessoas imersas no agitado contexto urbano, em 2015, o coletivo passa a idealizar e desenvolver projetos que possibilitam a narrativa da história de vida das pessoas que estão em privação de liberdade. Paralelamente ao projeto Asas Abertas, que leva as vozes do sarau e da literatura marginal, até os menores da Fundação Casa², que foi idealizado e executado pelo poeta, Jaime Queiroga, está o projeto LibertArte – Trançar Feminismos, Poesia & Coragem, sob a coordenação e execução da artista Cissa Lourenço, que atua diretamente com mulheres que também estão em contexto de privação de liberdade.

Foi Trabalhando com as mulheres da PFC (Penitenciária Feminina da Capital) desde 2015, inicialmente com literatura de escrita feminina, apresentando escritoras brasileiras, negras e periféricas, como Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo e colhendo histórias e relatos pessoais sobre a vida das detentas, que Cissa transformava literatura em cidadania, usando as ferramentas artísticas, na ajuda para a superação de traumas, dores e experiências negativas, sempre em força coletiva e de vozes de sororidade e superação.

Em 2021, a frente do LibertArte, Cissa Lourenço idealiza a peça “Somos Todas Carolinas”, que concorre com mais de 3.000 trabalhos inscritos, e vence, ao edital ProAC – Teatro (Programa de Ação cultural) de financiamento à cultura, com uma proposta inovadora, a de idealizar, desenvolver e produzir toda a peça, junto com as mulheres detidas, na Penitenciária Feminina da Capital. Por uma série de fatores de organização, a ideia do projeto acabou sendo acolhida pelo Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico, Prof. André Teixeira, em de Franco da Rocha, na Região Metropolitana de São Paulo e desenvolvido no ano de 2023.

Este trabalho, além de sua produção cênica, foi principalmente uma experiência de protagonismo da teatralidade cidadã. O projeto ofereceu conhecimento técnico e profissionalizante a pessoas em situação de vulnerabilidade, especificamente às mulheres marginalizadas da sociedade. Por meio do teatro, o projeto promoveu uma cidadania transformadora, buscando mudar significativamente a maneira como essas mulheres encaram a vida. Mostrou-lhes que existem outras realidades possíveis além dos muros da prisão.

² A Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (CASA), entidade vinculada à Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania, tem a missão primordial de aplicar medidas socioeducativas de acordo com as diretrizes e normas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e no Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). A Fundação CASA presta assistência a jovens de 12 a 21 anos incompletos em todo o Estado de São Paulo, executando medidas socioeducativas de privação de liberdade (internação) e semiliberdade. As medidas — determinadas pelo Poder Judiciário — são aplicadas de acordo com o ato infracional e a idade dos adolescentes. (FUNDAÇÃO CASA) Disponível em: <https://fundacaocasa.sp.gov.br/index.php/funcoes-e-competencias/Acesso> em: 03 jan. 2024.

Encantado com essa proposta, convidei Cissa Lourenço para um bate-papo. O objetivo era permitir que a multiartista apresentasse mais detalhadamente esse completo trabalho comunitário e compartilhasse a experiência humana e empática que permeou o projeto. Isso possibilitou um olhar sensível, atento e solidário às necessidades dessas mulheres que, apesar de terem tão pouco, possuem muitas histórias de vida para contar.

Para começar, eu gostaria que, em suas palavras, você apresentasse o coletivo “Poetas do Tietê” e projeto “LibertArte”, que hospedam seu último trabalho e que será aqui retratado.

O coletivo tem 15 anos, mas o trabalho com pessoas em privação de Liberdade começou em 2015. Na verdade, somos um coletivo de poesia, mas eu também sou atriz, então as artes ficam todas meio misturadas. Em 2015, a gente³ começou um trabalho na Penitenciária Feminina da Capital (SP), que era um trabalho, eu diria, mais de literatura mesmo. A gente levava textos impressos e discutia esses textos com essas mulheres. A partir dessas conversas, nós dávamos desafios pra elas, como por exemplo: Ah, então você falou que você apanhou do seu marido, vamos falar sobre violência doméstica e feminicídio. Aí elas traziam as suas histórias ou as suas poesias, a gente discutia, a gente sempre tratava, como tudo, meio teatro oprimido mesmo.

Trabalhávamos com temas sociais, mas sempre tentamos dar um viés mais artístico, para não ser aquela coisa crua. Ficamos desde 2015 na feminina (penitenciária), onde começamos de maneira voluntária, mas depois ganhamos dois VAI (Programa de Valorização de iniciativas Culturais), que são editais da prefeitura de São Paulo, que possibilitaram o lançamento de dois livros com as mulheres em reclusão, sendo que o segundo VAI lá da PFC (Penitenciária Feminina da Capital), já foi na pandemia.

Na verdade, a gente começou o projeto com as mulheres e fomos juntando os textos, para no final pegarmos todos aquelas produções, sentarmos com as mulheres e selecionar quais textos a gente ia escolher para compor a obra. Só que antes de acontecer isso, entrou a pandemia e aí ficou bem complicado. Fizemos um caderno de acompanhamento, onde a gente punha um texto, fazia uma proposta de escrita, a partir disso, elas desenvolviam essa proposta no caderno, depois elas nos devolviam os cadernos para a leitura, e a partir dessa prática, conseguimos produzir os livros.

Nesses encontros com essas mulheres da PFC, nós fazíamos sarau no materno (ala materno-infantil), e eu tenho um texto da Carolina Maria de Jesus, que é um pedaço

³ Quando faz uso da locução pronominal com sentido de “nós”, a dramaturga faz menção aos membros voluntários integrantes do coletivo, que desenvolveram o projeto dentro da instituição.

do “Quarto de despejo” (Jesus, 1960), que eu faço meio interpretando mesmo, como se eu fosse a Carolina. Em um desses saraus, quando eu interpretei esse pedaço do texto e contei uma parte da história da Carolina Maria de Jesus, uma das mulheres que estava lá no materno, falou: “Ah, a história da Carolina parece a minha!” Aí que me veio a ideia, que eu fiquei matutando, de trabalhar com a peça.

Em 2021, tentamos um ProAC – Teatro (Programa de Ação Cultural) com esse projeto “Somos Todas Carolinas”, de fazer um espetáculo de teatral baseado na vida da Carolina Maria de Jesus e baseado na vida dessas mulheres reclusas. ProAC é concorrido. O ProAC – Teatro que eu fiz, acho que foram mais de 3.000 inscritos. Para falar a verdade, eu fiz porque eu achava que era um projeto do caramba, mas eu achava que era muito difícil conseguir, pois tinha muita concorrência e, apesar de eu ser atriz, concorria com coletivos de teatro que tem muitos anos aqui em São Paulo. Aqui em São Paulo tem uma vertente teatral, de teatro de grupo, muito forte, então, eu achei que não ia ganhar, mas ganhei! E foi bem legal, porque era um projeto que sem o edital não aconteceria.

Foi bem legal, pois metade da verba que a gente recebeu, ficou para as mulheres, então isso foi muito importante. Era um projeto que eles (administração penitenciária) falavam que era um projeto terapêutico, mas além de ser um projeto terapêutico, era um projeto que a gente queria que se chamasse profissionalizante, pois eu dizia: ó, vocês vão ter aula de voz, vão ter aula de corpo, vão ter aula de percussão, vão ter aulas de interpretação e vocês vão fazer um material, para também valorizar essas mulheres, porque no presídio feminino, a mulher é sempre muito abandonada. No presídio feminino psiquiátrico, é pior ainda. As mulheres não têm visita e conseqüentemente elas não têm *jumbo*⁴, então, tudo o que elas querem comprar de diferente, elas não têm dinheiro para comprar. Tem uma empresa que trabalha lá (oferecendo trabalho e remuneração), mas são poucas as detentas que trabalham, então, essa ajuda foi importante para elas, para valorizar o trabalho delas, tendo essa quantia para elas receberem.

Um tempo passou, na verdade era para fazermos na PFC, mas não deu certo. Mas eu acho que até foi bom! Eu sou uma pessoa um pouco pragmática, mas eu acho que foi meio o destino juntando tudo. Ser no hospital psiquiátrico foi muito forte para nós e para aquelas mulheres também.

Histórias de mulheres presas são normalmente muito terríveis. A gente tem um poema curto, que fala assim: “mulher na cadeia ou é treta com homem ou é filho com fome”,

⁴ O “jumbo” são os itens que os presos podem receber de seus familiares, como por exemplo alimentos, produtos de higiene pessoal, produtos de limpeza, roupas e cigarros. É chamado de “jumbo” por conta do tamanho das sacolas em que é carregado, que geralmente são muito grandes (Falivene, 2020).

e é muito isso. Dessas mulheres que estão agora nesse psiquiátrico, é assim, uma coisa incrível, mais da metade dessas mulheres foram abusadas. Elas têm um histórico de violência muito forte. Quando a gente fez o espetáculo, que começamos a conversar sobre essas histórias, eu nem quis entrar muito a fundo, porque eu fiquei com medo de ser um ambiente que eu não desse conta, sabe? Então, são todos esses temas envolvidos. É lógico que a gente tratou disso, mas não fomos muito a fundo em cada história, porque eu também penso, que eu não tenho preparo terapêutico para fazer isso.

E aí foi assim, aí a gente ganhou o edital, tiveram todas as negociações por meio de uma conversa com a direção, as mulheres foram voluntárias, e quem quis fazer entrou. A princípio, a gente não falou que ia ter uma ajuda de custo, para não aparecer só aquelas mulheres que estavam lá interessadas no dinheiro, o que eu também nem acho tão terrível, devido a situação delas.

Muitas delas falavam: “eu não sei o que é teatro, não sei o que é arte, nunca tive contato com isso”. Tem uma, que participou do projeto, e foi muito *punk*, nós dissemos a ela: “a gente vai fazer um livro, contar sua história”, ela era uma das que tinha muita dificuldade de escrever, e de falou: “mas a minha história é porrada ou droga. Eu vou falar só de porrada e droga?” E nós respondemos: “mas, nós vamos falar da sua história, dos seus planos”. Enfim, aí saiu um texto. Mas é muito difícil, porque a pessoa vai dizer que não tem o que contar, vai falar: “minhas histórias são de apanhar, depois eu fui para a rua e aí só droga, droga, droga”. Tem muitas que são dependentes químicas. Tem mulher que está presa por causa do crack. Muitas são presas traficando ou roubando, mas é tudo para poder tá alimentando o vício.

Parece que o desenrolar do projeto, foi uma ação de sensibilização e reintegração dessas mulheres, através de um olhar humanitário, e que a peça em si, foi o produto final. Como essas mulheres, que normalmente sofrem muito com a vida e tendem a ser reclusas, aceitaram participar dessa experiência?

Então, a gente começou bem *light*, bem teatro do oprimido. Começamos com um jogo, uma brincadeira, eu contei um pouco da história da Carolina e levei vídeos para elas. Da Carolina Maria de Jesus, tem uns vídeos que são até historinhas, tipo quadrinhos, com desenho, então, a gente começou assim, bem *light*. Sempre com uma brincadeira, uma mímica, mexer o corpo, mas de uma maneira que o jogo se desenvolvesse, para elas entrarem bem descontraídas, sem nenhum tipo de pressão.

A história da Carolina Maria de Jesus, para isso é muito boa, porque a Carolina foi isso, uma mulher negra, que era filha de escravizados, que teve uma infância onde ela apanhou

muito, por ser uma criança muito rebelde. Com todas essas histórias da Carolina, elas se identificavam, então ficou mais fácil. Quando eu falava: aconteceu isso com a Carolina! Ou então, eu perguntava: alguém morou em sítio, morou em fazenda? O que aconteceu com você? Olha, sua história parece com a história da Carolina! A Carolina também fugia porque apanhava do vô e da mãe! Foi sempre com essa associação o trabalho, e a Carolina de Jesus foi um caminho.

Carolina foi muito boa, ela é um exemplo de superação, de acreditar naquilo que ela que achava que era arte e ir atrás. Para elas (detentas), a Carolina era um exemplo.

A gente trazia textos, eu contava um pouco da história da Carolina, sempre juntando um pouco dessa coisa meio teórica, meio brincadeira e um pouco contando as histórias delas. O começo foi bem *light*, mas depois, nos últimos dois meses, aí era aquela coisa assim, ensaio e cena, ensaio e cena! Mas daí elas já tinham sido fígadas pela ideia.

Foi um período bem curto para a produção da peça, não?

Foram seis meses!

Eu até falo para elas, assim: meninas, eu faço parte de um grupo, que não é um grupo profissional, porque as pessoas acabam fazendo outras coisas, mas é um grupo de pessoas que trabalham com a arte e a gente não consegue montar o espetáculo em 6 meses.

Elas fazem tudo na peça. Elas mesmas cantam e fazem a percussão. Foi tudo muito rápido, até eu me surpreendo. Mas a gente teve uma *sacação* boa, a gente fez muito a partir dos textos delas. O que elas falavam, eram as próprias histórias, isso ajudou muito, pois tinha o se reconhecer, em cada texto.

Algumas tinham mais facilidade, então elas faziam a história da Carolina, interpretavam a Carolina, interpretavam a mãe da Carolina e os acontecimentos da vida da Carolina. Mas a maioria parte dos textos, eram elas contando as histórias delas, os próprios depoimentos. Isso ajudou muito no processo.

Eu percebo, na sua fala, o uso das técnicas do Boal⁵, como por exemplo o uso de jogos.

Reparei também, que haviam muitos elementos pós dramáticos no processo de criação.

Eu gostaria de saber de você, enquanto diretora, se essas escolhas foram premeditadas?

Eu acho que é um processo racional, mas também vai muito do que elas me respondem. Eu levava uma provocação, uma coisa que eu achava que iria funcionar, mas que eu também não sabia bem qual seria o resultado. A partir disso (desse resultado), é que eu fazia as escolhas. Eu acho que o diretor, pensando agora enquanto direção, tem que se

⁵ *Teatro do Oprimido: e outras poéticas artísticas* (Boal, 1983).

surpreender. Você tem que dar material, material, material e jogar para os atores, aí o que eles te devolvem, você vai lapidar. Eu tento partir disso, do que elas me dão. Eu tinha uma ideia de partida, de começo, digamos assim, mas eram muito poucas. Eu tinha a ideia do que eu queria usar, como por exemplo, quero falar da fome, quero trabalhar com percussão feita por elas, eu quero usar materiais delas. Eu sei, por exemplo, que elas têm uma caneca de uso diário, então eu sabia que eu ia querer essa caneca delas em cena, mas eu não sabia como, assim como o tema da fome. Eu também queria trabalhar com palavras. Como os poetas tem muito isso, de usar a literatura, eu queria buscar uma palavra que cada uma se identificasse. A partir de definida a palavra, eu pensava se ela iria ser colocada nas paredes, se elas iriam carregar, ou só mostrar essa palavra exposta. Queria articular com o que de fato, na vida delas, essa palavra se relacionava. Foi assim que o trabalho se desenvolveu. Eu tinha algumas ideias, mas o que elas foram me dando eu fui usando. As histórias mesmo, elas contaram suas histórias e eu fui dividindo em cenas, a partir dos relatos de identificação.

Havia meninas que queriam fazer cenas coletivas, mas não queriam executar de fato. Isso a gente respeitou, até o limite do possível. A ideia era a de não ser *café com leite*⁶. A ideia era, “você está aqui para trabalhar, vai ser importante pra você, vai ser um desafio”. Mas assim, dentro do limite de cada uma. Sempre trabalhando, também, com a extensão do limite, como por exemplo, se uma pode cinco, vamos tentar cinco e meio, se uma pode oito, tentaremos o oito e meio. Foi surpreendente.

Havia mulheres que escreviam muito e outras com vozes muito bonitas. Havia também, aquelas mulheres que tinham muita dificuldade, mas que depois de uma cena coletiva, eu sentava e conversava com elas, sobre o processo criativo, de como contar a própria história, ressaltando os detalhes importantes. Foi divertido! E a partir disso, elas se descobriam e caminhavam sozinhas. Foi muito surpreendente, porque é uma coisa que você até estuda na teoria, mas você sempre tem uma dúvida, se na prática, isso de extrair da pessoa, vai funcionar. Funcionou!

Além das várias surpresas, teve algum momento que te marcou?

Ah, teve uma menina que me surpreendeu. Quando nós começamos a introduzir a Carolina, nós trouxemos livros para elas, trouxemos textos e trouxemos o “Quarto de despejo” (Jesus, 1960). Conforme eu fui trabalhando os textos, ela foi escrevendo muito. Me dava até dó, porque daria para escrever um livro só de uma pessoa, só dela. E ela, uma

⁶ Gíria popular usada para designar neutralidade.

mulher negra, que já não é tão jovem, já está na terceira *tranca*⁷ dela, que já foi presa, saiu, voltou a usar drogas, roubou e voltou para dentro. Quer dizer, já tem um histórico lá dentro, realizando algo que as pessoas não esperam. Parecia uma pessoa tímida e que de repente começou a escrever muito, com capacidade de articular, de desenvolver as ideias, de ter uma visão crítica, até da sua própria vida. Ai a gente se pergunta: como uma pessoa dessa está presa, como uma pessoa dessa está na terceira *tranca*? E o mais curioso, é que ela dizia que nunca tinha feito arte ou teatro e que nunca escrevia. Como é que uma pessoa dessa nunca escreveu?

A verdade é que na cadeia tem muitas histórias *punks* e pesadas, mas também é engraçado como elas têm uma ironia peculiar e como elas brincam com a própria história. Teve uma menina, que fez uma música onde ela falava “Apesar da minha mãe bater na minha cabeça na parede, eu sinto falta, eu era feliz e não sabia.” É cruel e irônico de uma forma que eu não sei explicar.

Tiveram algumas histórias que eu não coloquei no espetáculo, porque eu não queria uma coisa sensacionalista. Tem coisas que a gente tem que saber, que é, o quanto você vai mostrar pra sensibilizar ou até onde você vai pra chocar e fazer essa coisa sensacionalista. Isso para mim sempre foi um ponto muito delicado, que eu sempre tive atenção. Dependendo da história, eu falava: não, eu não vou colocar, porque depois ela vai falar esse texto em cena e vai ficar aquela coisa de “oh!” (espanto). Eu não quero isso! Quero que as pessoas se sensibilizem, se emocionem, mas que não fique nessa coisa de mundo cão. Então isso também foi uma coisa marcante e que a gente foi descobrindo.

Tem também uma história relacionada a desemprego, que inclusive colocamos na peça, que me marcou também, onde uma das mulheres fala assim: “Ah, eu arrumei um emprego, aí a dona me contratou para trabalhar de segunda a sábado, mas eu achava que não precisava, então quando eu ia na segunda, eu não ia na terça, ou quando eu ia na terça, eu não ia quarta, aí a mulher foi me aguentando, me aguentando, me aguentando, uma hora ela não aguentou mais e me mandou embora! Mas mesmo assim, ela gosta de mim”. O jeito que ela falava, era surpreendente.

Tem outra também, que é de uma mulher obesa, com a cara sempre fechada, a gente brincava que ela tinha uma cara de má, daquelas pessoas que você olha e está sempre brava. E ela contava na história de infância, que também ficou no espetáculo, que quando ela era criança, ela viu uma propaganda de uma boneca Barbie ginasta e pediu para a mãe de presente. E o engraçado, é que quando ela contava a história, ela se transformava em

⁷ Tranca corresponde a cadeia (Correa, 2007).

uma garotinha. Aquela cara brava se desfazia e os olhinhos dela brilhavam, enquanto ela narrava o jeito de quela falava com a mãe. “Mãe, eu sempre fui uma filha boazinha!” E ela é uma mulher grande, com a cara amarrada, aí na peça, quando ela falava o texto, ela se transformava. Isso era muito legal! Muito surpreendente! No último encontro, ela falou que sempre reclamava muito nos ensaios, que não queria fazer, que quando eu chegava lá era um castigo para ela, porque ela tinha que se mexer e tudo doía. E que ela sabia que ela era um bicho preguiça mal-humorado. É legal ver que ela tinha essa visão de si, de saber que ela era uma pessoa difícil, mas que tentou aprender a gostar daquilo. Eu sempre ficava com isso na cabeça, do tipo: gente, que coisa louca, né? De se transformar e de parecer a menina que ela foi. Ela tem mais de 40 anos.

Na reportagem da Mariana Vilela (2023) sobre a peça, há uma passagem dizendo que metade das mulheres que estão reclusas, foram vítimas de abuso ou violentadas de alguma maneira. Diante da delicadeza do tema, você teve a sensibilidade de não expor essas mulheres. Em contra partida, eu imagino que havia alguma delas que quisesse contar essas histórias. Sendo assim, como foi o processo de triagem estabelecido, para selecionar quais relatos entrariam na peça e quais não entrariam?

Essas histórias apareciam meio que naturalmente. A gente estava falando de outro assunto, de algo que aconteceu com a Carolina, por exemplo, que apanhou, mas nunca foi violentada sexualmente na infância. Aí, uma detenta começava a contar que foi violentada pelo padrasto, depois a mãe separou dessa pessoa e se juntou com outra, e ela foi o violentada de novo. Nessa segunda vez, quando ela contou para a mãe, a mãe a colocou para fora de casa.

Na verdade, eu não quis falar de nenhuma história de violência, de estupro ou violência sexual. Como elas contaram várias histórias interessantes, principalmente muitas histórias da infância, e eu acho que o resgate de infância delas foi importante, pois foi o chão, foi a base, mesmo daquelas que foram para rua e que não tinham casa, mas é um momento da base. A partir disso eu penso que foi meio natural (a seleção).

Teve uma menina, que contou que quando ela ficou grávida, o namorado não queria o filho, queria que ela abortasse. O namorado foi bater nela, na intenção de que ela perdesse o bebê. Depois de ouvir isso eu cheguei nela e falei: olha, a gente vai contar sua infância, você quer que essa história esteja na peça? Ela mesmo achou melhor não colocar. E foi assim, da gente conversar e da gente sentir, porque no geral, as histórias de vida delas, já são histórias muito emocionantes. Eu tive amigos que assistiram à peça e se emocionaram, que choraram, sem nem precisar entrar nessas histórias mais delicadas.

Ainda na reportagem que eu mencionei anteriormente, há uma fala sua onde você diz que a peça era para ser uma crítica, mas que ela acabou se tornando uma peça emotiva. Sem perder o viés crítico, mas que acabou se tornando uma peça mais sensível. Como foi esse processo de adaptação e mudança?

Quando a gente estuda a história da Carolina, que viveu em outro século, ou seja, que já era uma mulher adulta em 1950, se você pensar em tantas coisas que aconteceram em 1950, similares às que estão acontecendo agora, como por exemplo, o ocorrido na favela do Canindé, que foi uma medida, também de um governo fascista, que resolveu tirar as pessoas pobres do centro e levar para a favela, mais ou menos como está acontecendo atualmente com a Cracolândia, são muitas histórias que não são coincidências, são parte de toda a nossa história colonial. Inicialmente eu queria mostrar mais isso, essas “coincidências” históricas e escrever um grito de revolta sobre isso. Mas, quando a gente chegou, eu achei que eu ia fazer a história da Carolina até o fim, onde ela fez sucesso e depois foi esquecida. Porém, quando me deparou com as histórias dessas mulheres, eu falei: não, a gente vai acabar com a Carolina no auge! Além da peça, nós fizemos um livro com essas mulheres, e assim como a Carolina, em seu grande lançamento do “Quarto de despejo” (Jesus, 1960), a gente terminaria a peça com uma tarde de autógrafos.

Com esse pensamento, eu fui para o lado dessa mensagem de superação, porque lá é um ambiente carregado e a verdade é que muitas mulheres lá não têm expectativa nenhuma. É muito cruel não ter família e não ter para onde ir, quando sair de lá. Muitas dessas mulheres são mães, que não tem para onde ir. Eu achei, que se a gente fosse bater de frente com essas realidades, seria muito cruel com elas. Eu acho que nessa escolha eu fui um pouco maternal.

A gente tem uma visão crítica, falamos dessas pessoas que moram na favela, fizemos uns cartazes com dados estatísticos, uma coisa bem Teatro do Oprimido (Boal, 1983). Fizemos cartazes com a quantidade de pessoas que moravam na favela antes e quantas moram agora, quantas famílias há, onde a chefe de família são mulheres e quantas mulheres tem filhos sozinhas. Mostramos tudo isso, mas ficamos tudo em um segundo momento, pois o mais importante do espetáculo, foi a perspectiva das mulheres.

É diferente você estar em um ambiente como aquele. Aqui, por mais difícil que seja, você está aqui fora, em liberdade. Você pode dizer para alguém: vamos batalhar, você tem a possibilidade de conseguir ajuda, na favela vai ter algum lugar para ocupação, e acabar motivando a pessoa. Lá, essas mulheres, às vezes, não têm essa expectativa. Elas estão em uma bolha e quando elas saem de lá, estão sozinhas. Então, eu achei muito complicado deixar essa mensagem tão crítica, do tipo, “a sociedade não tem jeito”.

Carolina, Maravilhosa como foi, só não acabou na rua, porque tinha uma casa, mas acabou esquecida. Eu acho que isso não iria agregar para essas mulheres naquele momento, apesar da gente ter tocado nisso na peça. Porque uma coisa é você falar, outra coisa é você dar ênfase e discutir. Eu achei que não estava no momento de refletir sobre o porquê que aconteceu determinado fato pra Carolina e como isso poderia ter sido diferente, tanto para Carolina, quanto para elas. Elas são sensíveis e estavam muito vulneráveis naquele momento.

O diretor do hospital psiquiátrico, em entrevista, disse que esses projetos, fazendo referência ao seu, são fundamentais para a humanização dessas mulheres. Quando refletimos sobre essa fala e a associamos às mulheres que estão à margem da margem social, porque além de serem presidiárias, elas estão em um hospital psiquiátrico, essa fala corrobora com o que você acabou de dizer, que são mulheres que estão sozinhas no mundo. Diante disso, você, enquanto diretora, estando entre o técnico e o socio humanitário, como viu ocorrer essa mencionada humanização?

Eu penso, que a humanização parte de enxergar essas pessoas como pessoas iguais a mim. Que como eu, tem muitos problemas, algumas delas até mais problemas do que eu, mas que são iguais a mim. Não enxergar essa pessoa como um ser menor, por conta dos acontecimentos. Se colocar no lugar dessa pessoa e refletir: Se tivesse acontecido tudo isso comigo, provavelmente eu estaria lá onde elas estão. O que aconteceu com elas não foi excepcional. Na verdade, é fruto do que a sociedade fez com elas. Uma mulher, que o pai era violento, que o pai era alcoólatra, que não tinha casa, que sofreu violência, eu sempre me coloquei no lugar dessas mulheres. E se isso tivesse acontecido comigo, provavelmente eu poderia estar na mesma situação.

É se colocar no lugar da pessoa, mas sem ficar chamando de coitadinha. Não é tadinha, mas vale a reflexão, o que aconteceu com elas precisa mudar. É preciso pensar, o que aconteceu com a gente, enquanto sociedade, para que chegássemos a esse ponto. Precisamos mudar toda uma estrutura comunitária, para que uma pessoa não chegue a essa situação.

Outro ponto bem marcante que eu sinto, por estar muito tempo dentro do presídio, é que o *crack* foi uma violência também. O *crack* destruiu essa estrutura das ruas, que sempre foi uma estrutura muito complicada. O consumo chegou ao ponto, das pessoas perderem a noção e o senso crítico, de não saberem o que está acontecendo com a própria vida. É muito cruel! Eu não sei como foi há 20 anos atrás, mas há 10 anos, que foi quando o *crack* começou e que é a droga que elas mais usam, têm outras ainda piores do que o *crack*, mas eu sinto que o *crack* desestabilizou tudo, a pessoa perde a noção do que é ser humano. Ela entra em um processo de autodestruição, de autossabotagem, de não ter mais forças para sair. É muito difícil.

Ainda pensando nessa questão socio humanitária e que futuramente essas mulheres serão reinseridas na sociedade, como elas percebiam que esse projeto abordava a cidadania? Enquanto teóricos, podemos supor o viés de cidadania que movimenta o projeto, mas, essas mulheres, como elas entendiam essa cidadania na prática?

Começava assim, eu falava para elas: mesmo que você não goste de teatro ele vai te ajudar, até foi uma das frases que eu mais usei e que tem tudo a ver com essa questão. Eu sempre usava o exemplo do emprego, onde eu dizia: Quando você for procurar emprego, de repente, você vai procurar um emprego que você não gosta, mas você precisa daquele emprego. Então, você tem que ter uma postura adequada pra falar, um jeito pra falar, para conquistar. Então eu sempre coloquei isso para elas, da importância de se conhecer, para quando estiverem lá fora, saberem o que responder e como reagir. Eu acho que foi isso, fazer as pessoas pensarem sobre sua situação, sobre o que elas querem e o que é possível, evidenciando como o teatro ajuda nessa transformação, nessa mudança de foco.

Uma delas deu um exemplo sobre mudança de postura, contando que quando ela ia no supermercado, o segurança já vinha atrás dela, mas que agora, quando ela for ao mercado, ela vai se empoderar e vai dar uma de Carolina. Vai perguntar para o segurança, porque agora ela sabe que pode falar, e vai dizer: “Você tá atrás de mim porque eu sou negra? Antes eu me intimidava, mas agora eu não vou mais me intimidar. Eu vou respirar (Cissa simulando o gesto) e vou falar”. Então teve isso, da pessoa se reconhecer e saber que tem poder de fala.

Eu sempre falei para elas, o teatro é vida! O teatro não vai te dar um emprego, mas vai te dar ferramentas para você conseguir um. Vai te dar meios para poder enfrentar às situações, vai te ensinar a parar e respirar, para conseguir raciocinar em uma situação, onde você estiver muito nervosa. O teatro ensinará que, em alguns momentos, você terá que ser um personagem, porque na vida da gente, muitas vezes somos personagens, então é preciso saber articular, ter conhecimento, saber um pouco da história do que você quer.” É claro, que umas com mais discernimento, outras com menos, mas isso eu acho que foi bem importante de vislumbrar. Uma delas até falou: “Agora eu vou conseguir falar, antes eu gaguejava, mas agora eu sei que se eu respirar, eu vou conseguir falar”. Isso se referindo à vida mesmo, na prática, não sendo só recreação, pois não era isso que a gente queria fazer. Eu gostaria que elas pudessem sair lá fora e viver de arte. Eu sei, que infelizmente, isso não é possível, mas eu sei também, que a arte vai ajuda-las nesse processo de reinserção.

Voltando o olhar à época da pandemia, quando aproximamos o trabalho desenvolvido na PFC, na época, e esse trabalho atual, no hospital psiquiátrico, houve algum marco

entre essas duas vivências, que esteja relacionado a readaptação do trabalho por conta das restrições impostas pela pandemia?

Nós damos entrevistas para muita gente da academia e eu sempre falo, nessas entrevistas, que a nossa pedagogia é a pedagogia do abraço. Isso porque tanto para os homens, quanto mulheres presas, as vezes o que falta é esse olhar humanitário. Então, a gente sempre teve essa coisa do abraço e do contato físico. Depois da pandemia, quando a gente voltou, a gente tinha um receio do contato, tanto elas, quanto nós, mas principalmente pensando nelas. Eu estou em contando com um monte de gente aqui fora, aí eu chego lá e levo o vírus para dentro e saio. Para elas, que estão fechadas, é muito mais complicado. Então, teve essa questão prática da restrição do contato físico, que foi difícil. Muitas vezes, a pessoa está contando uma história importante, se sensibiliza e chora. Normalmente, a gente sempre teve a iniciativa do acolhimento pelo abraço, para estar junto. Até mesmo no final de cada encontro, sempre tinha o abraço coletivo. Eu senti muito com essa mudança, achei muito ruim. Mas, por outro lado, eu acho que a gente aprendeu a olhar mais no olho do outro e tentar racionalizar aqueles momentos emotivos, no sentido de entender melhor o que acontece e o porquê acontece determinada situação, até para poder escolher melhor as palavras de apoio. De certa forma, isso serviu para desenvolver um outro lado, que talvez, antes da pandemia, a gente usasse de outros meios. Isso era muito físico pra gente.

Para mim, particularmente, também foi bom, porque eu me envolvo muito com a história dessas mulheres. Eu acabo querendo, como já fiz antes, me envolver com a história de vida dessas mulheres. Quando elas saem de lá, elas me ligam. Teve uma que saiu de lá e que voltou pra Cracolândia. Eu fui busca-la lá e a levei para a casa da avó. Eu me envolvi muito! Isso acabava se misturando com a minha vida e eu não consigo carregar isso, pois são muitas histórias. A pandemia me ajudou a ser racional e pensar: é um momento, eu vou ser uma porta pra ajudar elas, mas eu não posso carregar isso comigo. Eu não sou uma instituição, eu não consigo. Então, pessoalmente, para mim foi um momento para tentar não me envolver. Alias, é o se envolver, mas tentando manter o distanciamento. É lógico, tem hora que não tem jeito, a acolhida do abraço é necessária, mas também é importante racionalizar sobre essas adversidades da vida delas, sem pensar “foi o destino ou o acaso”. É racionalizar sobre o que aconteceu e tentar mudar o futuro, para não se repetir e não ser determinante na vida delas.

Cissa, tem alguma coisa que eu deixei de perguntar ou de apontar, que você gostaria de nos dizer?

Tem uma lição que eu aprendi e poderia deixar para quem quer trabalhar com arte, que é não vir com fórmulas prontas. Por mais que a gente se abasteça de informação e de teorias, além de sempre querer fazer alguma coisa nova, pensa em novos exercícios e um jogo diferente para fazer, é importante a flexibilização. Por exemplo, nesse grupo, havia mulheres bem racionais, mulheres bem conscientes, mas tinha mulheres onde o trabalho era mais desafiador, pois elas tinham mais limitações intelectuais. Aprender a se adaptar ao momento e não vir com fórmulas prontas, eu acho que foi fundamental para mim. Pensar que a as vezes um jogo (cênico) dá certo e outras vezes não. Você pode até chegar com ideia, mas é importante ser permeável e sentir se aquilo servirá para o momento. Respeitar a vontade das pessoas e o limite dos corpos. Um exercício físico é importante, mas as vezes, a pessoa está parada a tanto tempo, que não consegue desenvolver. Quem trabalha com arte social, tem que olhar para as pessoas com quem se está trabalhando e enxergar a necessidade delas naquele momento. Há vezes, que o que você consegue desenvolver é pouco, na perspectiva do trabalho a ser realizado, mas é o que as pessoas conseguem entregar, dependendo do que elas estão vivenciando naquele momento, é aquele primeiro passo fundamental. É preciso olhar e saber adaptar o seu olhar para atender às necessidades.

Sua bagagem profissional lhe permitiu ter essa sensibilidade e esse jogo de cintura, mas pensando no coletivo teatral que atuou com você, teve alguém que ainda não tivesse tamanha percepção e que acabou aprendendo mais do que as próprias mulheres de dentro, nessa troca de experiências?

Nós fomos em 4 pessoas, eu, o Paulo, que é meu companheiro e que organizou a dramaturgia, a Elide, que é do coletivo e a Sabrina, que basicamente cuidou de corpo e voz. Eu e a Sabrina discutimos muito pela questão da estética da proposta. Enquanto eu queria desenvolver os processos por meio de jogos e brincadeiras, cantos e musicalização, a Sabrina queria ser mais técnica, com aquecimentos de voz e corpo, por meio das técnicas adequadas. Eu acho que foi bom para as meninas terem essa noção técnica também. Acho que a gente acabou tendo um equilíbrio entre as visões e isso foi também um aprendizado. Houve também a preocupação para que os elementos cênicos não fossem elementos menores ou pobres, devido ao fato de ser um teatro cidadão. Eu fiz questão de usar objetos da vivência dessas mulheres, como por exemplo, a caneca, os tecidos, os cobertores e os chinelos usados, exatamente para que não denotasse uma coisa de improviso e convergisse o olhar para a força simbólica daqueles elementos. A ideia era que a peça poderia sair daquele espaço e ser apresentada pelo tema e não pelo exótico, de estar em uma instituição penitenciária.

Nota do entrevistador

Em uma conversa após a entrevista, a atriz e dramaturga Cissa Lourenço revelou um dado curioso e interessante sobre a ordem do processo criativo da peça, que pode ser relevante para os estudos literários e para o processo criativo teatral. Ela contou, que o texto da dramaturgia, só foi realizado antes da peça, no sentido de uma concepção física estruturada, por exigência da direção da instituição hospitalar penitenciária. Como requisito institucional, o órgão público só poderia autorizar a execução do projeto, se pudesse acompanhar a sequência logística e de execução do mesmo. A postura e a escolha criativa da diretora, inevitavelmente, se aproximam, tanto dos mencionados preceitos de Augusto Boal (1893), quanto das não mencionadas, porém perceptíveis, movimentações acerca do teatro pós-dramático de Hans-Thies Lehman (2007). Nesse sentido, destaca-se, entre outros elementos, que há uma descentralização do texto dramático, que passa a compor a performance como um elemento coadjuvante, quando não em segundo plano.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido: e outras poéticas artísticas*. Rio de Janeiro: CIV: Brasileira, 1983.

CORREA, Aldo. *Gírias criminosas*. 2007. Disponível em: <https://aldoadv.com/2007/04/01/curiosidades-gurias-criminosas/>. Acesso em: 11 jan. 2024

FALIVENE, Matheus. *Jumbo (cadeia, presídio, cdp, preso) – o que é? O que pode levar? Como entregar? Respondendo as principais dúvidas*. 2020. Disponível em: <https://www.faliveneadvogados.com.br/jumbo-cadeia-presidio-cdp-pres-o-que-e-o-que-pode-levar-como-entregar-respondendo-as-principais-duvidas/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

FUNDAÇÃO CASA. *Quem somos*. São Paulo, SP. Disponível em: <https://fundacaocasa.sp.gov.br/index.php/funcoes-e-competencias/>. Acesso em: 03 jan. 2024.

HTCP. Hospital de Custódia e Tratamento psiquiátrico “Prof. André Teixeira de Lima” de Franco da Rocha. Disponível em: <http://www.sap.sp.gov.br/cssp/hctp1-franco-da-rocha.html>. Acesso em: 07 abr. 2024.

JESUS, Carolina M. *Quarto de despejo*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1960.

LEHMANN, Hans-Thies. *Teatro Pós-Dramático*. Tradução de Pedro Süssekind. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

LIBERTARTE. Traçar feminismo, poesia e coragem. Disponível em: <http://poetasdotiete.blogspot.com>. Acesso em: 03 jan. 2024.

PERIFERIA LIVRE. *Cissa Lourenço*. Disponível em: <https://periferialivre.fea.usp.br/wp-content/uploads/2022/05/Cissa-Lourenco2-scaled-e1651937166746.jpg>. Acesso em: 07 abr. 2024.

PFC. Penitenciária Feminina da Capital. Disponível em: <https://memorialdaresistencia.org.br/lugares/penitenciaria-feminina-da-capital/>. Acesso em: 07 abr. 2024.

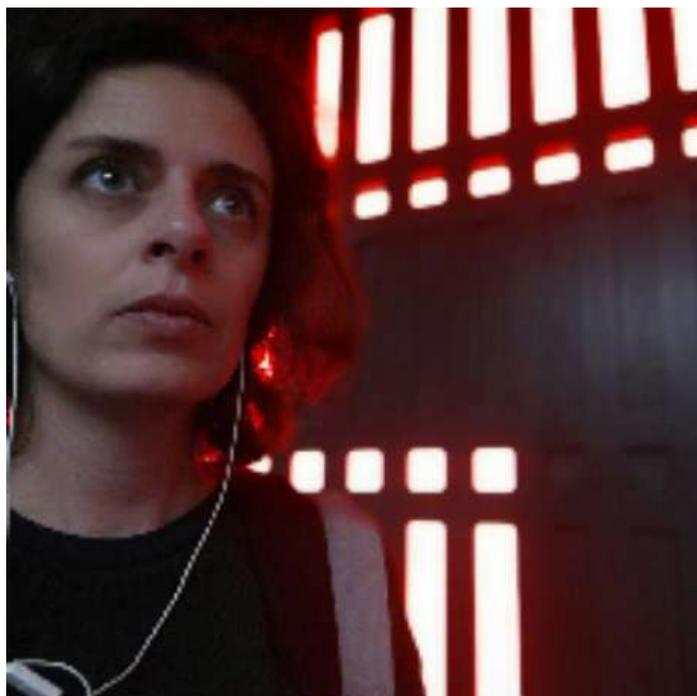
POETAS DO TIETÊ. Disponível em: <http://poetasdotiete.blogspot.com>. Acesso em: 03 jan. 2024.

VILELA, Mariana. *Coletivo leva arte para presídio feminino psiquiátrico em São Paulo*. ANF, 2023. Disponível em: <https://www.anf.org.br/coletivo-poetas-do-tiete-arte-para-dentro-dos-presidios/>. Acesso em 8 jan. 2024.

Diretrizes do ERRO: uma conversa com a cofundadora, dramaturga e *personatrimmer*, Luana Raiter, sobre a superação dos limites impostos ao teatro de ocupação

Por: Marcelo Rodrigues¹

Universidade Estadual do Oeste do Paraná



Luana Raiter. Fonte: antiarq.org

Em 2001, durante uma das greves da UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina), localizada na capital Florianópolis, nasce, com uma proposta singular de intervenção artística, pensada para o caótico cotidiano do espaço urbano, o coletivo teatral ERRO Grupo, formado por uma equipe de estudantes e amigos do curso de Artes Cênicas da referida universidade. Esse coletivo é um grupo de teatro de rua, ou melhor dizendo, um coletivo de intervenção urbana, que é conhecido por experimentar a arte como uma intercessão no dia a dia das pessoas, explorando a interdisciplinaridade de áreas de conhecimento. O grupo explora a integração das linguagens artísticas, a presença do ator no espaço público, a rua propriamente dita e a incorporação da arte na vida cotidiana, através da criação de situações.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (PPGL-UNIOESTE), Cascavel, Paraná, com pesquisas na linha de Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados. E-mail: mr.rodrigues.prof@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7358-898X>

Convidando o transeunte para protagonizar essa transformação, que questiona a paisagem habitual da via pública e o pensamento político que permeia a organização coletiva urbana, o ERRO ocupa ruas, praças, parque e outros lugares públicos, propondo diálogos que buscam modos alternativos de ação, para a modificação do caos cosmopolita, sempre aludidas pelo entrelugar das artes visuais e cênicas.

O ERRO continua ativo e inovado na integração da arte no espaço do oprimido (BOAL, 1983) e na expansão de sua atuação. Esta expansão é possibilitada pelos bem-sucedidos projetos, que são contemplados pelos editais de cultura, tanto nacionais quanto internacionais. Os colaboradores do ERRO, não apenas praticam a atuação teatral, mas também buscam, constantemente, o conhecimento, realizando pesquisas e buscando aperfeiçoamento acadêmico, com cursos de pós-graduação, como mestrados e doutorados. Esses esforços permitem e propiciam a expansão do diálogo multiartístico proposto pelo coletivo.

Além do aprimoramento pessoal de seus integrantes, o ERRO Grupo também realiza uma série de atividades voltadas para a capacitação formativa, atuando como uma proposta de arte transformadora do espaço em que está imersa. Essa forma de capacitar, inclui debates públicos, oficinas abertas ao público e oficinas de artes, gratuitas e acessíveis, o que pode ser compreendido como um aspecto mais profissionalizante, levando o grupo a uma ação transformadora, não só por meio da conscientização crítica contida em suas cenas, mas também, ensinando e mostrando os meios que possibilitam essa atuação e diálogo crítico.

Para falar mais dos desdobramentos artísticos e da trajetória percorrida pelo grupo, nesses vinte e três anos de atuação, propõe-se aqui, um bate papo com Luana Pfeifer Raiter, que além de atuar como *personatrimera*² no grupo, ela é cofundadora do coletivo e atualmente atua com a extensão do grupo em Barcelona, na Espanha, onde desenvolve suas pesquisas de doutorado da UDESC e que desfruta da conquista de uma bolsa CAPES-PDSE, para pesquisa na Universidade de Barcelona.

Nota do entrevistador

É importante destacar, com total concordância das partes envolvidas neste trabalho, que as informações e opiniões expressas por Luana Raiter, durante a entrevista,

² Termo concebido pelo entrevistador, para designar multiartistas, que por vezes integram a cena teatral exercendo vários papéis, como os de personagem, ator ou atriz e performer. O termo deriva da contração e junção destes substantivos mencionados.

representam somente a sua visão única e particular dos fatos. As respostas foram articuladas no momento da entrevista e, em nenhum momento, a artista usou suas palavras, pensamentos ou opiniões para representar as múltiplas vozes que compõem o coletivo ERRO Grupo. Esta nota tem como objetivo destacar esse fato.

Há quanto tempo o grupo de teatro está ativo e quais foram as principais produções realizadas ao longo de sua trajetória?

O ERRO Grupo foi fundado em 2001, em Florianópolis, e está ativo desde então. São 23 anos de jornada.

Sobre as principais produções, é bem difícil de explicar ou falar quais foram as principais, pois todas tiveram a sua importância no momento em que estávamos. Por exemplo, “Carga Viva”³ (2002), logo no início, foi bem importante no rompimento com um espaço cênico, no contato com o público, que obviamente depois cresceu bastante, mas naquela época, foi um marco para nós. Também temos o “Desvio” (2006), que é um trabalho, que eu particularmente gosto muito, e eu acho que foi um marco, porque foi um trabalho em que o público caminhava por diversas quadras do centro da cidade e os elementos urbanos jogavam um papel muito importante na construção da obra. Depois me ocorre de citar o “Enfim um líder” (2007), por exemplo, que em 2007 marcou muito grupo e acho que marca até hoje, porque foi um trabalho de três dias de duração, um trabalho que se diluía pela cidade inteira e se misturava com os meios de comunicação, com as formas de divulgação possíveis e brincando mesmo, com esse limite entre realidade e ficção. O “Hasard” (2012), que tinha um elemento de confronto, digamos, de embate com os próprios poderes da rua, também foi muito importante. Enfim, o “Jogo da guerra” (2018), posteriormente. Então, como você pode ver, é difícil situar exatamente as principais produções, porque, também, têm alguns trabalhos, como o “Palavras decifram charadas e movimentos fazem o dispositivo funcionar” (2005), que foi uma performance que apresentamos uma só vez, no festival de São José do Rio Preto e que na época foi uma das produções, que ao meu ver, marcaram muito a nossa pesquisa, em relação a ativação da participação do público. Como você pode ver, é um trabalho que não é muito falado e que muita gente não viu. Ou seja, foi apresentado uma única vez, com um público de mais ou menos 200 pessoas, mas que para mim, é uma das principais produções, então é difícil classificar.

³ Todas as obras do coletivo e que foram citadas pela entrevistada, podem ser encontradas e acessadas em: <http://www.errogrupo.com.br/v4/pt/category/obras/>.

Como é a dinâmica do grupo estar com integrantes em dois países simultaneamente?

As dinâmicas do grupo mudaram muito desde 2019, quando eu e Pedro viemos pra Barcelona⁴. Mas foram dinâmicas que já vinham em um processo de adaptação, de elaboração de estratégias e maneiras de manter o grupo ativo sob às políticas do governo Bolsonaro, do cerceamento da liberdade de expressão, e do espaço de voz dado à parcela neofascista, conservadora e intolerante da população. Assim que, entendo que as dinâmicas mudaram principalmente por conta disso, incrementadas, obviamente, pela pandemia do Covid-19. Claro que a separação física dos integrantes gerou outras maneiras de comunicação e criação, assim como aconteceu com tantos grupos de teatro mundo à fora. O distanciamento físico nos obrigou “espremer” as possibilidades digitais.

Como as políticas públicas influenciaram nas atividades do coletivo? Houve algum fato particular que auxiliou ou prejudicou o desenvolvimento do grupo?

Como um grupo de teatro de rua e com a intenção de sempre fazer uma arte pública, acessível e gratuita, nós, desde o início do grupo, estabelecemos que a nossa principal forma de financiamento, seriam os editais públicos. Por sorte, começamos o grupo em um momento bem fértil e com muitos incentivos, uma mudança histórica e inédita no país, de um governo que tinha a cultura como prioridade e como uma das preocupações em sua política. Assim que, com o governo Lula, a gente se beneficiou de diversos editais, que nos proporcionaram a possibilidade de sobreviver, de trabalhar exclusivamente com arte. Isso foi uma experiência, que eu acho que deveria ser normal, mas que foi bastante excepcional, dentro do contexto dos artistas brasileiros. Não é sempre, é muito raro, inclusive, grupos que conseguem se manter financeiramente, trabalhando exclusivamente com arte.

As mudanças políticas, no entanto, que aconteceram a partir do Golpe jurídico parlamentar ao Governo Dilma, tiveram uma influência brutal nas políticas públicas de financiamento à cultura, onde a gente sofreu bastante, mas também, e de uma maneira muito preocupante, que foi quando houve a mudança nas maneiras em que os cidadãos do bem, como são chamados, se sentiram à vontade para atropelar a liberdade de expressão, de anunciar os seus preconceitos e a sua forma de entender e de querer manter a convivialidade do espaço público, esse espaço que é regido por essa normalidade cívica, em que as regras de uso são bastante normativas, ficando muito explícito, de 2016 até o momento em que eu estive no Brasil. Inclusive, foi uma das razões, em que percebemos que estava

⁴ Luana Raiter e Pedro Bennaton, além de cofundadores do ERRO Grupo, são companheiros, que desde 2019 vivem na Espanha, atuando e desenvolvendo suas pesquisas de pós-graduação.

insustentável trabalhar na rua, entre 2017 e 2019, quando nos apresentamos pela última vez no espaço urbano local.

Eu digo isso, pois como você já deve ter visto, ou escutado, nas nossas entrevistas a sobre o “Jogo da Guerra”, por exemplo, houveram episódios de censura e de agressão física mesmo, aos nossos integrantes e ao nosso trabalho. Também no 24º debate público, em que apresentamos cercados por viaturas policiais e, na noite anterior e nos dias que antecederam a nossa apresentação, tivemos o posicionamento do nosso patrocinador na época, de que seria melhor nós não apresentarmos o trabalho, por medo de retaliações políticas.

Todo esse panorama, influenciou muito a nossa vinda pra para Espanha, minha e do Pedro, e acho que isso aconteceu, acho não, isso aconteceu, com diversos grupos do Brasil, dificultando a nossa atividade artística e a nossa livre expressão.

Há alguma teoria que suporte o trabalho do coletivo? A introdução dessa teoria foi intencional?

Como somos um grupo que tem uma produção consideravelmente vasta de artigos e livros publicados, essas referências podem ser acessadas nesse material⁵. Mas sim, acho que as teorias foram intencionais. Claro que tem um grau de casualidade em encontrar esse material, mas sempre o passamos por uma peneira de teorias que nos afetam, que nos tocam e que nos reverberam.

O coletivo trabalha com algum tipo de capacitação ou oficina direcionada ao público?

O ERRO grupo, desde 2003, estabeleceu como uma das prioridades, abrir o coletivo para outras pessoas terem contato com o que estávamos investigando e com o que estávamos pesquisando. Entre elas, as formas de intervir no espaço público, as maneiras que nós fazíamos nossos aquecimentos, a nossa criação de ações, a forma em que pensávamos o espaço e a cidade, em suas diversas camadas. Então, nós demos uma série de oficinas, que podem ser vistas no nosso *web site*⁶, abertas e gratuitas ao público, isso tanto em Florianópolis, quanto em diversos lugares do Brasil, como por exemplo, Fortaleza, Macapá, Recife, Salvador e Boa Vista. Enfim, nós demos uma oficina em Nova Iorque, demos oficina em Santiago do Chile, em Barcelona, em Paris e em Bucareste. Ou seja, realmente é algo que nos interessa muito, porque não só a gente consegue compartilhar o que vem aprendendo, o que vem pesquisando e o que vem nos movendo, mas também, a gente recebe esses olhares de outras pessoas e estabelece uma troca com essas pessoas.

⁵ Disponíveis neste endereço: <http://www.errogrupo.com.br/v4/pt/category/pesquisas/>.

⁶ Disponíveis nesse endereço: <http://www.errogrupo.com.br/v4/pt/category/oficinas/>.

Durante a pandemia, como o grupo de teatro manteve o contato com seu público? Foram desenvolvidas atividades ou projetos específicos, para manter o engajamento dos espectadores?

Como eu citei algo relacionado na segunda pergunta, ampliarei aqui a resposta. Mantivemos encontros periódicos *online* durante a pandemia, assim como fizemos o projeto “ERRO 20 anos”, através do #SCCulturaemSuaCasa⁷ da Fundação Catarinense de Cultura, que contou com os ensaios e apresentações ao vivo, via transmissão *online*, da performance “Exercícios para Dias de chuva: Um teste” (2020) e do um “Ciclo de Palestras em rede” (2020).

Em Barcelona, Pedro e eu, junto aos vizinhos da praça onde moramos, desenvolvemos a performance “*Balcons de Brossa*” (2020), entre outras coisas. Tivemos que encontrar formas de manter nosso trabalho ativo. Posteriormente, em setembro de 2020, conseguimos retomar os ensaios presenciais para a performance “*No hay citas disponibles*” (2020).

Em Florianópolis, Cudo, Sarah e Michel, só voltaram a ensaiar, de modo presencial, em abril de 2022 para a criação do trabalho “A segunda obra mais panfletária do mundo mundial ou PARALELOS PARA ÍMPETOS COLETIVOS SOBRE PARALELEPÍPEDOS EM ANO DE ELEIÇÃO” (2022).

Houve apoio financeiro do governo ou de outras fontes, para auxiliar o grupo nesse período?

Tivemos o apoio do edital #SCCulturaemSuaCasa, da Fundação Catarinense de Cultura do Governo do Estado de Santa Catarina e da ALESC⁸.

Como o grupo enxerga o futuro após a pandemia? Acredita-se que as mudanças impostas durante esse período serão mantidas ou criadas nas práticas futuras?

Sobre esse tema, sugiro a leitura do texto o que Pedro escreveu, “O teatro como respirador social: reflexões sobre as artes de presença na pandemia” (Bennaton, 2020).

⁷ “A Fundação Catarinense de Cultura (FCC) criou o edital de Credenciamento #SCCulturaemSuaCasa, que distribuirá R\$ 4 milhões para a realização de apresentações com transmissão on-line, bem como geração e disponibilização de produtos e serviços artísticos ou culturais exclusivamente no formato digital, veiculados através de mídias tradicionais ou Internet, por meio de sites, canais, plataformas ou redes sociais. As inscrições são gratuitas, devem ser realizadas exclusivamente pela plataforma desenvolvida para este fim (sculturaemsuacasa.idcult.com.br) e permanecerão abertas até o esgotamento total de recursos ou enquanto perdurar o estado de calamidade pública declarado pelo Governo do Estado para fins de enfrentamento à Covid-19.” (GOVERNO DE SANTA CATARINA, 2020)

⁸ Sigla da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina. Contudo, a entrevistada não detalhou como a instituição corroborou para os trabalhos.

Quais foram os planos do grupo para retomar as atividades presenciais após uma pandemia? Há projetos específicos em andamento ou planejados para o futuro que levem em consideração o aprendizado desse período?

No caso da retomada dos ensaios e dos projetos aqui em Barcelona, com a peça “*No hay citas disponibles*” (2020), nós tentamos utilizar as próprias medidas de segurança, que eram exigidas pelo governo da Espanha, como o uso de máscara, o distanciamento entre as pessoas e a higienização das mãos, à nosso favor, no sentido de que esses elementos passaram a fazer parte da própria dramaturgia, do trabalho, logo na primeira cena, onde o público é recebido e é indicado a esse mundo burocrático de separação e de distanciamento. Não só ao mundo burocrático, mas a essas normas de higiene e saúde pública, que começavam a fazer parte das nossas formas de nos relacionar e de estarmos em coletivo. Também, o fato de trabalharmos com o teatro de rua, facilitou muito isso, pois era o espaço mais seguro para se estar, um espaço ao ar livre.

Acho que o que permanece, talvez, dos projetos hoje, e dessa experiência toda da pandemia, seja justamente a potência do teatro, como um espaço de copresença, onde as casualidades, os afetos, a cumplicidade, são potencializadas pela copresença das pessoas. Então, nós já estávamos no caminho de frisar os nossos trabalhos, com a abertura ao imprevisto, a abertura ao momento de encontro, através de uma dramaturgia cada vez mais indicativa de ações e não exatamente de textos específicos ou cenas teatrais fechadas, e isso só aumentou. A gente começou a perceber, que o quanto mais aberto estivéssemos, a esse encontro com o público, às alterações que a copresença cria e possibilita, mais estaríamos aproveitando e fazendo uso de uma das joias do teatro.

Do ponto de vista de membro integrante, como você diria que o coletivo exerce a cidadania por meio da teatralidade?

A princípio, não trabalhamos com o conceito de cidadania, ou cidadão/cidadã, pois carrega em si a necessidade de uma disciplina e modo de convívio, diretamente conectado com as leis e formas de controle e contenção do Estado, assim como o conceito de espaço público, como bem explica o antropólogo Manuel Delgado (2011).

No entanto, se entendermos este conceito como aberturas para um diálogo entre as pessoas e uma ocupação diferenciada da rua, então nosso trabalho possibilita que essas condições sejam exercidas.

Luana, há algo que deixamos de lado, mas que na sua perspectiva seja importante e você queira acrescentar?

Ainda sobre dificuldades políticas de fazer nosso trabalho (desviando um pouco do foco que você propõe, dos limites impostos pela pandemia, e indo para os limites impostos pela política golpista no Brasil):

O Corpo e a rua são campos de guerra.

Se quiséssemos resumir as buscas do ERRO em uma frase talvez seria está acima.

Não apenas devido aos casos de censura e coerção que o grupo viveu, mas as buscas dos limites dos corpos nas ruas, seus conflitos e possibilidades.

Adicionando o jogo ao corpo e a guerra temos a equação de uma obra que também resume o trabalho do ERRO, pois sintetiza e amplia uma série de conceitos que o grupo trabalhou ao longo dessas duas décadas.

Jogo da Guerra

Um tríptico que estreou em 2018, fazendo temporada em Florianópolis, e apresentações em Recife, Itajaí e novamente Florianópolis no ano seguinte. Consideramos 2020 como uma pausa desta obra que de tão contextual e premonitória ainda deverá ser jogada quem sabe neste ou ano que vem.

Existem guerras que nunca acabam.

Este trabalho que acontece em três locais simultâneos, duas esquinas de uma rua e um espaço interior na metade dessa rua, portanto, um tríptico, inspirado no jogo homônimo de Guy Debord, talvez trate de uma guerra que esteja por vir, de uma guerra na qual nos encontramos agora, ou de um pós-guerra. Ou de “apenas” teatro.

Desta obra ainda se desdobrou em um vídeo, Ciranda das Viaturas, em homenagem aos atores da Polícia Militar-SC e da Guarda Municipal de Florianópolis, e um livro: “Dialéticas de uma intervenção urbana: antagonismos, ironias e fracassos”, editado pela Cultura e Barbárie.

Assunto para os próximos dias. Só restam dois para os 20 anos e, infelizmente, muitas obras ficarão de fora dessa ERROSPECTIVA. 20 e poucas obras em 20 e poucos dias antes de completar 20 anos

(ERRO GRUPO, Facebook, 2021)

REFERÊNCIAS

ANTIARQ FORTMATION. *Luana Raiter, perfil*. Disponível em: <https://www.antiarq.org/miembros/luana-raiter/>. Acesso em: 07 abr. 2024.

BENNATON, Pedro. O teatro como respirador social: reflexões sobre arte presencial na pandemia. *Portal Descato.info*. 02 de maio de 2020. Disponível em: <http://desacato.info/o-teatro-como-respirador-social-reflexoes-sobre-arte-presencial-na-pandemia/>. Acesso em: 11 jan. 2024.

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido: e outras poéticas artísticas*. Rio de Janeiro: CIV: Brasileira, 1983.

DELGADO, Manuel. *El espacio público como ideologia*. Madri: La Catarata, 2011.

ERRO GRUPO. *A segunda obra mais panfletária do mundo mundial ou PARALELOS PARA ÍMPETOS COLETIVOS SOBRE PARALELEPÍPEDOS EM ANO DE ELEIÇÃO*. X (twitter). 2022. Disponível em: <https://twitter.com/ERROGrupo/status/1515816513114193924>. Acesso em: 10 jan. 2024.

ERRO GRUPO. *Balcons de Brossa*. ERRO grupo. 2020. Disponível em: <http://www.errogrupo.com.br/v4/pt/2021/04/20/balconsdebrossa/>. Acesso em 10 jan. 2024.

ERRO GRUPO. *Carga Viva*. ERRO Grupo. Florianópolis, 2002. Disponível em: <http://www.errogrupo.com.br/v4/pt/2011/10/04/carga-viva-mde/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

ERRO GRUPO. *Ciclo de palestras em rede*. ERRO grupo. 2020. Disponível em: <http://www.errogrupo.com.br/v4/pt/2020/10/20/erro-20-anos-2/>. Acesso em 10 jan. 2024.

ERRO GRUPO. *Desvio*. ERRO Grupo. Florianópolis, 2011. Disponível em: <http://www.errogrupo.com.br/v4/pt/2011/06/13/desvio/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

ERRO GRUPO. *Enfim um líder*. ERRO Grupo. Florianópolis, 2011. Disponível em: <http://www.errogrupo.com.br/v4/pt/2011/12/02/enfim-um-lider-florianopolis/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

ERRO GRUPO. *Exercícios para dias de chuva: Um teste*. ERRO grupo. 2020. Disponível em: <http://www.errogrupo.com.br/v4/pt/2020/10/20/erro-20-anos-2/>. Acesso em 10 jan. 2024.

ERRO GRUPO. *Hasard*. ERRO Grupo. Florianópolis, 2012. Disponível em: <http://www.errogrupo.com.br/v4/pt/2012/12/22/hasard-video/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

ERRO GRUPO. *Jogo da Guerra*. ERRO Grupo. Florianópolis, 2020. Disponível em: <http://www.errogrupo.com.br/v4/pt/2020/06/16/livro-jogo-da-guerra/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

ERRO GRUPO. *No hay citas disponibles*. ERRO grupo. 2020. Disponível em: <http://www.errogrupo.com.br/v4/pt/2020/12/11/no-hay-citas/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

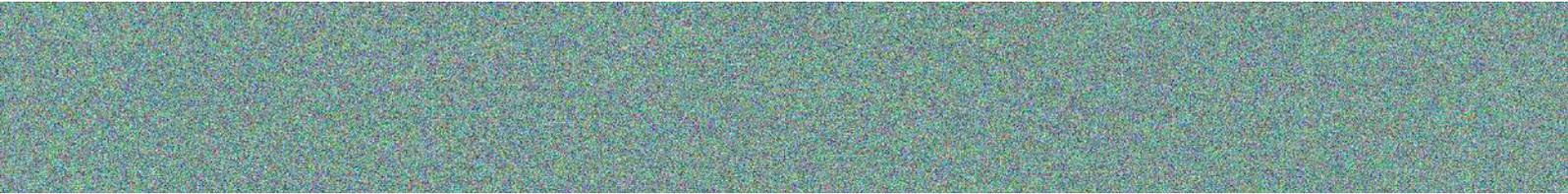
ERRO GRUPO. *Obras*. ERRO grupo. 2024. Disponível em: <http://www.errogrupo.com.br/v4/pt/category/obras/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

ERRO GRUPO. O corpo e a rua são campos de guerra. *Kriegsspiel Open*, 11mar., 2021. Face book. Disponível em: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid0A2Du6cgwK3XCmVCJoDCYmVUxy5Ecgb8kgat1Gkh6U2m37YqfSpLk2fCfH9DyfiJNl&id=170468266337981. Acesso em: 10 jan. 2024.

ERRO GRUPO. *Palavras decifram charadas e movimentos fazem dispositivo funcionar*. Youtube. 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=z9sXn9lkOio>. Acesso em: 10 jan. 2024.

FCC-GOVERNO DE SANTA CATARINA. *Cultura na pandemia: confira as atividades virtuais oferecidas pela FCC*. 2020. Disponível em: <https://cultura.sc.gov.br/noticias/22733-oferecidas-pela-fcc>. Acesso em 15 jan. 2024.

TEXTOS CRIATIVOS



Vó Cambinda

Natália Scalvenzi¹

Quando uma das cambones anunciou que já era hora de “as senhoras” fazerem fila para o passe, Gabriel tocou o joelho direito da mãe.

— Tira os sapatos — instruiu ele, baixinho.

Bárbara obedeceu. Era a primeira vez dela no terreiro de Umbanda que o filho começara a frequentar há alguns meses. Ela colocou-se de pé e posicionou-se na fila única, do lado de fora da roda, enquanto as demais mulheres da assistência dirigiam-se cautelosamente até ali. Gabriel permaneceu sentado na primeira fileira de cadeiras de plástico.

A jovem cambone guiava cada uma das mulheres até um dos pretos velhos sentados em seus banquinhos brancos de madeira, e elas, em seguida, ajoelhavam-se diante deles para receberem o passe. Quando chegou a vez de Bárbara de ser direcionada a um dos pretos velhos, a cambone colocou-a diante de um homem que aparentava ter não muitos anos a mais do que Gabriel. Talvez tivesse seus trinta.

Bárbara estava nervosa. Notou, ao ajoelhar-se, que seus joelhos tremiam um pouco. Não sabia direito como se comportar, se deveria dizer alguma coisa, um *boa noite*, talvez. Ficou quieta. Olhou para a mulher que estava ao seu lado direito, ajoelhada também, com as mãos sobre os joelhos da preta velha que lhe dava o passe, palmas voltadas para cima.

— Que o Grande Pai lhe abençoe, minha *fia* — a voz muito mansa do homem à frente de Bárbara chamou a atenção dela.

O polegar, o indicador e o dedo médio da mão direita dele estavam erguidos e ele desenhou uma cruzinha no ar, a alguns centímetros de distância da testa de Bárbara, que relaxou significativamente. Não era o primeiro símbolo cristão que ela notava naquele terreiro. Primeiro, eles haviam rezado o Pai Nosso — ela *nunca* imaginara ouvir tal oração em um lugar como aquele, mas, logo depois do breve choque, ela rezara junto, de cabeça baixa, olhos fechados e com a mesma reverência de sempre. Em seguida, viera aquele ponto cheio de referências a santos católicos:

¹ Bacharelado em Letras: Tradução pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tradutora de inglês e espanhol. E-mail: nataliascalvenzi@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0363-938X>

Santo Antônio que é de ouro fino
Suspende a bandeira que vamos trabalhar
Com a chave de São Pedro
Vamo' abrir nossos trabalhos
Salve o povo de Aruanda
São Jorge é o nosso protetor
Agradecemos' a Santo Antônio
E à nossa Mãe do Rosário
Com a chave de São Pedro
Vamo' abrir nossos trabalhos

Isso tudo sem falar nas imagens de santos católicos — Jesus Cristo, Nossa Senhora Aparecida, São Jorge, São Sebastião — que eram, junto com as imagens dos orixás e das demais entidades cultuadas ali, exibidas naquele altar que tinha o formato da Estrela de Davi, estrela essa que Bárbara levava junto ao coração, em uma correntinha prateada que adorava, naquele exato momento; presente que sua mãe lhe dera no dia em que fora crismada.

Essa mistura, resultado de centenas de anos de sincretismo religioso, fazia com que Bárbara se sentisse não tão longe de casa.

— Amém — disse ela, de cabeça baixa novamente, em resposta ao pedido de bênção.

Ainda que orasse regularmente, fazia bastante tempo que ela não entrava em uma igreja — culpava a falta de tempo por isso. E fazia um tempo maior ainda que ela não se ajoelhava em total reverência diante do divino. Estava feliz por poder estar fazendo isso agora.

Com as pontas dos dedos das duas mãos, o homem tocou-lhe ambos os lados da cabeça e logo afastou suas mãos dela, estalando os dedos. Repetiu os movimentos três vezes, calmamente. Passou ao colo dela e, de novo, os movimentos foram realizados de dentro para fora, terminando em mais alguns estalos de dedos. Bárbara tentou imaginar o que significava tudo aquilo. A expulsão dos pensamentos ruins de sua mente e das angústias de seu coração, provavelmente. Sorriu, sentindo-se mais leve de fato.

Em seguida, o homem deslizou as mãos pelos braços dela e, quando chegou aos pulsos, mais um par de estalos de dedos. Repetiu esse movimento uma segunda vez e, então, pegou com cuidado a mão direita de Bárbara, colocando-a sobre seu joelho esquerdo. Abaixou-se e recolheu um raminho de arruda que repousava ao seu lado

esquerdo no chão, junto a uma caneca esmaltada branca de café. Ele fez a planta cheirosa deslizar pelo interior do braço de Bárbara, do ombro até a palma. Logo, levou o raminho até sua testa; depois, até o centro do peito dela e, por último, até os ombros. Mais um sinal da cruz. Bárbara sorriu largo, com o coração cheio de ternura, e, por puro instinto, posicionou ela mesma sua mão esquerda no joelho do homem, palma voltada para cima, para que ele pudesse repetir o movimento anterior. Depois de fazê-lo, ele abaixou-se novamente e pegou um cachimbo que estava ao seu lado direito. Soprou a fumaça de cada lado da cintura dela. *Eles acreditam que a fumaça do tabaco espanta os maus espíritos e as energias negativas*, Gabriel lhe explicara.

— Pode virar, *fia* — instruiu-lhe o homem com aquela voz incrivelmente mansa.

Era um tom de doçura que Bárbara jamais ouvira homem nenhum alcançar. Obedeceu, ficando de costas para ele, e seus olhos prenderam-se novamente na mulher ao seu lado, que estava na mesma posição que ela agora, com os olhos fechados, certamente mentalizando coisas boas. Bárbara fechou seus olhos também, enquanto o homem tocava-lhe as costas naqueles mesmos pequenos movimentos que iam de cima para baixo, de dentro para fora e terminavam em mais estalos de dedos.

Depois de soprar a fumaça do cachimbo no centro das costas de Bárbara e de usar novamente o raminho de arruda para desenhar uma cruz nela — desta vez, começando pela parte de trás de sua cabeça, indo até o centro de suas costas e terminando em suas omoplatas —, o outro tocou-lhe delicadamente os ombros e ela entendeu que deveria virar-se de novo. Outra vez de frente para ela, o homem fez as pontas dos dedos deslizarem novamente pelo interior de seu braço direito, pegando a mão dela em seguida e desenhando uma cruz com a lateral de sua outra mão na palma dela. Os olhos de Bárbara encheram-se d'água. Tanto simbolismo! Ele pôs a palma sobre a dela e a mulher sentiu como a mão dele vibrava. Ele fechou a mão dela e fez seu braço cruzar o peito até a mão fechada tocar o ombro esquerdo. Repetiu o processo com o braço esquerdo, fazendo-o ficar sobre o direito em um último sinal da cruz. Então, puxou-a carinhosamente para um abraço.

— Que o Grande Pai e todos os orixá' lhe protejam pela frente e pelas costas'.

Devido à incorporação, ele falava de um jeitinho que fazia o coração de Bárbara transbordar de ternura. Além de comer os *Ss* do final da maioria das palavras, seus *Rs* eram tão sutis que praticamente não existiam. *Gande, potejam, fente*.

— Amém — ela repetiu, sorrindo largo outra vez.

Ao invés de ficar de pé novamente após o delicado romper do abraço, como fez a mulher ao seu lado, Bárbara permaneceu onde estava. Não pôde segurar a curiosidade. Foi baixando os braços devagarinho e aproximou-se do ouvido do homem, para ter certeza

de que seria compreendida, ainda que os tambores e as vozes dos ogãs soassem de forma mais branda agora, justamente para facilitar o diálogo entre entidade e assistente.

Ecoou um canto forte na senzala

Ecoou um canto forte na senzala

Negro canta, negro dança

Liberdade fez valer

Não existe sofrimento,

Não existe mais chibata

Só existe a esperança

De um novo amanhecer

Era o que se escutava.

— Eu posso lhe fazer uma pergunta?

— Pode, *fia*. A *véia* só espera poder responder com a sabedoria que *suncê* precisa.

Bárbara ficou sem palavras por alguns segundos. Era o espírito de uma mulher. Olhou para baixo e finalmente notou que o homem tinha uma toalha branca sobre a calça de algodão, também branca, que lhe cobria das coxas até os joelhos. Representava uma saia. Os olhos de Bárbara voltaram a encher-se d'água. Ela, então, tomou coragem e fez à entidade a pergunta que lhe queria fazer, mudando apenas o gênero das duas últimas palavras.

— Qual é o nome da senhora?

— Eu me chamo Cambinda, *fia*. Mas os *fio* me chamam de *Vó Cambinda*. Ou só *Vó*. Eu gosto mais assim.

Bárbara sorria de orelha a orelha, com os olhos brilhantes de lágrimas. A maciez daquela voz fazia sentido agora. Contra toda lógica, tudo fazia sentido. Ela não conseguia mais “desver” que, dentro daquele jovem branco e corpulento, havia momentaneamente o espírito de uma senhora negra que fora escravizada nos tempos do Brasil colonial e que, agora, apertava os olhinhos para tentar vê-la melhor.

— É a primeira vez que *suncê* vem pras banda' de cá, né? — foi a vez de Cambinda de indagar — A *véia* não tá *alemrada* de *suncê*.

Bárbara não conseguia parar de sorrir. Aquele linguajar antigo, simples...! Era tudo de uma ternura infinita.

— É a minha primeira vez aqui, sim. Eu vim conhecer. Sou católica de berço, tanto que nem eu, nem a minha cria conseguimos escapar dos nomes católicos. Mas tá me fazendo muito bem estar aqui. Eu tenho trabalhado muito e tava me sentindo distante da minha fé. E aqui existem mais semelhanças com a minha fé do que eu imaginava.

— Conhecer é bom, né, *fia*? Destranca as corrente' da mente. E esse é o pior tipo de corrente.

Bárbara calou-se novamente, sentindo o peito apertar. Era uma analogia clara à escravidão e aplicável a *todos* os contextos imagináveis, não só ao religioso.

— Mas *suncês trabaíam* demais aqui na Terra, *fia* — Cambinda emendou, com uma óbvia leveza na voz. Bárbara riu. — *Suncês* não têm tempo pra mai' nada. Depois, a cabeça e o coração adoecem e *suncês* não sabem por quê. Tem que *trabaiá* menos, viu? Eu nem falo de ter tempo pra ir na igreja ou no terreiro. Porque Deus e os orixá' 'tão dentro do coração dos *fio*. Mas *suncês* têm que aproveitar mais a companhia dos irmão' porque a vida passa muito rápido.

Bárbara fechou os olhos, arrepiando-se e sentindo que aquele conselho certo era *só* para ela e não para a humanidade inteira, que era workaholic num geral.

— Passa rápido mesmo, né, Vó? — concordou com a voz mansa e melancólica.

— É, *fia*. E *suncê* faz o quê? *Suncê* deu liberdade pra *véia* perguntar. Agora, a *véia* vai perguntar.

A mulher deu outra risadinha.

— Pode perguntar, Vó. Eu sou advogada.

A preta velha deu um par de tragadas no cachimbo.

— Ah, é importante!

— Como todo o bom trabalho.

— Mas *suncê* não veio acusar os *nego véio* de nada, não, né?

Desta vez, Bárbara não conseguiu prender a gargalhada gostosa.

— Não vim acusar ninguém, não, senhora. Eu vim acompanhar a minha filha. O meu filho — corrigiu-se, fechando os olhos com força devido à dor e à vergonha que cresciam mais a cada vez que ela errava os pronomes ou alguma palavra generificada. — Desculpa.

Ela esperava que esse pedido de desculpas chegasse ao coração de Gabriel. Não era por querer. Nunca era.

— Quem é o seu menino? — quis saber Cambinda, ignorando totalmente a última palavra de Bárbara.

— Aquele ali — ela apontou para o jovem sentado na primeira fileira de cadeiras. Ele devolveu-lhe o olhar, sorrindo um meio sorriso confuso. — É Gabriel o nome dele. O meu anjo.

— Ah, dele a *véia* se *alembra*! Muito formoso e muito alumiado! Ê, ê!

Bárbara sorriu de orelha a orelha de novo, emocionada e aliviada. Vários outros pretos velhos faziam aquele sonzinho de vez em quando também. Era uma exclamação bonita, melódica, da qual irradiava energia.

— Muito, muito, muito! E agora eu entendo por que ele quis tanto que eu viesse conhecer a casa. Ele é igual a senhora no corpo desse moço, sabe? O que a gente vê por fora não encaixa com o que tem por dentro.

— E não é só isso que importa, *fia*? O que tem por dentro?

A garganta de Bárbara secou devido à falta de palavras. Era um conselho tão simples, tão fácil de entender, tão transparente! Não dava margem para erro. E suas lágrimas finalmente transbordaram. Ela abafou um pequeno soluço com as costas da mão direita.

— É, sim, senhora. Protege ele pra mim? Ele tá passando por um momento... novo pra todos nós. E eu tenho tanto medo que ele sofra! Tanto medo!

A preta velha estendeu-lhe as mãos. Sentada sobre as próprias panturrilhas, completamente vulnerável e entregue ao momento, Bárbara deu suas mãos a ela.

— E de sofrer por uma coisa que ainda nem aconteceu e que *suncê* nem sabe se vai acontecer... *suncê* não tem medo, não, *fia*?

Com o rosto molhado, Bárbara sorriu.

— A senhora gosta de me deixar sem palavras, né?

Cambinda deu uma risadinha.

— Escuta a *véia*. O seu menino tem o auxílio dos vento' de Iansã e do machado de Xangô. Significa que é os inimigo' que têm medo dele. Mas a *véia* já teve os *fio* de sangue dela e sabe que mãe se preocupa o tempo todo. Então, a *véia* promete que vai cuidar da saúde do corpo e da mente dele. Tá certo, *fia*? Não carece de ter medo, não. Porque quem protege *suncês* não dorme.

Bárbara voltou a apoiar-se nos joelhos e jogou carinhosamente os braços ao redor da preta velha. Sentia um alívio inexplicável.

— Amém, Vó. 'Brigada — quis corrigir-se assim que deixou de abraçá-la, secando os rastros de suas lágrimas. — Ah, não se fala *amém* aqui. É *axé*, né?

— Se fala *amém*, sim, *fia*. Claro que se fala. Uma palavra não exclui a outra. São duas coisa' diferente'. *Amém* quer dizer “que assim seja, que assim queira o Grande Pai”.

Não foi isso que *suncê* aprendeu lá nos católico’?

— Foi, sim, senhora.

— Então? Não é a mesma coisa que *axé*. Tem pessoa que quer ser gentil e fala “Amém pra quem é de amém e axé pra quem é de axé”, como se, quem dissesse uma palavra, não pudesse dizer a outra. Ma’ é conversa, viu? *Axé* significa energia boa. Vitalidade. Se *suncê* deseja axé pra um irmão, é a mesma coisa que dizer “Força, irmão. Saúde. Tudo de bom”. Então, pode falar as duas palavra’, sim. Fez entendedor, *fia*?

Bárbara estava fascinada com semelhante aula de Linguística, mas não entendeu a última pergunta. Franziu as sobrancelhas.

— Como?

— Se *suncê* entendeu — Cambinda esclareceu docemente.

— Ah! — Bárbara soltou um risinho encabulado — Entendi, sim, senhora. Muito obrigada.

— Então, que a sua jornada seja repleta de axé.

As duas deram-se um terceiro e último abraço.

— Amém — Bárbara respondeu, orgulhosa agora que sabia que as duas palavrinhas se complementavam.

Em seguida, ela finalmente levantou-se e, por orientação da cambone, saiu de dentro da roda pelo lado oposto ao que havia entrado. Caminhou até o seu lugar ao lado de Gabriel enquanto terminava de secar os rastros de suas lágrimas.

— Nossa, mas tava boa a sessão de terapia, hein?! — ele comentou enquanto sua mãe sentava-se.

Bárbara riu.

— Tava ótima!

— Ela jogou tantas verdades na sua cara assim pra te fez chorar?!

— Foi basicamente isso.

— Engraçado. Geralmente, os que jogam a verdade na nossa cara, doa a quem doer, são os exús. Os pretos velhos são tão doces!

Bárbara começou a calçar os sapatos outra vez.

— Foi justamente essa doçura que me encantou.

— E ‘cês fofocaram sobre o quê? Teve uma hora que ‘cê apontou pra mim.

A mulher ajeitou a postura e olhou o filho nos olhos.

— Ah! Ela disse que você é muito formoso, muito alumiado e que eu não preciso me preocupar com você porque são os seus inimigos que têm medo de você — concluiu

dando-lhe vários beijos na bochecha enquanto bagunçava carinhosamente o cabelo curtinho dele. Cada beijo estalado dizia um *eu te amo*.

O jovem deu risada e, logo, já de pés descalços, levantou-se porque a cambone chamou “os senhores” para o passe.

Leque

Jeraldi Hiroki¹

Me segure com força e me abra num rompante. Não que minha presença deixe de representar certos ares de delicadeza e requinte.

Elas dizem:

— Arrasa.

Como num gesto relâmpago, preencho os ares com minhas asas de plumas. Um estouro. O poc-poc dos tamancos. Esvoaçando cabelos coloridos, cores graves em finos fios de plástico. Tudo brilha por onde o sopro queima.

Elas dizem:

— Fala na minha cara! Na minha cara, queridaaaaa!

Enquanto corto o espaço por diante de seus rostos carregados. A expressão está desenhada, camada por camada, como os primeiros hieróglifos em blocos de argila na antiga tradição babilônica, contorno por entre as cinco cabeças da deusa Tiamat, que em chamas atravessa os tempos e sou eu quem acende suas brasas e espalha a grossa atmosfera da quente e úmida neblina nas baladas e festas de toda história.

Em suas mãos eu sou mistério: páginas, asas e pernas abertas.

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT-UFSC). Graduado em Ciências Biológicas (UFFS). Acadêmico do curso de Licenciatura em Teatro (UDESC). E-mail: jerardhiroki@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6419-3591>



Olhos em leque. Jeraldi Hiroki.

“E foi assim que o mundo deu certo”

Alice Soldan Rezende¹

Ilha do Desterro, 13 de maio de 2024.

Foi a partir de uma pequena cidade no interior do estado brasileiro de Santa Catarina, chamada Jaraguá do Sul, que o mundo deu certo.

No 20 de novembro do ano passado, no centro de Jaraguá do Sul, um grupo de batuqueiras e batuqueiros andava pela esquina em frente ao Banco do Brasil, tocando com seus instrumentos estrangeiros, entoando loas de lugares distantes, da África e do Recife.

Os nobres passantes, que não compreendiam a proximidade entre os três lugares (África, Recife e Jaraguá do Sul), estremeceram ao ouvir o som dos tambores. Eles temiam o que ouviam, fechavam as orelhas.

E foi então que o inexplicável aconteceu. Daí se espalhou a centelha, pois o estremecimento passou aos seus corações, que ficaram batucando no ritmo dos tambores.

Seus órgãos vitais, perceberam os cidadãos, eram uma coisa só com os atabaques, gonguês e mineiros, seus pensamentos se misturavam àquelas canções de territórios estrangeiros, às vozes que ecoavam Exú e Iemanjá. Era algo mágico, visceral... seus braços se arrepiaram, sua respiração se acelerou como numa boa noite de amor.

E como muitos deles estavam precisando daquilo, infelizes em suas aventuras de desamor, se deixaram levar pelo som do batuque, que agora não lhes era mais estranho... apenas, estranhamente familiar.



*Coração de um batuqueiro, batuqueira,
batuqueire... batucando... batuque...
batuque... batuque...*

Imagem: Marcos (2024)

¹ Email: alice.soldan@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3504-6781>

E foi assim que o batuque se espalhou, arrastando pessoas as mais diferentes. Shorts brancos, azuis, coloridos... saias rodadas, ternos, vestidos, e calças jeans. Todas as cores se encontravam naquela multidão. Eram homens, mulheres, crianças e adultos, senhoras e senhores, binários ou não. O coração de todes era um só.

Acontece que Jaraguá é conhecida por seus eventos internacionais de música, onde cidadãos aproveitam, uma vez por ano, as delícias do jazz e do blues americano. Um desses eventos ocorreu no 20 de novembro de 2023, e nele se apresentou o pequeno grupo de batuqueiros. Poucos dias depois, uma banda de blues partiu da cidade, arrastando a melodia do grupo para Nova Orleães. A partir de então, o arrastão se arrastou para outros recantos, outras medidas do mundo.

Já se ouve o batuque na Luisiana e na Nova-Guiné, em Paris e Calcutá. Em Serra Leoa, na Namíbia e, também, em Vera Cruz e Madagascar. Na Escócia e na Noruega, dizem que sua dança se aliou ao Ceilidh celta. Na Venezuela o batuque se juntou ao

cuatro, que é uma espécie de violão. Atravessando o leste europeu, ele se uniu ao russo e, então, suas loas foram escritas em cirílico, se misturando a costumes de seus falantes.

Muitos sentiram a resistência, o mesmo temor dos cidadãos de Jaraguá do Sul, um terror cujos fundamentos eles próprios desconheciam. Nada disso importava, pois do momento em que o apito ressoava, as vozes retumbavam e os tambores empenhavam a tremedeira, seus corações tremiam também, eles se estremeciam todos, todas e todes e seus corações pulsavam em um só ritmo, eram um ser só, se arrastando pelos diferentes confins do planeta.



Em 3 de dezembro de 2023, na Costeira do Pirajubaé, Ilha do Desterro, capital do estado de Santa Catarina (um dos polos difusores), uma senhora saiu de sua casa para benzer os batuqueiros.

Imagem: Alves (2023)

Há poucos meses, na Universidade Federal de Santa Catarina, ocorria um evento sobre um escritor irlandês chamado James Joyce. Convencidos de que o batuque havia se espalhado a partir de Dublin, estudantes, professoras e professores argumentavam, citando o escritor: “Se eu puder chegar ao coração de Dublin, posso chegar ao coração de todas as cidades do mundo”.

Na sala ao lado, pesquisadores do programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução investigavam manifestações concretas do conceito de “pura língua”, do filósofo alemão Walter Benjamin. Em uma palestra que foi bruscamente interrompida, eles e elas traçavam uma previsão. Evoluísse para outra fase o arrastão, e o simples ato de pensar no conceito de “batuque” bastaria para invadir um coração com o impulso indomável de reproduzir cada letra, som ou sinal que lhe estivesse associado, imitando o batuque dos tambores.

“O mais interessante”, eles e elas relatavam, “é que traduções deste conceito bantu em outras línguas fazem crescer exponencialmente o número de batuqueiros, batuqueiras, batuqueiros... batucando... batuque... batuque... batuque...”. E assim sua explicação teve de ser interrompida, por razões de força maior, enquanto da janela se ouviam os tambores chegando.

Desde então, muitos cientistas e acadêmicos/as conseguiram dedicar suas mentes ao arrastão, enquanto seus corpos ainda não o faziam. A diretora do Centro de Pesquisa em Epidemiologia Linguística do Rio de Janeiro fez referência ao filme de terror canadense *Pontypool* (2008) para descrever o fenômeno, que seria, segundo ela, um apocalipse às avessas: “e foi assim que o mundo deu certo”, explicou.

Próximo ou distante, diferente ou semelhante, o tudo veio a ser uma coisa só. Dizem que, no Havaí e no Haiti, o movimento havia começado muito antes de Jaraguá, mas que esperavam o toque de seus irmãos e irmãs para arrastar a todos que estavam naquelas ilhas. Nos templos da China e do Tibet, há indícios de que os monges haviam previsto do alto de seus sonhos milenares a chegada do arrastão. No Japão, ele fez com que o abraço se tornasse corriqueiro. Nem a Antártica escapou... seus cientistas, que já desenvolviam sotaque próprio ao frio do gelo, largaram os microscópios e passaram a cantar as loas de Jaraguá.

Concluo esta crônica com a seguinte questão: quanto tempo para que os outros animais, não humanos, também façam parte do arrastão? Dizem, mas apenas ouvi dizer... que na semana passada os golfinhos e elefantes começaram a dançar, suas nadadeiras e patas não ecoam mais um andar desconhecido, seus passos pisam no toque do batuque universal. Alguém sabe o que os polvos estão fazendo em suas tocas, afinal?



Imagem: Brum (2023)

REFERÊNCIAS

ALVES, Viviane. *Uma senhora sai de sua casa para benzer os batuqueiros*. (O grupo se autointitulava, com certa insistência, “Maracatu Arrasta Ilha”.) 3 dezembro 2023. Disponível em: <https://www.arrastailha.com.br/>. Acesso: 1 abril 2024.

BRUM, Helena. *Desenho reproduzindo a foto e o conceito do batuque*. 31 dezembro 2023.

MARCOS, Rogerio. Ilustração de coração humano. *Designi*. Disponível em: <https://www.designi.com.br/0c9416cc8bc8bc8d>. Acesso: 8 abril 2024.

ENSAIO DE ENCERRAMENTO



Capitu, a identidade e a engenhosidade feminina

Aurora Bernardini¹

Universidade de São Paulo

Comemorando a reedição das obras completas de Machado de Assis com a releitura de Dom Casmurro, aos 115 anos de sua morte (leio na Folha de 5/11/23), não consigo reprimir o impulso de rever, eu também, o comportamento de Capitu à luz dos conceitos de identidade, tão em voga atualmente.

Valho-me, para começar, de uma página (239) do magistral *Machado de Assis de Lúcia Miguel Pereira* (1998) onde ela indaga: “há a ideia central de saber se Capitu foi uma hipócrita, ou uma vítima de impulsos instintivos. Em outras palavras, se pode ser responsabilizada; e por aí entra na galeria machadiana das criaturas dirigidas por fatalidades poderosas e desconhecidas”.

A indagação me leva a uma aula de análise e interpretação de texto que tive o privilégio de assistir com Antonio Candido. Diante das várias interpretações que uma obra de arte permite, cada leitor escolhe a própria em função da impressão mais forte e – muitas vezes – imediata, que a obra lhe provocou. Claro que o passo seguinte é justificar e validar internamente e externamente essa primeira impressão, aparentemente pessoal. *Magister dixit*.

Ao final de Dom Casmurro, sob o impacto de minha leitura, parti do pressuposto de que Capitu agiu, sim, por impulsos instintivos no caso crucial em que ela “traiu” Bentinho, sem ser – porém – deles vítima, mas muito pelo contrário: não fosse pela “fatalidade” do rebento Ezequiel vir a ser a cara de Escobar, essa traição redundaria em benefício para ambos os cônjuges. Fica claro, no romance, que a “traição” não se deveu ao desamor de Capitu em relação a Bentinho, nem à curiosidade sexual ou a uma paixão arrasadora dela em relação ao frívolo Escobar (notório conquistador, junto com a mulher Sancha, que, dentro das liberalidades do casal, se ofereceu a Bentinho). Ao que se deveu então?

A resposta que eu mesma me dei tão logo cheguei ao fim do romance, respondendo à pergunta acima foi imediata: a traição deveu-se ao premente instinto de maternidade de Capitu, diante da possível infertilidade do marido, e são várias as pistas que Dom Casmurro nos dá, no final do romance, do desejo de um filho por parte de Bentinho, incapaz de satisfazê-lo. Segundo Fourier, visto por Calvino no livro citado (p.280),

¹ Professora da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: bernaur2@yahoo.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2559-7080>

o desejo de um filho é uma das quatro paixões do homem: ambição, amizade, amor, paternidade). A paternidade é justamente o que faltava “para coroar a felicidade do casal”.

Um ensaio de Judith Kegan Gardiner (1981) (“*On Female Identity and Writing by Women*”) que me havia surpreendido muito, no começo da década de 1990, publicado na revista *Critical Inquiry*, me forneceu, externamente, outras razões para justificar minha impressão.

Do ponto de vista puramente biológico – ou seja, como diz Italo Calvino em seu igualmente magistral livro *Assunto Encerrado* “... independente de qualquer intervenção redutiva da civilização” – diz Gardiner: “*The female has a specialized role as childbearer. Her biological structure, her unique ‘inner space’, is congruent with this role, and she seeks to fill and to protect this inner space, rather than forge into outward accomplishments. Therefore a young woman spends adolescence looking for the man through whom she will fulfill herself, and the natural stages of identity and intimacy are conflated for her*” (Gardiner, 1981, p. 350). [“A fêmea tem o papel especial de carregar o filho. Sua estrutura biológica e seu ‘espaço interior’ que é típico e único nela, é congruente com seu papel [na sociedade], sendo que ela procura preencher e salvaguardar [o fruto] desse espaço interior, mais do que se esforçar para encontrar outras realizações. Portanto, uma jovem mulher passa sua adolescência procurando o homem por meio do qual ela se realizará nesse sentido, e os estados de identidade e de intimidade [sexual], quando madura, estão combinados, são uma coisa só para ela”].

Justamente, no caso da mulher – reitera Gardiner – esse papel biológico que a leva a procurar quem preencha seu “espaço interno” e a defender o que disso advenha, coincide com seu papel social, ou seja, com o proposto pela “civilização”. Por isso sua identidade é mais estável que a do homem, cujo papel biológico de “semeador” não é bem visto por nossa sociedade (judaico-cristã) que, por sinal, tende a contrariá-lo. Mas, no caso de Bentinho – o narrador nos diz – só um filho faltava para a sua felicidade. O fato é que com o marido, Capitu não concebia. O irresistível do instinto da maternidade/paternidade de ambos os cônjuges leva-a a tentar outro semeador. A semente vinga, mas o fruto se torna aos poucos a imagem de Escobar, que Bentinho não pode aceitar.

Caso, porém, Machado (1839-1908) tivesse nascido um pouco mais tarde, ávido como ele era por leituras e espetáculos teatrais, não teria deixado escapar as peças de um dos dramaturgos mais famosos de seu século, Luigi Pirandello (1867-1936) e, em particular *O enxerto* (Pirandello, 2003), o que lhe teria permitido fazer com que Capitu, sem desmentir a relação com Escobar, convencesse Bentinho que, sem ele, ela não teria concebido Ezequiel e que, portanto, o filho era dele.

Vejam, em breves traços, o resumo da peça.

Laura Banti é vítima de um estupro de um desconhecido que desaparece sem deixar rastros, na Villa Giulia, um parque onde ela ia de manhã cedo, para pintar, perto de Roma, onde vive com o marido Giorgio, há vários anos, sem filhos. Da violência de que foi vítima, ela engravida. No estado de desamparo em que se encontra, retira-se com o marido para a casa de campo em Monteporzio onde, deitada numa espreguiçadeira, vê o jardineiro realizar enxertos nas roseiras do jardim. Ela se interessa pela técnica aplicada e o jardineiro lhe explica que, além do procedimento apropriado, para que o enxerto vingue é indispensável que a roseira esteja *in succhio* (no cio). Ao ouvir os como e os quando da explicação Laura tem como que uma fulguração e consegue convencer o marido de que se ela não tivesse estado *in succhio* por ele, jamais teria engravidado e que, portanto, o filho era dele e não do marginal que não passara de um instrumento.

REFERÊNCIAS

GARDINER, Judith Kegan. On Female Identity and Writing by Women. *Critical Inquiry*, v. 8, n. 2, p. 347-61, 1981. <https://doi.org/10.1086/448158>

PEREIRA, LÚCIA Miguel. *Machado de Assis: Estudo crítico e biográfico*. São Paulo: Edusp, 1998.

PIRANDELLO, Luigi. *O enxerto, o homem, a besta e a virtude*. Tradução de Homero Freitas de Andrade e Aurora Bernardini. São Paulo: Edusp, 2003.

